

2º ciclo de estudos

Mestrado em Sociologia

Os jovens e a habitação social: usos do espaço (estudo etnográfico)

Maria de Lourdes Gonçalves Gomes

M

2019



Maria de Lourdes Gonçalves Gomes

***Os jovens e a habitação social: usos do espaço estudo
(etnográfico)***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Vaz Trancoso Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Setembro de 2019

*Os jovens e a habitação social: usos do espaço (estudo
etnográfico)*

Maria de Lourdes Gonçalves Gomes

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Vaz Trancoso Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Sandra Cristina Lima Coelho
Universidade Católica do Porto

Professor Doutor João Miguel Vaz Trancoso Teixeira Lopes
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 13 valores

Sumário

<i>Declaração de honra</i>	7
<i>Agradecimentos</i>	8
<i>Resumo</i>	9
<i>Abstract</i>	10
<i>Índice de figuras</i>	10
<i>Introdução</i>	13
<i>Capítulo 1. habitação social, espaço urbano, culturas urbanas</i>	15
1.1. Uma breve abordagem do conceito de habitação social.....	15
1.2. Juventude, é somente uma palavra.....	19
1.3. «Subculturas» e violências urbanas.....	21
1.4. Culturas de classe urbanas.....	24
1.5. As classes populares em Portugal.....	25
1.6. Políticas públicas e sociais.....	29
1.7. O direito à cidade à cidade.....	33
<i>Conclusão</i>	36
<i>Capítulo 2. Dimensão metodológica</i>	37
2.1. Etnografia: evolução, origem e dimensão histórica.....	37
2.2. Questão de partida, “problemática”.....	41
2.3. Métodos de abordagem, técnicas de recolha e instrumentos de análise.....	43
<i>Conclusão</i>	45
<i>Capítulo 3. Os jovens e a habitação social: usos do espaço (estudo etnográfico)</i>	46
3.1. Contextualização do terreno pela via da observação direta, fotografias, diário de campo, pesquisa via web, entrevistas e documentos.....	46
3.2. Interação e socialização intergeracional.....	53
3.3. Práticas socioculturais no espaço urbano.....	63
<i>Conclusão</i>	76
<i>Capítulo 4. Conclusões e Recomendações</i>	77
<i>Referências bibliográficas</i>	83
<i>Webgrafia</i>	85
<i>Anexos</i>	86

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho de dissertação é da minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência que a prática de plágio e auto plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 26 de setembro 2019

Maria de Lourdes Gonçalves Gomes

Agradecimentos

À minha filha. Por me ter ouvido nos dias menos radiantes, em que eu precisava de mudar de ideias e de conversar.

Às pessoas que me abriram portas e estiveram disponíveis, abertas e me deram algum do seu tão precioso e por vezes escasso tempo, para me transmitirem toda a informação de que necessitei para a realização deste projeto de dissertação.

Muito especialmente, ao meu orientador Professor Doutor João Miguel Vaz Trancoso Teixeira Lopes por toda a sua disponibilidade e rigor que me conduziram durante esta etapa, desde o início até a esta fase do processo.

Um imenso obrigada.

Resumo

Tendo como objeto de estudo as culturas urbanas juvenis em espaços de habitação social, a presente dissertação tem por objetivo compreender por quem e como as práticas socioculturais nestes espaços são organizadas, postas em prática e mostradas ao público na perspetiva de uma cidade como obra coletiva, com base num estudo exploratório em conformidade com o método qualitativo da corrente etnográfica assente no modelo hipotético indutivo.

A requalificação do espaço público urbano numa perspetiva de promoção das culturas juvenis num bairro de habitação social constitui uma das preocupações das políticas públicas de inovação social, lado a lado com as políticas de ação social, da educação e da cultura a nível local, incluídas no direito à cidade, inscrito no espaço das relações e interações humanas como espaço vivido e conquistado.

A partir de um trabalho de campo sobre os jovens que vivem em casas de habitação social, neste caso os jovens do bairro das Saibreiras em Ermesinde, cedo se observou que era inconcebível fazer um projeto de estudo somente relativo aos jovens aqui residentes, porque foram implementados projetos desde 2013 pela Câmara Municipal de Valongo, nomeadamente *o meu bairro não tem paredes* e o projeto *divisão da cidadania e juventude*, executado pela Casa da Juventude de Ermesinde abrangendo todos os jovens do Conselho.

Deste modo, todas as atividades socioculturais e socioprofissionais concelhias dirigidas aos públicos juvenis foram objeto de análise.

O trabalho finaliza com um conjunto de recomendações no âmbito das políticas locais de juventude, educação e cultura.

Palavras-chave: Cidade; Espaço urbano; Jovens; Políticas públicas; práticas socioculturais.

Abstract

Having as its object of study the urban youth cultures in social housing spaces, this dissertation aims to understand by whom and how the sociocultural practices in these spaces are organized, put into practice and shown to the public from the perspective of a city as a collective work, based on an exploratory study in accordance with the ethnographic qualitative method based on the hypothetical inductive model.

The upgrading of the urban public space with a view to promoting youth cultures in a social housing district is one of the concerns of public policies for social innovation, alongside the policies of social action, education and culture at the local level, included in the right to the city, inscribed in the space of human relations and interactions as a lived and conquered space.

From field work on young people living in social housing, in this case the young people from the Saibreiras, neighbourhood of Ermesinde, it was soon observed that it was inconceivable to do a study project only on young people living here, because they were implemented projects since 2013 by the Municipality of Valongo, namely the project *my neighbourhood has no walls* and the project *division of citizenship and youth*, executed by the Youth House of Ermesinde covering all the youth of the municipality.

Thus, all sociocultural and socioprofessional activities directed at youth audiences were analysed.

The paper concludes with a set of recommendations within the framework of local youth, education and culture policies.

Keywords: City; Urban space; Young people; Public policies; Sociocultural practices.

Índice de Figuras

Figura 1. fotografia 1.....	48
Figura 2. fotografia 2.....	49
Figura 3. fotografia 3	51
Figura 4. fotografia 4.....	54
Figura 5. imagem 1.....	64
Figura 6.imagem 2.....	70
Figura 7. fotografia 5.....	99
Figura 8. Fotografia 6.....	100
Figura 9. Fotografia 7.....	101
Figura 10. Fotografia 8.....	102

“A razão da arte não é ela a de ir buscar ao fundo da multidão infinita o desconhecido que aí se acreditava só e voltar a colocá-lo no circuito comum para que ele volte a participar no ritmo universal?

Apresento Georges Navel, operário das cidades e dos campos, escritor, poeta francês”.

Paul Géraldy (in Navel, 2004)

Introdução

O fio condutor deste projeto de dissertação consiste num trabalho exploratório no domínio das práticas culturais incluídas no contexto de requalificação do espaço urbano, nomeadamente mais direcionado para os jovens de habitação social.

Acontece que o estudo inicialmente pensado e orientado para este espaço cedo se alargou não só ao espaço da cidade de Ermesinde como a todo o Conselho de Valongo.

Nesta mesma lógica tentou-se compreender e equacionar uma análise sociológica enquadrada nas várias componentes do trabalho de campo feito no e sobre o bairro das Saibreyras em Ermesinde e a forma como a interação social entre o lugar das Saibreyras e o empreendimento social em colaboração com as políticas públicas e sociais, souberam gerir situações aparentemente difíceis de inverter. A observação direta do terreno nem sempre se ajustou com alguma da informação recolhida durante as entrevistas, nem com alguns indicadores da dimensão das políticas públicas.

Em conformidade com o trabalho de campo e respetiva análise e interpretação indutiva, tentou-se discernir algumas hipóteses encontradas a partir da inter-relação entre práticas socioculturais; formação socioprofissional; políticas públicas e sociais; artes.

Assim a presente dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro destinase à Habitação social, Espaço urbano e Culturas urbanas, dividido respetivamente pelas diversas componentes: breve abordagem do conceito de habitação social; juventude, é somente uma palavra; subculturas e violências urbanas; culturas de classes urbanas; as classes populares em Portugal; políticas públicas e sociais; direito à cidade. Ao longo deste capítulo teve-se como objetivo a formulação do enquadramento teórico. Deste modo, tentou-se mobilizar o conhecimento académico adquirido com o cruzamento do conhecimento dos diferentes autores para chegar à primeira etapa da componente teórico-empírica deste projeto de estudo qualitativo baseado na metodologia etnográfica.

No segundo capítulo, apresentam-se os Métodos de abordagem, técnicas de recolha, instrumentos de análise de dados; questões de partida e “problemáticas”. O fundamento deste capítulo foi o de fixar os alicerces metodológicos que alimentaram todo o procedimento científico da presente dissertação até à fase exploratória, como também mostrar quanto é difícil definir o conceito de etnografia dada a sua imbricação em várias

ciências sociais. Mas, também, discernir a originalidade de fazer sociologia por meio de métodos qualitativos e de ferramentas de análise utilizadas em disciplinas outras que a sociologia.

No terceiro capítulo trata-se da contextualização do terreno, utilizando as ferramentas de observação direta, diário de campo, fotografias, entrevistas e documentos. De igual modo, observam-se e analisam-se a interação e a socialização intergeracional, bem como as práticas socioculturais no espaço urbano.

No quarto capítulo apresentam-se as conclusões, tendo em vista a elucidação de pistas que permitem melhorar as políticas públicas de animação cultural, inovação social e socialização juvenil holística.

Capítulo 1 – Habitação social, Espaço urbano, Culturas urbanas

1. 1 – Uma breve abordagem do conceito de habitação social

O conceito de habitação social é inerente ao conceito de cidade, o que nos encaminha para as culturas de classes urbanas.

“ A percepção da cidade aqui não é de ser mais global ou sintética: pelo contrário, o que se procura referenciar é a maneira como se efetua a apropriação do espaço pelos grupos sociais dos ambientes urbanos específicos que compõem uma cidade: quais são as formas de particularização em obra nas definições de um território, quais são os seus modos de delimitação (já que não se trata nem de fronteiras nem de barreiras materializadas), quais são os tipos de recomposição? A última questão coloca o acento na dupla dimensão do território: não sendo nunca fixo nem definitivo, a sua manutenção, a sua deslocação – ou o seu desaparecimento – devem-se ler simultaneamente no espaço e no tempo. Por esta razão se utiliza aqui o termo de *territorialidade* que pela sua desinência, reenvia a uma realidade mais imponderável, tendencial e integra assim como aos riscos temporais no espaço urbano” (Raulin, 2007, p.105).¹

Não será o espaço-tempo urbano a percepção, a pretensão, de um lugar vocacionado para conflitos de interesses com poder de dominação, seja ela simbólica, cultural, económica ou até mesmo política?

Na verdade, “existe um efetivo recentramento político nas questões da produção e utilização do espaço-tempo. A modernidade e a sua dimensão evolucionista situavam o progresso numa linha temporal. Agora é impossível desespacializar a ação humana, precisamente porque é em torno do espaço que se orientam as logicas económicas e simbólicas do capitalismo avançado. O capital, de facto, ao possuir, aparentemente uma lógica a- espacial (desterritorialização das unidades produtivas e dos próprios centros de poder; desgaste rápido das mercadorias em permanente rotação, capital-vodu ou fictício), coloca em relevo *a contrário*, a espacialização das práticas sociais, em particular se pensarmos nos seus conteúdos emancipatórios” (Teixeira Lopes, 2002, p.77).

¹ Todos os textos de autores estrangeiros foram e vão ser traduzidos por mim.

O aparente distanciamento do conceito de habitação social, mais não é que subjetivo, tendo em conta que a empírea requer uma forma de diálogo entre os autores e o investigador.

A habitação social deve ser enquadrada num contexto urbanístico de exclusão social, pois “entre os fatores estruturais que submetem os jovens dos três bairros sociais² da cidade do Porto a constrangimentos que lhes restringem as oportunidades de acesso a recursos fundamentais, para participar em modos de vida compatíveis com os padrões dominantes nas modernas sociedades consideradas desenvolvidas, destacam-se, com preponderância não desprezável, os que remetem para a construção do espaço, designadamente para a localização espacial dos grupos sociais segundo uma lógica de separação *verso* concentração” (Queiroz & Gros, 2002, p. 125).

Poder-se-ia conjugar o conceito de desigualdades sociais, espaços urbanos desqualificados e cultura das classes populares, dado que existem processos de segregação voluntária por parte das classes dominantes. Não obstante e segundo afirmações de certos autores, “um território desqualificado não constitui um espaço desprovido de redes de relações de vizinhança e sociabilidade de entreajuda, pelo contrário. O processo de desqualificação tem também como efeito a geração de um efeito de identidade entre os residentes destes territórios assim como o reforço relacional” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017. P. 127).

Contudo, e, debruçando-nos atentamente sobre um estudo das dinâmicas de desigualdades sociais nas sociedades contemporâneas em contextos globalizados apercebemo-nos de que os bairros de habitações sociais são, cada vez mais, lugares de relegação social, pouco valorizados pelas instituições quer seja por razões sociais, económicas, políticas e até simbólicas e ideológicas. Como exemplo o caso do grupo de jovens contactados (em França) – “dizem que são os processos sociais que os marginalizam, as políticas que os estigmatizam, dizem-se vítimas ao ponto de falarem de um «racismo anti jovens», (...) Nem sequer nos ouvem, a nós os jovens, verdadeiramente existem dias em que sinto raiva. Pedimos um lugarzinho para estar tranquilos pelo menos à noite ou durante o dia para nos pousar. Não, é impossível. Dizem-nos ‘vão para casa’”. Somos obrigados a marcar encontro na rua, depois há aqui truques que acontecem, e eis,

² - Pasteleira, Dr. Pinheiro Torres e Rainha D. Leonor

isto é culpa nossa. A reivindicação de um lugar para si, é tanto mais importante quanto mais ela se acompanha do sentimento de não ter lugar em parte alguma” (Ecker & Faure, 2007, p. 122).

Mesmo assim, nem tudo se passa da mesma forma e em todo o lado, a partir do método de estudo baseado na teoria da prática, efetuado por Virgílio Borges Pereira sobre uma amostra da população da cidade do Porto, declara o autor que, “a regularidade das atividades de lazer sociável nas sociabilidades públicas locais da população em estudo é relevante. Falar com os amigos na rua das vizinhanças ou passear neste mesmo contexto são práticas correntes nos ritmos quotidianos da população em estudo” (Pereira, (2005).

Deve dizer-se que, “são particularmente significativas algumas das características sociais dos quadros de relações aqui estabelecidos. O núcleo mais marcado pelos investimentos sociabilitários e muito regulares no contexto público local destaca-se pela assinalável presença de agentes do sexo masculino, jovens (15-24 anos) e solteiros (ou vivendo em união de facto). Caracteriza-se ainda este núcleo pelo relevante protagonismo de estudantes, desempregados e de agentes pertencentes a contextos territoriais específicos da cidade – a área central e o núcleo antigo” (Pereira, 2005, p. 271).

Poder-se-ia afirmar que nas diversas situações e posicionamentos sociais não existem determinismos, porém existem constrangimentos sociais.

O método de pesquisa que se escolhe também pode influenciar o posicionamento do investigador, “na introdução da sua obra, Dubet expõe os primeiros momentos do seu inquérito e conta as dúvidas do investigador errante nas «cités» das HLM,³ à procura de factos tangíveis. A experiência da galera caracteriza-se pela incerteza, a flutuação, a formação de redes frágeis, a delinquência pouco espetacular, a diluição das relações sociais, a violência sem objeto, etc., Dubet justifica o método da intervenção sociológica pela impossibilidade de recolher por outros meios um material consistente e sólido, oferecendo possibilidades de análise serias. É verdade que a escolha de um método depende da natureza das perguntas postas. E a hipótese central da «galera» como «ação de classe perigosa», inscrevia-se precisamente na ótica da sociologia da ação em que um dos objetivos de destaque é o de favorecer a tomada de consciência dos atores e, partindo ajudar a génese dos movimentos sociais” (Lepoutre, 2001, p.23).

³ - Acrónimo de habitações arrendadas pela Câmara Municipal - corresponde em Portugal às habitações sociais

Mas, se esta intervenção sociológica de François Dubet tivesse sido feita após os anos 1980, e se tivesse observado a existência de bandos, organização e afrontamentos interétnicos, ele poderia ter registado esta situação dentro do conceito de subcultura urbana e não dentro do conceito de galera orientado para um registo de exclusão.

O que acaba de ser referido em ambos os parágrafos precedentes, são situações vivenciadas na sociedade francesa nos ditos «sensíveis» bairros sociais, lugares de reputação «perigosa». Porém, verificou-se que o estudo realizado em três bairros sociais na cidade do Porto apresenta características semelhantes. As autoras da investigação falam de espaços etiquetados como «perigosos».

De acordo com a investigação acima referida, “as conotações negativas atribuídas ao território tendem a afetar o valor dos moradores na escala de prestígio social, o que, associado à acumulação de pessoas que partilham características muito idênticas, gera fenómenos interativos com implicações muito sérias sobre a socialização, em particular sobre os mais jovens” (Queiroz & Gros, 2002).

Dito de outro modo, “às dificuldades materiais inerentes a condições de habitação que, muitas vezes, estão longe de representarem uma boa condição de vida, acrescem as privações de outro tipo, tais como as que remetem para o ostracismo e o desprezo de que são alvo os bairros conotados com a pobreza” (Queiroz & Gros, 2002, p.126).

A existir relativização da pobreza num mundo globalizado, o conceito de pobreza tende a ser politizado. Nos dizeres de Eduardo Vítor Rodrigues “ocorre um processo de *naturalização* da pobreza: ela vem sendo entendida como fatalidade, fruto da globalização económica e, portanto, tratada como um fator externo à nossa realidade e fora do controle nacional e do Governo” (Rodrigues, 2010). Consecutivo e “em consequência da aliança da elite política governante nos últimos anos, verifica-se a

associação de representantes da mais tradicional oligarquia com os setores industriais e financeiros potencialmente mais modernos, numa estranha combinação que acaba por favorecer o retorno ao passado, também recente, dos tempos autoritários. De facto, a pobreza como problema social somente ganha presença no panorama político quando é descodificada tecnicamente como questão social” (Rodrigues, 2010, p. 246).

A pobreza social é o principal vetor gerador de desigualdades, “repare-se como a insistência no social se reduz, uma vez mais, à referência a «pessoas vulneráveis», atomizando e individualizando as desigualdades, cingindo-as a traços de caracter,

geralmente tidos como defeituosos ou deficitários, o que abre as portas à psicologização, estigmatização e patologização das franjas mais desprovidas das classes populares.

Mais uma vez, é como se os «pobres» e os «ricos» fossem entidades separadas e existissem, uns e outros, lado ou a lado ou sem se relacionarem” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017, p. 195).

A decadência da solidariedade mecânica nas sociedades modernas pode levar a um retrocesso no campo social e, cair-se num certo tradicionalismo social como por exemplo quando, “tradicionalmente, se encontrava na família e na vizinhança a proteção necessária á solução dos problemas que a vida oferece. A estrutura social era constituída por comunidades concêntricas, onde o Estado aparecia demasiado distante” (Fernandes, 1988, p. 281).

O fim da indústria tradicional e o evidente crescimento das sociedades do conhecimento a partir de 1960, em todos os países desenvolvidos, conduzem as sociedades modernas a uma nova estrutura de organização e orientação.

“Com a setorização da sociedade e a alteração das condições económicas e os níveis de posse, aquele apoio facultado pelas coletividades é transferido para o Estado, que, para isso, cria as instituições adequadas. O poder governamental aproxima-se, então, das pessoas através de uma alargada rede de segurança social. Em vez, portanto, do ideal progresso, que uma tal forma de Estado se propunha realizar, é o conceito de mudança que hoje tende, aparecer com mais frequência no conceito político. Através das fraturas, ou mesmo das ruturas, das instituições sociais, cria-se o espaço para o refazer da vida dos povos. A história é conduzida por uma lei da dialética” (Fernandes, 1988, p. 284).

1.2 – Juventude, é somente uma palavra

Pierre Bourdieu lembra que “as divisões entre as idades são arbitrárias.

É o paradoxo de Pareto dizendo que não se sabe em que idade começa a velhice como não se sabe onde começa a riqueza. Com efeito, a fronteira entre juventude e a velhice é em todas as sociedades um jogo de luta” (Bourdieu, 1981).

Torna-se, torna-se inevitável falar de jovens sem falar do percurso escolar dos mesmos.

Assim como da origem social das suas famílias e analisar a forma como estas dimensões implicam nos seus futuros projetos de vida.

“No caso dos jovens habitantes dos bairros de habitação social em estudo, é, sem dúvida um dos indicadores que mais denuncia a persistência de mecanismos de seleção inerentes ao próprio funcionamento do sistema de ensino, muito especial o contributo para a criação de uma categoria socialmente muito vulnerável, com fortes probabilidades de protagonizar trajetórias sociais de exclusão” (Queiroz & Gros, 2002).

“Numa sociedade onde as oportunidades sociais dependem cada vez mais dos títulos escolares e da compreensão de que os saberes devem ser atualizados ao longo da vida, muitos dos jovens que se confrontam com o insucesso escolar acabaram por interiorizar atitudes de desistência e de renúncia quanto às possibilidades de influenciarem o seu futuro” (Queiroz & Gros, 2001, p.107).

Os pressupostos da exclusão social podem ser tratados através de determinadas construções sociais, nomeadamente ligadas às famílias e às suas origens sociais, tendo em conta que as desigualdades sociais são estratégias inerentes a todas as sociedades de classes, estruturadas e que todas as estruturas são hierarquizadas e fundamentadas no poder.

“O que está aqui em causa é a dificuldade de compreender que os alunos que não herdaram no seio da família uma cultura próxima da que a escola cultiva são submetidos a um processo de aculturação, necessariamente dolorosa e cuja concretização é inviável sem a estimulação da autoimagem positiva e da convicção nas próprias capacidades para progredir nos estudos” (Queiroz & Gros, 2002).

“Quando o divórcio cultural entre a família de origem e a escola é reforçado por outras marcações negativas que, como é o caso das que são associadas a um determinado tipo de habitat residencial, desencadeiam tentativas de encontrar uma proteção no grupo de semelhantes, nasce uma engrenagem extremamente destruidora das possibilidades de aquisição dos recursos educacionais fundamentais “(Queiroz & Gros, 2001, p. 19).

Será o sistema de ensino, as instituições sociais e a reprodução de classes – o cerne de uma certa segregação social que afeta os jovens mais vulneráveis?

Segundo Pierre Bourdieu “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o facto de falar de jovens como de uma unidade social, de um grupo

constituído, dotado de interesses comuns, e de reportar esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui desde logo uma manipulação evidente.

“Um dos empréstimos interessantes do trabalho de Thavenot, é de mostrar que, entre as posições extremas, o estudante burguês e, na outra extremidade, o jovem operário que nem sequer teve adolescência, encontramos hoje todas as figuras intermediárias” (Bourdieu, 1981).

Tendo-nos sido informado da existência de uma verdadeira polarização entre jovens em função da sua condição social, nota-se que – “um dos fatores desta interferência de oposições entre as diferentes juventudes de classe, é o facto de as diferentes classes sociais acederem de maneira proporcionalmente mais importante ao ensino secundário e que, do mesmo jeito, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tiveram acesso à adolescência, descobrem este estatuto temporário, «metade-criança metade adulto, «nem criança nem adulto». Creio que é um facto social muito importante” (Bourdieu, 1981, p. 145-146).

A suposta inaptidão de jovens que ingressam no ensino secundário estará associada às competências não adquiridas e as vias pelas quais passam as desigualdades de aquisição das mesmas.

“Nas ideias do senso comum é ainda vulgar associar-se o desempenho escolar às qualidades individuais e/ou inatas, obscurecendo o peso das origens sociais na abertura e/ou fechamento de possibilidades. Na abertura, as virtudes ou defeitos irredutivelmente pessoais, tudo dependeria da «vontade», «capacidade», «empenho» ou «mérito» dos estudantes. No fechamento, a biologia ditaria as suas sentenças imutáveis: nasce-se «burro» ou «incapaz», ou com fracas «capacidades cognitivas». Contra estas narrativas, tão persistentes na sua teimosia, importa chamar a força da estatística, que longe de ser por si só uma evidência indiscutível (até porque os números são construídos de acordo com indicadores que remetem para quadros teóricos e ideológicos de referência), ajuda, contudo, a balizar a discussão” (Teixeira, Louçã & Ferro, 2017, p. 88).

1.3 – «Subculturas» e violências urbanas

“A noção de «subcultura» atrai um interesse crescente em relação ao desenvolvimento de um mercado da cultura mais especificamente destinado aos jovens:

ela aparece como fonte de toda uma produção musical (rap), pictural (tags, graffiti), estilos corporais e danças (hip-hop) e também formas de vestuário, formas linguísticas, que não somente difunde junto dos jovens da mesma geração como também junto dos seus iniciadores, mas influencia ainda correntes de expressão e de moda fortemente distanciadas das suas origens” (Raulin, 2007, p.149).

O legado da Escola de Chicago foi primordial no desenvolvimento da sociologia urbana e no estudo das respectivas subculturas e violências. “Um dos primeiros a teorizar esta noção é uma vez mais um sociólogo da Universidade de Chicago Albert Choen, que, nos anos 1950, procurou sintetizar numerosos trabalhos já realizados sobre o fenómeno dos bandos de jovens. Lembremo-nos também do estudo de Thrasher publicado em 1927 sustentando 1 313 bandos e interessando-se mais particularmente ao fenómeno do apego ao território local que eles desenvolvem – o que leva o autor a qualificá-lo de *gangland* (ou «terra de bandos»). Esta defesa do território manifesta-se pela via dos afrontamentos interétnicos amiúde remanescentes de conflitos já manifestos antes da imigração, na velha Europa. Os bandos aparecem globalmente como uma forma de organização social, mas diferem entre eles pelo seu grau de estruturação, o seu carácter delinquente ou não, a sua implicação nos atos criminais, e desenvolvem estilos próprios a cada um de entre eles” (Raulin, 2007, p. 150).

“Quanto ao contributo da Escola de Chicago ele reside na abordagem do acentuado crescimento urbano com um processo que destrói as relações sociais primárias e conduz ao desmoronamento dos mecanismos e estruturas que tradicionalmente asseguravam a integração social dos indivíduos” (Queiroz & Gros, 2002, p. 127).

“A perda de referências e identificações habitualmente fornecidas pelo grupo primário (família e comunidade de vida local) impele os jovens a procurar outras maneiras de responder às suas necessidades de integração e segurança. A constituição do “bando” surge assim como um modo de fazer face à crise desencadeada por um envolvimento social que se desfaz. O “bando” assume a função de redefinir, numa base territorial, normas, papéis e estatutos indispensáveis à regulação dos comportamentos e ao restabelecimento da coesão social. É uma forma de organização espontânea nos interstícios do espaço urbano e do sistema social que difere dos modelos dominantes, tanto os da pré-industrialização como os da plena industrialização e expansão da cidade” (Queiroz & Gros, 2002, p. 128).

“Os indivíduos e os grupos mantêm com o espaço e com o território uma relação tendencialmente individualizada e assente em critérios de residência, de consumo ou de trabalho, aspetos fortalecidos pelo contexto emergente após a industrialização. Este contexto facilitou o empobrecimento de largas camadas sociais assim como viabilizou a emergência de movimentos migratórios que induziram novos sentimentos de insegurança e de medo nas representações sociais dos sujeitos da malha urbana, ela própria cada vez mais individualizada” (Rodrigues, 2010, p. 182). “Passou, deste modo, a conviver-se com o medo do «novo pobre urbano». Estamos, portanto, perante fatores de intranquilidade que promovem fechamentos defensivos de grupos sociais, que passam a exigir do Estado um conjunto de políticas sociais tendencialmente repressivas, porque acredita-se que deste modo serão passíveis de intervir com maior nível de sucesso nos problemas sociais e de insegurança” (Rodrigues, 2010, p.183).

Se bem que antropológicamente falando, “o homem, como ser em devir, vive numa permanente procura dialética entre a ordem e a desordem, o equilíbrio e a mudança. Tanto se esforça por criar quadros bem delimitados em que a sua existência se desenrole ao abrigo dos imprevistos, como produzir a energia para os destruir, por mais rígidos e firmes que se apresentem” (Fernandes, 1988, p.272).

Poder-se ia concluir que o conceito de conflito e de insegurança são inerentes às dinâmicas das desigualdades sociais.

“Pierre Bourdieu à semelhança de Marx, apresenta uma perspetiva forte das desigualdades sociais, considera que as classes são relacionadas e atravessadas pelo conflito. Bourdieu recupera do legado de Weber – a ideia da pluralidade causal na explicação e compreensão dos fenómenos sociais, procurando constantemente uma síntese entre as oposições: sujeito/objeto, ação/estrutura e simbólico/material, propondo assim uma articulação entre o estudo das identidades – *lugar* e *sentido de lugar*. Na primeira determina o sistema de relações sociais. Na segunda partilha referências simbólicas de identificação e de demarcação face a grupos de pertença ou de referência, remetendo assim, para a objetivação de processos sociais de «produção, de fusão/circulação e apropriação sociais» de sentido. O autor «Bourdieu» vai propor uma conceção multidimensional do *espaço social*, onde os diferentes campos, dotados de autonomia relativa – campo económico, cultural, político, científico e artístico, e ancorado em diversas fontes do poder e entidades como capitais desigualmente

apropriados: económico, político, cultural, social e simbólico” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017, p. 288).

1.4 – Culturas de Classe urbanas

Na atualidade, o estudo dos meios sociais urbanos nos vários países da Europa e Estados Unidos da América, é rico em dezenas de anos de pesquisa cruzando sociologia e antropologia onde as classes sociais emergem e, de forma privilegiada, a classe operária e grande burguesia, dado que foram sempre conhecidas por uma forma de territorialidade característica tanto nas cidades de hoje como nas cidades de ontem.

“O rol histórico da burguesia na constituição das cidades, em particular na época medieval, já não tem de ser demonstrado, o que interessa agora, é a atualidade da sua função no desenvolvimento urbano contemporâneo” (Raulin. 2007, p.105).

Segundo o autor, “este aspeto das coisas pode ser hoje posto em perspetiva graças à abundância e à qualidade dos trabalhos recentes que portam sobre a grande burguesia – um meio social distinto do que se chama de uma forma comum as «classes superiores», esta especificidade constitui um jogo sociológico em si, o que interessa particularmente a reflexão urbana no que este meio possui entre as suas numerosas particularidades a capacidade e o poder de fabricar e de transmitir «património urbano», tanto em valor imobiliário como em estilo arquitetural, conceção de espaço habitado, privado e público e de estilo de vida” (Raulin, 2007, p.106).

Tanto a territorialidade como os diferentes tipos de capital são aquisições necessárias para a condição e definição de pertença social. Os últimos foram concetualizados por Bourdieu, ou seja, capital: económico, social, cultural e simbólico, a burguesia acumula-os todas à sua maneira.

A existir uma territorialidade, também existem diferentes tipos de capital para a burguesia, no sentido de reprodução de classe, existe também uma territorialidade e um ethos «ethos» para a classe operária, porém a primeira tem apesar de tudo os meios necessários para se opor aos diversos fatores que a ameaçam e a segunda parece não ter resistido aos arremessos do tempo. A hegemonia da classe operária perdeu pouco a pouco a sua essencial consistência em favor da noção de classes populares, tendo estas últimas se tornado uma expressão recorrente no espaço público desde o fim dos anos 1990.

“Olivier Schwartz, defende o uso da noção «classes populares» para descrever uma parte da sociedade francesa contemporânea, na condição de compreender as novas formas de dominação às quais estas categorias estão submissas. Em seu entender, o recurso a categorias tais como «classes populares» ou «meios populares», para os descrever, eles tinham fortemente perdido a sua legitimidade. Foi necessário esperar pelo fim dos anos 1990 e 2000, para que uma grelha de leitura das classes populares e dos meios populares pudesse reencontrar nos sociólogos, no mundo político, no mundo intelectual e nos media uma certa audiência”⁴

Porém a percepção de «classes populares» em Portugal não é a mesma como por exemplo em França.

Segundo um estudo feito por Virgílio Borges Pereira e Yasmine Siblot, e num artigo publicado em 11 de outubro 2017 “que visa explicitar a dificuldade encontrada aquando a comparação entre os trabalhos que analisam as classes populares em França e sobre os mundos operários em Portugal. Os trabalhos discutidos demonstram bem nos dois casos a pertinência de análise das posições e relações de classe para compreender as desigualdades sociais. A estrutura dos espaços sociais e a maneira de definir as classes e de as identificar empiricamente não são idênticas. De um lado, a estrutura dos empregos, o peso respetivo da indústria e do mundo rural, as políticas de escolarização, o lugar do Estado ou ainda as práticas migratórias diferem. Do outro lado, as formas de categorização distintas são mobilizadas para pensar o mundo social. É particularmente manifesto no que concerne as classes populares. Enquanto que a sociologia francesa opera no alargamento progressivo da sociologia operária para a sociologia das classes populares, tendendo a reaproximar nas análises os mundos operários e empregados, estes dois universos sociais permanecem amplamente separados na sociologia portuguesa”⁵

1.5 – As Classes Populares em Portugal

⁴ - Fonte - Web grafia

⁵ - Fonte – web grafia

As classes populares em Portugal, supostamente já não são somente caracterizadas pela desigualdade social como acontecia tradicionalmente. Pois surgem novas formas de desigualdade de classes, associadas à precariedade do emprego, a globalização e à acentuada dinâmica de mudança nas sociedades contemporâneas. Elas cedem espaço a novas formas de desigualdade.

Focalizamo-nos aqui nas desigualdades “socio-espaciais de diferenciação e segregação do espaço público urbano, pela sua relevância na análise de processos de exclusão/integração social. Ou ainda pelos efeitos produzidos na estrutura social a partir de mecanismos de produção e reprodução de desigualdades. Todavia espera-se criar contextos de sociabilidade entre classes e grupos sociais. Propõe-se pensar a produção cultural de classes populares a partir de uma leitura do espaço urbano, que permita o planeamento para gerar contextos vividos com diferentes intensidades em diversas modalidades de ação. As classes populares encontram-se fortemente representadas nas culturas urbanas. O espaço físico que elas ocupam é-lhes muitas vezes negado, levando-as a buscarem simultaneamente um espaço social” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017).

“Após uma análise pormenorizada das culturas urbanas nas cidades contemporâneas, restam dúvidas sobre a homologia entre espaço físico e espaço social, embora Bourdieu considere que o espaço social se traduz também em espaço físico” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017, p. 135).

“A cidade é, cada vez mais, um espaço de distribuição de nacionalidades e de culturas, o qual assume uma lógica e uma racionalidade próprias de localização seletiva no interior do espaço urbano «Mongin, 2005». Daí que, para os habitantes mais carenciados das zonas periféricas ou suburbanas, prevalece muitas vezes uma clara dissociação entre os espaços de residência e os espaços de inserção. Como sustenta António Teixeira Fernandes «1992: 86», «a descontinuidade do urbano traduz uma falta de integração que pode dar origem a um sentimento de insatisfação, de exclusão, e, por vezes a lutas sociais»” (Rodrigues, 2010, p. 105)

“As periferias em geral e os «quarteirões sensíveis» em particular «acumulam os principais fatores de insegurança: fortes taxas de desemprego, empregos precários e atividades marginais, habitação degradada, urbanismo sem alma, promiscuidade entre grupos de origem étnica diferente, presença permanente de jovens sem ofícios que parecem exibir a sua inutilidade social, visibilidade de práticas delinquentes ligadas ao

tráfico de droga e aos negócios escuros, frequência de “incivilité”, de momentos de tensão, de agitação e de conflitos com as “forças de ordem”, etc. A insegurança social e a insegurança civil recortam-se aqui e mantêm-se uma à outra «Castel, 2003: 53» (Rodrigues, 2010, p. 106)

Já nos foi informado de que o espaço físico é muitas vezes inacessível à prática de culturas urbanas das classes populares. “Contudo a relação com este espaço contribui direta ou indiretamente para a formação de classes sociais. É um mediador de diferentes recursos sociais. Não espanta que na presente investigação detalhada se destaquem importantes vetores de diferenciação social que se materializam no espaço físico. Agora, temos condições para procurar captar as eventuais relações sociais existentes entre territórios citadinos e classes sociais” (Pereira, 2005).

“Há aqui com grande clareza, terreno para delinear vetores de divisão espacial socialmente construídos que importa evidenciar. A divisão geográfica da cidade tem vindo a servir de referência para verificar que as divisões sociais do espaço estão presentes na cidade e que atravessam a referida divisão geográfica de um modo intenso” (Pereira, 2005, p. 185).

No âmbito mais abrangente do conceito cultura e, no entender de Maria de Lourdes Lima dos Santos – “afirma-se com frequência nos meios de comunicação de massa que cultura é tanto a cultura cultivada como a cultura popular, mas que permanecem, contudo, obstáculos a uma análise que contemple uma e a outra nas suas dimensões histórico-sociais e poder-se-ia dizer que as designações da cultura cultivada e da cultura popular tendem resistir como noções a-históricas, cada uma delas ilusório conjunto de elementos coesos, reproduzindo-se para além do tempo como dois corpos de saber míticos (um dos «clássicos», outro do «povo»)”⁶

“No romantismo as classes populares constituíram sempre o povo sofrido e silencioso, isolado da palavra, incapaz de protagonizar um levantamento ou um protesto. No neorrealismo, oscila-se entre a denuncia das miseráveis condições de vida de um povo rural e oprimido por clérigos e latifundiários, às tomadas de palavra e à consciencialização da luta de classes, não raras vezes representadas por episódios de revolta que, apesar de

⁶- Fonte – web grafia

vencidos os trabalhadores, deixavam a marca e o exemplo para o futuro. Nas palavras dos autores contemporâneos, as relações de exploração surgem na trama de construções das subjetividades, alargando a imaginação literária à condição das mulheres, aos imigrantes ou à reinterpretação da história nacional” (Lopes, Louçã e Ferro, 2017, p.235).

A cultura de classes populares foi instrumentalizada a nível de inspiração ou imaginação no domínio literário, convicção de intelectuais e cientistas, como também foi instrumento de dominação e exploração: económica, política, social e mediática em todo o decorrer da idade média, moderna, avançada e até e/ou pós-moderna no mundo ocidental. Como testemunho desta condição, poder-se-ia citar duas figuras importantes de referências no campo social que se dedicaram a uma análise minuciosa desta situação de condicionamento, mas também de luta subjetiva pela dignidade e afirmação dos seus valores culturais – Richard Hoggart (etnólogo) e Oscar Lewis (romancista e antropólogo social).

O primeiro a partir de uma abordagem etnográfica estudou com grande objetividade a cultura das classes populares na Inglaterra das quais ele era originário e afirma que, “a maior parte dos grupos sociais devem o essencial da sua coesão ao seu poder de exclusão, quer dizer ao sentimento de diferença ligado aos que não são «nós»” (Hoggart, 1991, p. 117).

Constata-se com clareza que as classes populares são pobres materialmente e deste modo voltamos ao conceito de pobreza vivenciado em Portugal e a forma como as instituições sociais lidam com esta realidade social – “quando analisamos os discursos de algumas das principais instituições que se dedicam ao combate à pobreza e à exclusão, encontramos diferenças interessantes mas, acima de tudo, semelhanças expressivas” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017).

“As diferentes organizações centram a sua ação nas pessoas, nas famílias e nos pobres a partir de uma certa concordância com o poder, ou seja, uma relação de força desigual que assenta num processo de marginalização – a pobreza é relativa, mas aqui falamos de pobreza enquanto situação de privação de recursos. Centrar-nos-emos nos discursos que os dominantes produzem sobre as classes populares, nomeadamente as que se encontram em situações de pobreza. Atualmente em Portugal a principal fonte de pobreza é o desemprego que traz consigo a precariedade dos rendimentos, a par da

fragilidade dos vínculos laborais, aptando por uma estratégia de acumulação em tempos de austeridade” (Lopes, Louçã & Ferro, 2017, p. 200).

Se nos voltarmos um pouco para o passado, apercebemo-nos de que em Portugal existiu uma certa valorização idealizada da «pobreza» o que levou à relegação e quase ao anonimato das classes populares confinando-as em bairros desqualificados sujeitos a um certo esquecimento, como também isolando-as no meio rural do interior do país, a não esquecer o analfabetismo a que estavam também sujeitas, criando deste modo um fosso entre a burguesia e as classes populares (muito embora a cultura popular fosse valorizadas pelo Estado) o que leva ainda hoje certos autores a demonstrarem – “que Portugal se define por uma grande concentração de riqueza e uma polarização que faz do nosso país a sociedade mais desigual da União Europeia . Olhamos para os debaixo, as classes populares, que constituem a maioria da população, uma classe mais heterogênea, com escassos instrumentos de homogeneização e de construção de poder social e, por isso subordinada. O nosso argumento é que a desigualdade essencial que define a pobreza é a consequência que define o lugar dos proprietários dos meios de produção e dos trabalhadores na sociedade de classes” (Lopes, Louçã e Ferro, 2017, p. 28).

1.6 – Políticas públicas e sociais

Quando abordamos as políticas públicas e sociais, impõe-se a obrigatoriedade de abordarmos o conceito de Estado de providencia.

“Preconizado por Keines, o Estado providencia aparece já designado por Max Weber e, antes dele, perfeitamente anunciado e esboçado em Alex de Tocqueville. Afirma, na verdade, este último autor que, acima da «vasta multidão, ergue-se um poder imenso e tutelar que se encarrega, sem a ajuda de ninguém, de organizar os divertimentos e os prazeres de todos, e de velar pelo seu destino. É um poder absoluto, ordenado, providente e doce” (Fernandes, 1988, p. 281).

O que acaba de ser informado, entra claramente na estratégia de ação das políticas públicas, construindo um Estado providencia ativo, não assistencialista, nem esporádico, mas que ajude a formalizar logicas para implementação de mecanismos de inserção no mercado do trabalho.

“A promoção do livre acesso ao trabalho fecha assim um longo ciclo de transformações conflituais pondo fim ao bloqueio que entravava o advento duma condição salarial. Mas esta revolução é também decisiva em relação ao que se segue, sendo ela que relança as novas bases da questão social no começo do século XIX. Sob o reino das tutelas o salariado sufocava. Sob o regime do contrato o salariado sentia-se realizado, mas paradoxalmente, a condição operária fragilizava-se ao mesmo tempo que se libertava. Descobre-se então que a liberdade sem proteção pode conduzir à pior das sujeições, as da miséria” (Castel, 1995, p.43).

O crescimento demográfico, a integração na união europeia, a globalização e a diminuição do crescimento económico são dinâmicas que se impõem como grandes desafios às políticas públicas e sociais.

“A explosão demográfica que se verificou na segunda metade do século XIX até à Primeira Guerra Mundial conduziu uma parte da população a níveis acentuados de pobreza, dá origem a uma distinção de enorme significado histórico e sociológico entre proteção social privada (individualista e desde sempre existente) e proteção social pública (assumida total ou parcialmente pelo estado). Esta última nasce para proteger os rendimentos do trabalhador (e não tanto a propriedade), pois as classes trabalhadoras apenas eram detentoras da sua força de trabalho. O Estado passa a impor um seguro social obrigatório como mecanismo de salvaguarda” (Rodrigues, 2010, p. 64).

Pois a privação de proteção social conduz à pobreza, à ausência de autoestima e à fragilização do tecido social. Estes conceitos são inerentes ao mercado do trabalho e às políticas sociais.

Segundo Robert Castel, nasce então “a Nova sociedade salarial a partir de meados do século XX, em que o assalariado sai da condição miserável na qual esteve durante séculos, no momento em que os proletários começaram a organizar-se e a construir uma força através dos sindicatos e dos partidos políticos que os representavam” (Robert Castel). A análise sociológica de Castel mostra-nos o incontornável peso dos valores de ação sindical e coletiva dos assalariados, tanto como entidade combativa em que o seu objetivo é a defesa dos direitos sociais e laborais, mas também como fundamento de estruturação e implementação de um movimento social que contribui e (sempre contribuiu) para o progresso e para a mudança social através da defesa e afirmação desses mesmos valores. “Deixaram de ser ninguém socialmente falando e puderam exercer uma pressão a fim de melhorarem a sua condição. Passaram de uma relação individual (em

que se vendia ao patrão) a uma relação coletiva através das convenções coletivas (que defendiam e protegiam os seus direitos sociais), embora a relação entre empregador e empregado continuasse desastrosa, dado que o primeiro tem riqueza e reservas que pode esperar, enquanto que um proletário não tem mais nada a não ser a força do trabalho a vender, sendo obrigado a contratar o preço do patrão que era verdadeiramente mínimo. Mesmo a instalação e legalização das convenções coletivas, continua a haver uma relação de força que leva muitas vezes os trabalhadores a fazerem greve” (Robert Castel). Já que esta era amiúde o único meio, até mesmo, o único momento em que os assalariados se podiam exprimir no domínio do trabalho. Progressivamente e através dos movimentos sindicais foram adquirindo, ou melhor, conquistando o direito de expressão que lhes confere o direito de negociação entre as duas forças opostas, evitado deste modo o recurso à greve. Mas, nem sempre a negociação leva a uma concertação, nem a renunciar à greve. Robert Castel diz-nos: “os trabalhadores começaram a trabalhar um pouquinho para eles, cotizando para a reforma e para os direitos da Segurança social. Para além da cotização, o Estado garante que a reforma lhes venha a ser um direito. Estes direitos sociais consolidaram-se entre 1945 e 1975. Foi um período de modernização em França e em toda a Europa Ocidental, desenvolvimento económico e também de desenvolvimento de proteção e direitos sociais”⁷.

Os direitos sociais conquistados têm vindo a perder-se pouco a pouco devido à crise económica de 2008. “Com as «reformas estruturais» desenhadas pela troika em Portugal, as convenções coletivas reduziram a sua taxa de cobertura, tendo como efeito a diminuição do número de trabalhadores devido à queda rápida do número dos mesmos abrangidos pelas convenções coletivas o gráfico referido por (Maria da Paz Campos Lima, 2016, p. 47), mostra que em sete anos passa-se de 1,8 milhões a cerca de 500 mil trabalhadores abrangidos pelas convenções coletivas, tendo mesmo atingido em 2013 e 2014 valores da ordem de 240 mil trabalhadores (Lopes, Louçã e Ferro, 2017, p. 47).

Os direitos sociais têm-se vindo a perder devido também à fragilização do Estado providência um pouco por todos os países que disfrutavam dos mesmos. Pierre Rosanvallon em *a nova questão social*, declara que “esta expressão foi lançada no final do século XIX e que, reenviava aos disfuncionamentos da sociedade industrial. Os dividendos do crescimento e as lutas sociais tinham permitido transformar profundamente

⁷ - Fonte – web grafia

a condição do proletário da época. Assistia-se ao advento do Estado providencia que tinha quase conseguido vencer a velha insegurança social, eliminar o medo do dia de amanhã (P. Rosanvallon, 1995).

O fim da Segunda Guerra Mundial mostrou-se como um período de grande desenvolvimento económico, social, demográfico e democrático que durou até à crise económica mundial de 1975.

“Proveniente dos «Trinta gloriosos» até ao fim dos anos 1970, a utopia de uma sociedade libertada da pobreza e de um indivíduo protegido dos principais riscos de existência parecia estar ao alcance da mão. Só que, no início dos anos 1980, o crescimento do desemprego, o aparecimento de novas formas de pobreza, pareciam voltar a levar-nos longe para trás. Contudo, conscientes de que não se trata de um simples retorno aos problemas do passado. Os fenómenos atuais de exclusão não reenviam às categorias antigas de exploração. Mas sim a uma inadaptação dos antigos métodos de gestão social” (Rosanvallon, 1995).

P. Rosanvallon alude para a posição reflexiva da crise a qual ajudará a encontrar uma solução para a crise de valores e de fragilidades humanas que não pode ser resolvida com estratégias baseadas na racionalidade económica.

“A crise do Estado providencia, diagnosticada desde o fim dos anos 1970, mudou de natureza. Entrou numa nova fase a partir dos anos 1990. Para além dos lancinantes problemas de financiamento e disfuncionamentos sempre pesados de aparelhos, são os princípios organizadores da solidariedade e a conceção mesmo dos direitos sociais que se encontram postos em causa. O problema é agora filosófico” (Rosanvalon, 1995).

Efetivamente o século XX foi marcado por grandes mudanças a todos os níveis, algumas negativas e outras positivas. “Representou uma efetiva materialização política de preocupação com os indivíduos e os grupos fragilizados da sociedade, sobretudo na Europa Ocidental onde a proteção social mais se desenvolveu. O relatório de Beveridge, em 1942, e os contributos de John Maynard Keynes foram os impulsionadores de um Estado compensador e interventor, mas também promotor de uma certa paz social” (Rodrigues, 2010, p. 66).

Embora “o enfoque neoliberal afirme que, se os indivíduos seguirem os seus próprios interesses as consequências coletivas serão muito mais vantajosas do que através

de uma ação estatal. Esta proposta constitui o fundamento do individualismo metodológico, que se tornou a chave da teoria liberal” (Rodrigues, 2010, p.73).

1.7 – O direito à cidade

O direito à cidade pode ser entendido como uma utopia, uma contradição, uma dialética, uma revolução, mas sobretudo entendido como um terreno a descobrir e a desenvolver.

“O direito à cidade lembra que o fenómeno urbano tal e qual ele se manifesta hoje, é uma das grandes transformações provocadas pelo modo de produção capitalista no mundo ocidental” (Laurence Coste, *espaces e société*).

“Henri Lefebvre foi um dos primeiros e raros, a ter audácia de proclamar o direito à cidade, o fim da cidade industrial e a emergência do conceito urbano, afirmando a fragmentação da cidade em periferias e subúrbios – o que nos anos a seguir se veio confirmar, apesar das suas esperanças e desconfianças. Com esta revelação, Henri Lefebvre antecipa as mudanças sociais e espaciais que mais tarde se vieram a confirmar pelos sociólogos do urbano. Se as referências a Henri Lefebvre foram numerosas, nas reflexões sociológicas dos anos 1960 a 1980 – elas tornaram-se raras ou quase desapareceram dos trabalhos escritos contemporâneos. Até bem recentemente, as suas obras eram difíceis e quase impossíveis de encontrar e muitas delas não eram reeditadas, mesmo se algumas figuram entre as obras de referência da sociologia do século XX”⁸.

Jean Remy & Liliane Voyé consideram que “a cidade vai rumo a uma nova definição, dado que, ao equacionar em que medida a apropriação do espaço é um fator indutor e induzido da transformação social, mostrando que a articulação entre as modalidades de apropriação do espaço e as estruturas sociais é o ponto fundamental da sua obra (*A cidade: rumo a uma nova definição?* 1994). A sua interpretação da relação entre materialidade do espaço e efeitos sociais é feita contra as interpretações funcionalistas, economicistas, e culturalista –, defendendo que as características da

⁸ - Fonte – web grafia

materialidade de um dado espaço, não impõem necessária e automaticamente determinados modos de vida”⁹.

Dando continuidade ao conceito de cidade e, no entender de Jordi Borja, “atualmente a realidade do território e os trajetos dos seus habitantes são intermunicipais e os limites territoriais físicos e simbólicos das populações da aglomeração confundem-se. Uma parte da cidade, bairros marginais ou zonas não residenciais, não é percebida, não «vista» nem reconhecida como cidade. Para os habitantes de cidades-municípios na periferia de «cidade- histórica-simbólica», os lugares de centralidade e de identificação parecem estar situados nesta cidade imediata.

Fala-se de «cidade real» como aglomeração metropolitana, para a distinguir da cidade «oficial», administrativa, que tem, sem embargo, uma realidade indubitável, pois é o âmbito do autogoverno local e em que se manifesta quase sempre um sentimento coletivo de pertença e identidade. Também podemos denominar cidade «ideal» (no sentido subjetivo pensado e interiorizado como comunidade no sentido de modelo desejado ou perfeito” (Borja, 2003, p.36).

A centralidade no contexto de cidade não engloba somente a dimensão de um espaço reduzido, onde se concentra uma grande diversidade de serviços e de bens que podemos adquirir sem perda de tempo. Contrariamente a centralidade supõe um espaço com significação simbólica a que podemos chamar lugar, a partir do qual se exerce um certo poder. Além disso é um território comum de sociabilidade e de encontro, na medida em que surge sempre um ou outro acontecimento coletivo cuja forma específica exprime o caractere único e original da identidade urbana.

“Como refere Mela verifica-se hoje uma visível perda da centralidade dos espaços públicos tradicionais, da extensão das metrópoles e da suburbanização, muitas vezes resultado de autênticas lógicas de expulsão das classes populares em favor da especulação imobiliária e da «filtragem social» dos já referidos processos de gentrificação. Penso, no entanto, que se deve incluir um outro fator de maior importância: a hipermobilidade de todos aqueles que estão incluídos na economia formal, a extensão de redes de sociabilidade e a complexidade dos papéis sociais, cada um abrindo uma porta para um mundo diferente (multipertenças, multirreferências)” (Lopes, 2002, p. 47-48).

⁹ - Fonte – web grafia

A forma como as lógicas de gentrificação condicionam o quotidiano das populações mais fragilizadas, forçadas a deixarem a cidade, neste caso o Porto, e irem para as áreas metropolitanas, o que pode levar à desintegração social, ao sentimento de uma certa rejeição social, ao aumento da miséria e degradação do espaço urbano, devido a certo ressentimento associado à condição de vida que lhes é imposta e que consideram como não desejada e não merecida.

Poder-se-ia dizer que a gentrificação das cidades empobrece a morfologia social urbana.

“A construção de um retrato dos recursos e constrangimentos sociais que marcam a cidade, em que não se perde o horizonte da relação que se estabelece entre o Porto e os restantes conselhos da respetiva Área Metropolitana como se procura recuperar a importância dos processos de diferenciação interna da cidade”(Pereira, 2005,P.61). “Concentra-se a atenção num dos contextos mais marcantes do privilégio social cidadão – a faixa atlântica. Não obstante o carácter denso dos posicionamentos sociais privilegiados nesta presente, o espaço social local está longe de se apresentar como globalmente privilegiado. São as marcas de um espaço social profundamente hierarquizado, mesmo no interior dos posicionamentos mais marcados pelo privilégio. Neste momento da investigação estão presentes as propriedades sociais e culturais desta hierarquização nas vivências quotidianas locais e nas representações e tomadas de posição simbólico-ideológicas dos agentes que as protagonizam” (Pereira, 2005, p.697).

Quando Henri Lefebvre anuncia a «nova realidade» de conceito de produção do urbano, supostamente que o conceito de «criação do espaço» estaria já no seu pensamento, segundo a seguinte afirmação, tudo leva a crer que sim – “o que os olhos e a análise percebem no terreno podem pelo melhor passar pela sombra de um objeto futuro na claridade de um sol nascente. Impossível de prever a reconstituição da cidade antiga, mas somente a construção de uma nova cidade, sobre novas bases, numa outra escala, noutras condições, numa outra sociedade. Nem retorno para trás (direção a cidade tradicional), nem fuga para a frente direção a aglomeração colossal e informe – tal é a prescrição. Dito noutros termos, no que concerne a cidade, o objeto da ciência não é dado. O passado, o presente o possível, não se separam. É um *objeto virtual* que estuda o pensamento (Lefebvre,” 1968, pp.96-97).

Conclusão

Ao longo deste capítulo teve-se como objetivo a formulação do enquadramento teórico. Tentou-se da melhor forma mobilizar o conhecimento adquirido com o cruzamento do conhecimento dos diferentes autores para chegar à primeira etapa da componente teórica-empírica do trabalho de estudo com base na metodologia etnográfica.

A perspetiva é de não perder o fio condutor que vai constituir o pano de fundo dos principais objetivos:

Objetivo geral – consistirá na abordagem e descrição das representações do espaço urbano em interação com as diferentes formas que o compõem.

Objetivo específico – observação e descrição das culturas urbanas e a forma como os jovens residentes em habitações sociais as protagonizam em interação com a população local e as formas de poder que regem o lugar.

Capítulo 2 – Dimensão metodológica

“Todo o poder da ciência repousa no método. Todo «tema» está no seu lugar dentro do método”.

M. Heidegger, 1976

Mesmo que o sociólogo utilize como ferramenta principal a abordagem da corrente etnográfica, ele faz sociologia. Dado que a sociologia é uma atividade científica definida por um objeto, o social, e toma como método, a explicação dos factos sociais. Todavia, a explicação dos factos sociais está inserida num método direccionado para o modelo hipotético dedutivo de índole quantitativo. Enquanto que a abordagem da corrente etnográfica tem por base científica o modelo hipotético indutivo, direccionado para o método qualitativo. Deste método irrompe a sociologia analítica que perspetiva os factos sociais não como coisas, mas como factos intencionais que somente tomam consistência na interação e que reenvia à consciência do sujeito no sentido que lhe atribui “ M.Weber, no sentido objetivo que conduz a uma conduta racional em relação aos valores que é a que cumpre o conjunto das regras e das normas do sistema, porque o ator considera que respeitá-las constitui a melhor estratégia a seguir para ser bem sucedido” (in Quivy, 2017, p.260).

A sociologia analítica admite que existe uma ordem que dirige as relações sociais, e toma como hipótese, que se uma ordem se descobre, na maneira como as práticas coletivas se tornam o que elas são, e a forma como os próprios atores as interpretam, vai de encontro com a afirmação de “ William I. Thomas, se as pessoas definem as suas situações como reais, elas também serão reais nas suas consequências” (in Michel Lallement, 2007, p.138).

2.1 – Etnografia: Definição, origem e evolução histórica

Como o preceito da etnografia seria o de descrever e interpretar um grupo cultural ou social, ela vai mais longe e abrange uma dimensão mais ampla “etnografia não é

meramente uma ferramenta de recolha de dados; ela é rica em teorias da cultura implícitas na sociedade e nos indivíduos” (Agar, 1980, p.23).¹⁰

Segundo, “Atkinson, a etnografia é uma disciplina de investigação com raízes na antropologia cultural, baseada na cultura enquanto conceito organizador” (Atkinson, 1992).¹¹

Amiúde, associada à ciência das sociedades exóticas, as recentes pesquisas em meio urbano têm demonstrado que esta ideia não foi totalmente invalidada e continua a existir no senso comum. Não obstante, “os fenómenos da «mundialização» invalidarem toda a tentativa de definição da disciplina dentro de um plano geográfico, confirmando a necessidade de não voltar mais a analisar as sociedades de tradição como casos culturalmente isolados, em vantagem de um estudo de articulação entre o local e o global, que se tornou uma das maiores fontes de dados das investigações antropológicas” Appadurai, 1990 (in Géraud, Leservoisier & Pottier, 2007, p.9).

O que acaba de ser afirmado pelo autor demonstra encontrar pertinência na disposição de Lenclud dizendo que “a finalidade da antropologia é de pensar e compreender a unidade do homem através da diversidade de culturas, de todas as culturas...É a este título que o estudo das sociedades complexas participa totalmente no projeto de antropologia” Lenclud, 1986 (in Géraud, Leservoisier & Pottier, 2007, p.10).

Até agora tem-se vindo a tratar a etnografia como parte integrante da etnologia e da antropologia. No entanto, esta conjunção deveria ser elucidada. Segundo os autores “a etnografia designa a transcrição dos primeiros dados no terreno. Ela é a maior parte das vezes considerada como a fase inicial de toda a investigação etnológica. O trio etnografia, etnologia, antropologia corresponderia assim a etapas metodológicas claramente dissociadas. Primeiramente observação e descrição (etnografia), segundo interpretação de dados (etnologia) e por fim generalização e comparação (antropologia). A reflexão científica não pode evidentemente ser seriada desta maneira: toda a etnografia é já etnologia, toda observação é já interpretação” (Géraud, Leservoisier & Pottier, 2007, p. 10). Sendo assim, poder-se-ia validar esta associação, tendo em conta que uma das ultimas etapas de um trabalho de pesquisa de campo vai ser a comparação e generalização

¹⁰ - Fonte: Aulas do Professor José Azevedo em Análise de Dados A. Qualitativos, em slides de etnografia, (2018, p. 2)

¹¹ - Fonte: Aulas do Professor José Azevedo em Análise de Dados A. Qualitativos, em slides de etnografia (2018, p. 3)

de toda a informação teórico empírica, que irá orientar o investigador para a definição da problemática – segundo R. Quivy “a elaboração de uma problemática decompõe-se em duas operações: primeiro fazer o balanço das problemáticas possíveis a partir das leituras e das entrevistas; em seguida, escolher e explicitar a orientação ou a abordagem por meio da qual tentara responder-se à pergunta de partida” (Quivy, 2017, p.257).

Além de ter a sua origem na antropologia cultural, a etnografia como corrente de pesquisa do método qualitativo em sociologia, seria indissociável da etnologia que procederia de uma abordagem qualitativo inscrita no tempo e no espaço que, “Malinowski designou como observação participante” (in Géraud, Levoisier & Pottier, 2007, p.12).

Este trabalho de campo que seria um apanágio dos etnólogos, não deixaria de criar divergências entre a etnologia e a sociologia como disciplinas científicas no campo das ciências sociais. Os primeiros defenderiam que os sociólogos estariam mais propensos a utilizar métodos quantitativos. Todavia, uma disciplina não poderia ser caracterizada pelas suas ferramentas metodológicas, dado que os métodos não são mais do que uma forma de progredir em direção a um objetivo, ou seja “expor o procedimento científico que consiste em descrever os princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação” (Quivy, 2017, p. 25).

Segundo o autor, “os métodos não são mais do que formalizações particulares de procedimentos adaptados aos fenómenos ou domínios estudados, porem esta adaptação não dispensa a fidelidade do investigador aos princípios fundamentais do procedimento científico” (Quivy, 2017, p. 25). Convém não ignorar que, “ao dar mais relevo ao procedimento do que aos métodos particulares, a nossa formulação tem, assim, um alcance geral e pode aplicar-se a todo o tipo de trabalho científico em ciências sociais. Estes princípios fundamentais que toda a investigação deve respeitar são, segundo G. Bachelard: «o facto científico é conquistado, construído e verificado»: conquistado sobre os preconceitos; construído pela razão; verificado nos factos” (Quivy, 2017, p.25).

Após esta deambulação científica em torno da definição da corrente etnográfica como ferramenta de investigação, seria o momento de regressar à centralização da sua complexa definição, recorrendo aos ensinamentos científicos de Luís Fernandes e às suas facetas da escrita etnográfica e inclusive o seu diário de campo que nos conta como era a

etnografia há dez anos atrás, altura em que ela dava os primeiros passos em Portugal (deve dizer-se que a publicação deste seu texto data de 2002).

“A exposição dos modos de trabalho do etnógrafo suscitava, normalmente, entusiasmo: éramos escutados com a atenção que se presta a um contador de histórias verídicas. Veladamente por sob esse interesse quase *voyeurista*, surgia – e por vezes era colocada explicitamente – a pergunta: a casuística é curiosa, o seu relato seduz – mas que tem tudo isso de científico?” (in Caria, 2002, p. 25).

Poder-se ia pensar que haveria nesta crítica, uma certa oposição mais uma vez, da maneira como se faz ciência pela via dos métodos quantitativos e da maneira como se poderia fazer ciência pela via dos métodos qualitativos, numa tentativa de argumentos partidários. Luís Fernandes sugere que “deixemos essa arte bélica para quem tem mais gosto por alimentar discussões do que por fazer investigação. Mas sempre diremos que a etnografia é, mais do que um método, um modo de existir e um estilo de habitar as ciências sociais cuja singularidade é não estar em nenhum ponto intermédio destes polos dicotómicos que acabamos de enunciar. Se estiver algures é entre a arte e a ciência” (in Caria, 2002, p.25).

Retrospectivamente, ou seja, na sua evolução histórica, poder-se-ia dizer que nas duas primeiras décadas do século XX, – é a B. Malinowski que se deve a teorização da prática etnográfica, entre 1914 e 1918, que será designada alguns anos mais tarde por observação participante. O trabalho de campo tal como o prescreveu Malinowski, obedeceria com toda a evidencia à natureza mesmo dos fenómenos estudados, que segundo a sua teoria “os factos de cultura são implícitos ou inconscientes aos atores indígenas: torna-se indispensável observar o que não pode ser dito, não por desconfiança em relação ao etnólogo, mas pura e simplesmente porque não pode ser explicitado. A cultura não se exprime tanto nas instituições ou nas regras, como se exprime nas maneiras de agir ou pensar vividas: pois, desde logo, nada se poderia substituir à observação direta” (in Géraud, Leservoisier & Pottier, 2007, p.26).

A teoria de Malinowski não deixaria de ser posta em causa a partir dos anos 1930: em primeiro lugar pela Escola de Chicago após a grande revolução industrial do início do século XX, que atraiu para as cidades uma significativa dimensão de diversidade cultural vinda das grandes migrações. Neste sentido, a cidade de Chicago foi um dos destinos e origem deste fenómeno social, criando uma outra perspetiva do lugar do individuo na

sociedade, data em que a etnografia deixou de ser praticada de forma tradicional e voltou-se para o estudo da interação nas sociedades complexas, que deu origem à sociologia urbana. Como defende “ C. Lévi-Strauss o pensamento de um adulto é já definido pelas características da sua cultura, que são exclusivas” (in Géraud, Leservoisier & Pottier, 2007, p.98).

Em segundo lugar, a Escola de Chicago prossegue a “reflexão sobre a personalidade urbana em relação com uma definição da cidade como espaço de contraste e de paradoxos, mais do que uma questão de densidade, ou seja, de quantidade demográfica, é para Wirth a heterogeneidade das populações combinada com a sua proximidade que foi retida como característica essencial da cidade” (Raulin, 2007, p. 62).

2.2 – Questão de partida, “problemática”

Em primeiro lugar pensa-se ser pertinente apresentar as questões de partida que na presente dissertação há duas: *será a degradação do espaço urbano em habitações sociais, e das condições de vida das pessoas que o habitam, o vínculo para um problema de desintegração social? Poderão as culturas urbanas, e o modo como os jovens residentes em habitações sociais se apropriam do espaço urbano para elenco das suas práticas socioculturais, ser um vínculo de inserção social?*

A questão de partida e a problemática são duas etapas sequenciais na abordagem de uma investigação qualitativa, onde a questão de partida ira ser o conceito chave da investigação do trabalho exploratório qualitativo de orientação etnográfica em torno de duas questões centrais relacionadas com as culturas urbanas e o modo como os jovens residentes em habitações sociais as praticam no quadro do espaço urbano. Convém dizer que a pergunta de partida pode vir a ser reformula apos a exploração dos dados.

Segundo R. Quivy “no fundo as boas questões de partida são, portanto, aquelas através das quais o investigador tenta destacar os processos sociais, económicos, políticos ou culturais que permitam compreender melhor os fenómenos e os acontecimentos observáveis e interpretá-los mais acertadamente” (Quivy, 2017, p. 43)

A problemática somente poderá ser definida apos a exploração de toda a informação teórico empírica, contida no enquadramento teórico, nas entrevistas e no trabalho de campo através de observação direta no espaço publico urbano e as suas

diversas formas simbólicas que a dimensão espaço tempo pode vir a tomar (neste caso), em seguida vai ser explicitada e orientada como ferramenta de suporte ajudando a responder às perguntas de partida.

“Conceber uma problemática é igualmente conceber o quadro concetual da sua investigação, quer dizer, descrever o quadro teórico em que se inscreve a metodologia pessoal do investigador, precisar os conceitos fundamentais e as relações que eles têm entre si, construir um sistema concetual adaptado ao objeto da investigação” (Quivy, 2017, p. 101).

Segundo os ensinamentos científicos de A. F. da Costa e a estratégia de investigação por ele defendida, em que, “pretende apresentar um conjunto articulado de análises resultantes da investigação sociológica entendida, como *investigação empírica teoricamente orientada*. Tal conceção supõe, do princípio ao fim, o comando concetual e problematizador da teoria, e o objetivo de conduzir em permanência, como um dos seus principais resultados, ao questionamento, reelaboração ou produção da teoria” (Costa, 2008, p.20).

Em conformidade com o objeto de investigação, *culturas urbanas em espaços urbanos de habitação social*, ir-se-á tentar desenvolver um estudo no âmbito das principais ideias basilares que conduzem ao desenvolvimento do estudo etnográfico.

Este estudo requer a participação ativa do investigador, ser confrontado e confundido com o objeto de estudo no campo, num dado lugar e num dado tempo, centrar a sua procura numa realidade e saber o que abrange essa realidade, dentro de uma perspetiva sociológica, tendo em conta que “os dados sobre os quais o investigador trabalha não são realidades em bruto. Só ganham existência através do esforço teórico que os constrói enquanto representações idealizadas de objetos reais. O inverso não é verdadeiro: os dados não constroem teorias. Por conseguinte, o trabalho empírico só pode ter valor se a reflexão teórica que o funda também o tiver” (Quivy, 2017, p. 233).

Contudo, convém dizer que o investigador nunca é detentor da realidade absoluta. Poder-se-á descobrir uma realidade parcial ou relativa, através da construção de um *ideal-tipo* Weberiano ou recorrendo ao método comparativo de fenómenos sociais preconizado por Durkheim. Num estudo fundamentado sobre o trabalho de campo, o investigador focaliza-se na *observação*, e toma como ferramenta o método *experimental*, propriamente dito sem provar hipóteses.

2.3 – Métodos de abordagem, técnicas de recolha e instrumentos de análise.

Os métodos de abordagem para um estudo etnográfico não poderiam ser dissociados do conceito espaço tempo, traduzido numa lógica social de interação e apropriação do espaço urbano (neste caso) enquanto interação dos atores sociais envolvidos numa linha de pensamento simbólica, numa relação que Henri Lefebvre denomina de “*ordem próxima* – relações de indivíduos dentro de grupos mais ou menos vastos, mais ou menos organizados e estruturados, relações destes grupos entre si. Como também existe uma *ordem distante* a da sociedade regulada pelas grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado) por um código jurídico formalizado ou não, por uma «cultura» e conjuntos significantes” (Lefebvre, 1968, p. 44).

O principal método de abordagem na realização da presente dissertação, é o método de pesquisa qualitativo integrado na corrente etnográfica orientada pelo procedimento científico constituído pelo método, objeto, questões de partida, problemática e resultados. Porque “a metodologia por mais sofisticada que seja, não pode ser tomada separadamente dos restantes procedimentos científicos e do processo global de construção da pesquisa (...)” (Caria, 2002. P. 61).

É fundamental num estudo de campo ter sempre presente o uso do *Código deontológico*, e estar premunido de um documento designado por *consentimento informado*, como ferramentas de abordagem integradoras, esta ultima ferramenta deverá ser assinada pelas pessoas responsáveis pela informação dispensada e autorização de acesso aos lugares e às pessoas, o que consequentemente leva o investigador a estar consciente e atento ao que pode ou não, ser do seu alcance, assim como às eventuais fronteiras e aos seus limites. De uma vez que, “não havendo nas instituições do ensino superior uma focagem suficiente sobre as questões éticas, e sendo tão forte, ainda, a tradição do pensamento cartesiano, que afasta o sentimento e a emoção da construção do saber – as representações e interpretações dos desígnios e atitudes dos envolvidos são determinantes no relacionamento entre a população e o investigador e, portanto, são igualmente determinantes para o decurso e para as conclusões da pesquisa” (Caria, 2002, pp. 127, 128).

Como do mesmo modo, e em forma de síntese do seu livro – aponta e defende uma interdisciplinaridade das ciências sociais em Portugal, e inclusive a necessidade de abertura e representação da etnografia nesta interdisciplinaridade, ou seja, “na construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteiras” (Caria, 2002, p. 9).

Na construção socio teórica da experiência etnográfica, as técnicas de recolha de dados podem existir em diversas formas conforme o método, o lugar e a perspetiva da investigação. “Há certamente em todas as pesquisas científicas, nomeadamente no campo das ciências sociais, o registo, com maior ou menor detalhe, dos métodos e das técnicas, das fases e dos percursos da investigação. Há, porem, um lado menos visível, mas não menos importante da pesquisa, que é a experiência do trabalho de campo e suas vicissitudes, sobretudo quando este implica a continuada presença do investigador” (Caria, 2002, p. 167).

A experiência do trabalho de campo consiste, em primeira instância fundar as diversas análises de um fenómeno social a partir da descrição empírica de uma forma de atividade real, na qual os indivíduos participam num dado lugar e num dado espaço tempo. O que necessita uma reflexão antecipada por parte do investigador da maneira como ele pode realmente chegar às pessoas e presenciar as suas diferentes situações por via da observação direta. Nos dizeres de Manuela Ribeiro “a opção por esta metodologia decorre também dos objetivos que foram definidos e das hipóteses que foram formuladas (Manuela Ribeiro), uns e outras apontando de forma imperativa para a importância e a necessidade de se considerar a perspetiva dos sujeitos, isto é, de se integrarem na análise e na interpretação dos dados as explicações que as pessoas dão dos seus atos e comportamentos e como é que elas apresentam e racionalizam os processos em que participam (...)” (Caria, 2002, p.99).

Seguindo por esta via, tornar-se-á primordial, constituir um *diário de campo*, e recorrer a um *informador-chave* que ajude a entrar no campo e a desmistificar códigos, enquanto que no diário de campo dever-se-á inserir a descrição das notas incluídas nos episódios (comportamento e relacionamentos) individuais ou coletivos; inferências, ou seja, conclusões e deduções; significados e perspetivas. Tornar-se-á imprescindível a construção de *folhas de codificação* que ajudem a implementar uma plataforma de categorização e comportamentos. Ainda, e neste sentido, e como técnicas de recolha de

dados que vão servir de ferramentas de análise dos mesmos, necessitar-se-á de recorrer à *observação direta* e na medida do possível, *observação participante* com a ajudada de informadores privilegiados e com o auxílio do diário de campo; construir um *guião de entrevistas semi- diretivas (neste caso); fotografias sociais; consulta de documentação...*

Vai ser muito importante não deixar nunca desvanecer a curiosidade inicial e um certo distanciamento entre a subjetividade do investigador o a objetividade do objeto que estuda, não obstante o investigador fazer parte deste mesmo objeto durante a pesquisa de campo. Porem, como informa Manuela Ribeiro, “se não parar agora é muito grande o risco de começar a confundir os planos em que me movo, de começar a ver e a ouvir demasiado perto, demasiado por dentro, de começar a perder discernimento para estabelecer prioridades (...)” (Caria, 2002, p. 114).

Conclusão

A perspetiva deste capítulo é em primeiro lugar fixar os alicerces metodológicos que irão alimentar todo o procedimento científico da presente dissertação, ou seja, os seus princípios fundamentais como trabalho de investigação e de mergulhar neste contexto a partir do conhecimento de base que requer a futura fase exploratória. Demonstrar quanto é difícil, porque complexo definir o conceito etnografia dada a sua forte imbricação na dimensão das ciências sociais. Mas também tentar discernir a originalidade e especificidade de fazer sociologia por meio de métodos qualitativos e de ferramentas de análise utilizadas em disciplinas outras que a sociologia, movimentando conhecimentos adquiridos na formação académica com os ensinamentos de profissionais académico científicos.

Capítulo 3 – Os jovens e a habitação social: usos do espaço (estudo etnográfico)

“O Critias de Platão vê na cidade uma imagem do mundo ou antes do cosmos, um microcosmo. O tempo e o espaço urbanos reproduzem sobre terra a configuração do universo tal como a descobre o filósofo”.

Henri Lefebvre, 1968

Na atualidade, o estudo dos meios sociais urbanos nos vários países da Europa e Estados Unidos da América é rico em dezenas de anos de pesquisa cruzando a sociologia e a antropologia onde as classes sociais emergem e, de forma privilegiada, a classe operária e a grande burguesia, dado que foram sempre conhecidas por uma forma de territorialidade característica tanto nas cidades de hoje como nas cidades de ontem.

“A realidade citadina é complexa e marcada por processos cumulativos em que as divisões sociais e territoriais adquirem uma expressão articulada, mas nem sempre facilmente visível. Ao relevo das grandes divisões socio-territoriais acrescentam-se regularmente divisões internas dotadas de consequências não negligenciáveis na cidade e na própria vida quotidiana dos agentes que nelas habitam e que por elas circulam” (Pereira, 2005, p. 765).

3.1 – Contextualização do terreno pela via da observação direta, fotografia, diário de campo, pesquisa via web, entrevistas e documentos

A começar pela contextualização do tema de estudo para a elaboração da presente dissertação, seria inevitável tomar como ancora no desenvolvimento deste capítulo os conceitos de territorialidade, heterogeneidade social e cidade – tendo em conta a própria conjuntura social e territorial do Bairro das Saibreiras. “ Como habitação social o bairro alimenta-se de realojamentos, no início, as pessoas vieram para aqui, realojadas consoante a sua necessidade económica, por realojamento das casas do que seria hoje a linha do Douro, portanto a ferrovia, também tivemos um outro grupo que foi o grupo dos retornados que vieram das colónias ultramarinas, ora, esses dois grandes grupos criaram

uma heterogeneidade interessante a nível da habitação e a nível de envolvimento de habitação social” (Entrevista, 2, p. 1).

Assim, é um bairro constituído por habitações sociais, dentro da zona envolvente das Saibreiras, onde existe igualmente um agrupamento de casas económicas a que chamam casas da cooperativa de propriedade privada. O bairro das Saibreiras é um empreendimento social que foi construído em 1982 por iniciativa da Câmara Municipal de Valongo. É composto por 28 blocos com 223 casas em apartamentos T2; T3; T4, onde moravam aproximadamente 660 pessoas em 2010, tendo sido reabilitado neste mesmo ano pela empresa municipal Vallis Habita, a reabilitação teve impacto no aumento da renda que passou a ser de 68E por mês a mais baixa e de 108E por mês a mais alta para os T4.

“O bairro das Saibreiras, em Ermesinde, Valongo, está a ter obras de reabilitação pela primeira vez desde que foi construído há 28 anos. Os arranjos vão dar à habitação social, onde vivem cerca de 660 pessoas, uma cara totalmente nova”¹² -Segundo esta fonte, “fica junto à fronteira com a Maia, o bairro que nos seus primeiros anos, foi conhecido como as Malvinas. Quando terminarem as obras, as Saibreiras ficaram com um ar mais airoso”.

Convém dizer que o nome das Malvinas não foi mais do que uma construção social de conotação pejorativa. Durante a recolha de informação houve várias explicações para tentar encontrar uma explicação que fosse objetiva, o que se irá constatando ao longo deste capítulo. “Saibreiras é um bairro especial, na medida em que disseram que *era as malvinas*, mas não é esse o nome do bairro?! Porque na altura em que andou *a guerra nas malvinas* associaram uma coisa à outra, porque *o bairro era mau*, era um bairro que *não estava socializado!* Era um bairro que ninguém queria ir para lá. Foi congregada naquele bairro gente que não estava integrada noutros grupos sociais, percebe? E foi aos poucos que a CM e instituições foram trabalhando aquele bairro, de tal maneira, que hoje, é um *bairro maravilhoso*” (Entrevista, 3, p. 7).

A fotografia tirada pelo autor aquando do trabalho de campo no bairro das Saibreiras no passado mês de outubro durante a observação direta, concretiza a declaração feita na entrevista 3. Segundo L. Ferro “a fotografia e o cinema etnográfico e documental foram

¹²- Fonte – web grafia

usados como técnicas complementares, para comparar, ordenar o registo cultural, completar as notas de campo e ilustrar o texto verbal”¹³

É uma fotografia social que explicita a natureza do espaço urbano, identifica o modo de habitar não alheio a uma certa nuance de poesia e de filosofia que nos dirige par uma reflexão epistemológica procurando saber mais dos habitantes que estão do outro lado, dado que a fotografia só nos permite ver um lado da realidade.



Figura 1 – Bairro das Saibreiras – outubro 2018 –fotografia – PA090299.JPG – Autor: Lurdes Gomes

Subjetivamente teria sido um território onde os processos de dinâmicas de visibilidade teriam estado ausentes ou em margem das políticas publicas municipais – todavia, e na linha de pensamento indutivo, importa aqui dizer, que atual e aparentemente

¹³- Fonte – web grafia

parece ser um bairro relativamente calmo dentro de uma forma de convivência harmoniosa, mas nem sempre teria sido assim, “estou a morar no bairro das Saibreiras há vinte e cinco anos, tenho sessenta anos e sou reformado da CP, não pago nada de renda porque fui realojado pela Câmara. Agora há um bom entendimento com os vizinhos, mas nem sempre foi assim, trouxeram para aqui pessoas a morar que não sabiam viver com os outros e nem tão pouco viver numa casa, até punham «burros» dentro das banheiras” (16/2/2019, diário de campo, p. 1).

Uma das particularidades da zona das Saibreiras é de que o relevo do parque habitacional é significativo, o que demonstra a diferenciação de classes sociais e caracteriza o lugar como sendo marcado por uma territorialidade peculiar, que leva a crer a existência da pequena e media burguesia, da classe media, da classe popular e sobretudo a coabitação entre ricos e pobres.



Figura 2 – rua das Saibreiras – outubro, 2018 – fotografia PA090313 JPG – autor: Lurdes Gomes

A fotografia tirada pelo autor é representativa de distinção social relativa ao modo de habitar, fica na rua das Saibreiras muito próxima do bairro das Saibreiras, a linha de separação é somente a rua.

“Equacionar, por um lado, a configuração social e territorial de um grande imóvel coletivo produzido e gerido pelo Estado, coloca-se perante o relevo e a importância da concentração espacial das populações, marcadas por relevantes processos de fragilização social e económica. Ainda que nem todos os habitantes do bairro sejam iguais e nem todos sejam frágeis social e economicamente. Deve reconhecer-se que os processos de fragilização que os afeta têm especial consequências na produção dos problemas sociais do bairro e na própria projeção da imagem do bairro como *problema*” (Pereira, 2005, p. 766).

A imagem do bairro como problema surge tanto numa linha de pensamento de senso comum, como na prática da investigação científica, e neste campo, a sociologia, conjuntamente com as diferentes áreas das ciências sociais tem prestado importante contributo às sociedades contemporâneas, na medida em que entre o local e o global as fronteiras são implícitas, senão fluentes, havendo cada vez mais tendência a uma certa mistificação, senão uma tendência para a generalização dos problemas atuais. Neste sentido a rutura com o senso comum através de uma análise exploratória dos dados, é fundamental, porque o conceito de problema, é na grande maioria das situações, antecedido pelo preconceito. “Aquilo que nós sentimos, eu moro mesmo nas Saibreiras, a minha casa é nas Saibreiras, sim, o primeiro facto que tive quando comprei a casa, confrontar-me com essa palavra *Saibreiras*, porque não sabia bem o que era, foi a vendedora da casa disse-me... *estão mesmo aqui ao lado das Saibreiras!* mas as pessoas aqui *nunca tiveram problemas aqui à volta*. Então implicava que havia ali um bairro, *existia ali qualquer coisa de problemática*, mas que as pessoas à volta nunca tiveram problemas, *o que quer dizer que não tivessem de quê?* É assim o *primeiro preconceito* – é que o bairro é um sítio problemático, e, há ali um problema que está latente” (Entrevista, 8, p. 4).

Aqui a noção de problema é corolário da vivência deficitária das pessoas que moram nos bairros, em que as fontes de rendimento encaixam logo à partida em situações comportamentais de práticas pouco valorizadas. Supõe-se que haja jogos de poder no próprio bairro. Torna-se conveniente realojar pessoas em habitações sociais em função das valências e interesses que as pessoas podem conferir à sociedade. “Sim, *a cooperativa foi outra coisa?* A cooperativa foi feita pela CP em que na altura era para ser para os ferroviários, inicialmente, e depois foi alargada para outras pessoas, não tem nada a ver

com o bairro das Saibreiras. *O lugar é toda a questão, e que, o bairro é à parte*, mesmo as pessoas quando foi posto o nome de Saibreiras ao bairro, queriam fazer uma divisão, não queriam que o bairro se associasse à cooperativa, naquela altura houve muita confusão, mas acabou por ficar tudo igual” (Entrevista,5, p. 3).

A fotografia seguinte, tirada pelo autor, mostra mais uma vez a disparidade entre os padrões do parque habitacional concentrado no lugar das Saibreiras. Tacita e politicamente, deixa transparecer os jogos de poder, seja ele dentro de um contexto social ou político. Como já foi referido, tornava-se urgente mudar o nome ao bairro, na medida em que o nome de malvinas não convinha à consciência coletiva no que respeita mesmo a questões de ética.



Figura 3 – Casas da cooperativa nas Saibreiras – outubro 2018 – Fotografia PA O90307 JPG – Autor: Lurdes Gomes

“Pois, aí está – o que eu sei, foi o que dissemos há um bocadinho – era a zona das Saibreiras, e não era a zona das Malvinas, eu acho que malvinas vinha de *malvistas*, penso que não tem nada a ver com os *refugiados*, eu acho que não, mas teríamos de fazer um *estudo antropológico* (rir), mas o que me disseram quando eu vim para aqui, é *que isto*

era tudo campos, e as pessoas que estão aqui *coladas* a Aguas Santas, portanto, já é Maia, portanto, estamos aqui muito próximo do Concelho de Valongo, Aguas Santas, Maia, e portanto, as pessoas estavam aqui um bocadinho *empurradas*, e diziam-lhes...vai lá para as malvinas... vai...*mal vista*... pronto, e as pessoas no início tinham muito *orgulho* quando vieram para cá, porque utilizavam isso, *com um sentido pejorativo*...” (Entrevista, 2, p. 6).

Mas a autarquia, ou seja, o poder local, não queria ver nem assumir lugares de relegação nesta zona da área metropolitana do grande Porto, como também não desejava que ali fosse um lugar desvalorizado, em consequência, a CM e instituições decidem investir na requalificação do espaço urbano, a começar por dar oficial e administrativamente o nome de bairro das Saibreiras para que ali, fosse um espaço de convívio e interação social, integrado na cidade de Ermesinde em toda a sua dimensão. O que não quer dizer que todas as autarquias possam agir do mesmo modo em relação à cidade e aos seus habitantes.

Segundo J. Borja, a sua perceção do conceito cidade é de que “a realidade e os trajetos dos seus habitantes são intermunicipais e os limites territoriais físicos e simbólicos das populações da aglomeração confundem-se. Uma parte da cidade, bairros marginais ou zonas não residenciais, não é percebida, não «vista» como cidade, e fala-se de «cidade real» como aglomeração metropolitana para a distinguir da «cidade oficial» administrativa que tem sem embargo, uma realidade indubitável, pois é o âmbito do autogoverno local em que se manifesta quase sempre um sentimento coletivo de pertença e identidade” (Borja, 2003, p. 36).

A nível de informação documental muito se poderia dizer sobre a cultura desta cidade, rica em lendas e tradições populares, como por exemplo a tradição *da lenha e do carvão* – que segundo J. Soares e tal como escreveu na sua obra *Ermesinde: Memórias da nossa Gente* “desde tempos antigos a historia de Ermesinde se encontra ligada ao carvão, ou porque o faziam, ou porque ele apareceu no solo, embora pouco e fraco. Situada nos arrabaldes de um grande aglomerado como o Porto, a nossa terra, cercada por uma rica e variada coroa florestal, onde abundavam os pinheiros e os matagais, cedo se dedicou a explorar essas riquezas, transacionando-as com os seus vizinhos, que, da maior parte delas tinham necessidade, daqui seguiam para o Porto, transportadas por burros” (in Junta de Freguesia de Ermesinde, 2010).

3.2 – Interação e socialização intergeracional

Na pesquisa etnográfica deve dar-se primazia à escuta, considerando que só é possível captar o sentido das práticas sociais no terreno, optando-se por uma atitude de escuta intersubjetiva, dado que a perspectiva inicial sobre o terreno muda de configuração e de sentido quando começamos a fazer as primeiras observações, acabando por compreender que o terreno tem sempre razão, a pertinência da observação e recolha de dados de campo prevalecem sobre o poder que o investigador poderia vir a ter no início da pesquisa e no resultado final da análise. No mesmo sentido, as entrevistas vão ao encontro dos próprios atores, fazem apelo ao ponto de vista destes, e dão à sua experiência vivida, à sua lógica, à sua racionalidade, um lugar de destaque. Na exploração dos dados de campo devemos da melhor maneira possível, captar uma imagem através de palavras do local, das pessoas, das ações e conversas observadas.

A imagem que ensaiamos construir é a de uma população que interage nas práticas socioculturais urbanas de forma não diferenciada, seja ele qual for o género, a origem social, a cultura e a idade, deste modo contamos – “aplicar uma técnica concebida em etnografia para aproximar os indivíduos em contacto entre eles e com os outros, numa diversidade real dos seus laços efetivos, no seu contexto social, e não como indivíduos isolados” Hanners, 1983 (in Blanchet & Gotman, 1992, p.15).

Mediante esta ótica de análise, visamos explorar de uma forma sintagmática a informação de campo, mas tentar focalizarmo-nos mais na informação contida nas entrevistas e em algumas fotografias.

“O inquérito por entrevista é amplamente praticado, e, portanto, mal conhecido, a sua legitimidade era, até há pouco tempo, incerta. Ou melhor, relevava da arte. Ou pior, não era mais do que um auxiliar da ciência. Os seus resultados eram insubstituíveis, mas os seus fundamentos teóricos insuficientes. Importada desde a sua origem da psicologia social, a entrevista beneficia hoje da saliência da psicologia e da pragmática. Tanto no plano da entrevista em si, como nos métodos de análise, este processo parece ser hoje, mais que ultrapassado. O inquérito por entrevista, constitui assim uma técnica de pesquisa completa, simultaneamente no plano dos resultados e dos fundamentos teóricos” (Blanchet & Gotman, 1992, p.7).

Dentro de uma preocupação teórica- empírica parece-nos pertinente situarmo-nos no processo de socialização e interação intergeracional através de uma fotografia social, tirada pelo autor, aquando do cortejo cultural da representação teatral da chegada do **JOÃO**, por altura da festa de Carnaval em Ermesinde. Aqui as pessoas afluíam, ocupavam e representavam o espaço urbano envolvidas num sentimento comum de alegria e de pertença sociocultural em que de uma forma simbólica deram voz ao espaço.



*Figura 4 – Representação do Cortejo durante a festa de Carnaval nas ruas de Ermesinde – Fotografia P3030416 JPG
março 2019 – Autor: Lurdes Gomes*

“O território vivido, o espaço social e o espaço de estilos de vida, têm amplas interligações significativas. O território tem um relevo não negligenciável na configuração das práticas e posicionamentos, simbólico-ideológicos. Importa por isso equacionar o modo como os territórios vividos do bairro e das proximidades de vizinhança são representados pelos agentes sociais” (Pereira, 2005, p. 438).

No bairro das Saibreiras a socialização e interação intergeracional tornou-se visível e comunicacional, pelo facto de ter sido atribuído ao bairro o nome artístico de

Saibreiras Bairro de Artes pela mediação do teatro, e por iniciativa do grupo *Cabeças no Ar e Pés na Terra*. “O projeto em si, começou por nós, Cabeças no Ar e Pés na Terra, foi mesmo para o espaço, tinham-nos cedido o espaço pela Câmara mesmo lá no bairro das Saibreiras. Era uma sala para termos lá os materiais para o espetáculo..., não havia nenhuma área social, não tínhamos de fazer absolutamente nada em relação às Saibreiras mesmo” (Entrevista, 8, p, 1). De imediato, logo na fase inicial da preparação das atividades artísticas, surge a urgência de trabalhar as peças de teatro juntamente com os adultos e de forma muito especial com os pais das crianças.

“O que aconteceu é que já tínhamos tido experiencias noutros espaços que não funcionava, termos um espaço numa comunidade, quando essa comunidade nem sequer sabia quem nós eramos, então a ideia foi – tratarmos com a comunidade de forma a saberem quem nós somos, o que fazemos, a *Arte*, para que serve a arte, porque há gente que pensa que a arte não serve para nada” (Entrevista, 8, p.1).

Na intuição de valorizar e elencar a imagem das práticas culturais através da arte, tornou-se fundamental, em primeiro lugar, conhecer as pessoas e depois proceder mediante um processo de engajamento e de interação social onde a componente da educação não poderia deixar de ser o alicerce.

“Percebi cedo, eu também que..., eu também, o meu histórico, eu também nasci num bairro do Porto, também sempre tive esta noção de que as pessoas do bairro, *é difícil mudar o próprio bairro*, em que as próprias pessoas do bairro..., *porque existem muitos jogos de poder no próprio bairro...*, mas sabia perfeitamente que pessoas de fora com uma certa energia podiam mudar o bairro, eu percebi que vários colegas nossos não eram talhos para esse tipo de trabalhos no bairro, porque alem de ser um trabalho artístico é um trabalho emocional...” (Entrevista, 8, p.1)

Que jogos de poder podem existir nos bairros de habitação social? Será uma das problemáticas que se atendera fazer emergir no decorrer da análise exploratória.

Debruçando-nos de novo na socialização e interação intergeracional, a primeira linha a traçar consistiria na recolha de uma imagem generalizada dos estilos de vida das pessoas que vivem no bairro e depois pensar e decidir que praticas seriam apropriadas inicialmente porque, “tem de haver uma ligação emocional com as pessoas que estão a participar nas atividades, crianças, jovens, seja quem for, idosos..., nem toda a gente está talhada para ter essa disposição e disponibilidade e tentar saber quais são os problemas e

fazer o mesmo trabalho artístico entre si. Então desenhei o projeto Saibreiras Bairro de Artes para trabalhar essencialmente com crianças e jovens” (Entrevista, 8, p. 2).

Porem, quem trabalha na área artística com pessoas, cedo se apercebe da preexistência de outros domínios e outras problemáticas a ter em conta, tais como a reprodução cultural, integração social, a pré-disposição das pessoas para participarem e de forma muito especial a educação.

“O projeto era só para começar com crianças e jovens em primeira instancia e *depois apercebemo-nos que era uma falha trabalhar só com crianças e jovens sem trabalhar com os idosos, e dou um caso muito simples* – uma criança estava lá a trabalhar connosco – chegou, pôs uma lata de coca cola e quando começou a dança, bebeu e atirou com a lata para o chão, hei! Espera lá! Tu não podes fazer isso?! Estás em minha casa! Eu gosto de chegar e ter tudo limpinho? E de certeza que tu também gostas? Hei, desculpa lá! Agarra na lata e atira com ela para o jardim ao lado porque já não era *ali...* não podes fazer isso! Hei, desculpa lá! Vai buscá-la, e atira com *ela para o lado...*, porque já não era o *bairro...*, para ele era outra coisa? Também não podes fazer isso! Tens de ir buscar a lata de coca cola, e deitá-la ao lixo? Ninguém gosta de ver as coisas sujas! *Mas os meus pais?! Fazem isso?!*

Poder-se-ia dizer que as praticas socioculturais no espaço urbano, seriam inicialmente de índole tradicional e popular, somente apreciadas por uma franja não elitizada da sociedade, todavia nas sociedades ditas pós-modernas e globalizadas, elas tornaram-se uma ferramenta utilizada como meio de afirmação, construção social, cívica, e democrática, dando enfase a novas dinâmicas de socialização e interação entre gerações e culturas, onde o espaço urbano deixou de ser “tratado como o morto, o fixo, o não dialético, o imóvel segundo as celebres palavras de Foucault um tardio reconhecedor da importância do espaço na teoria social” (Lopes, 2002, p. 31)

Um exemplo desta caracterização, ente outras, são as marchas populares e os cortejos alegóricos a lendas e mitos representativos da chegada, julgamento e morte do João acima citada – dentro de uma logica em fazer do passado inovação.

Neste logica, e segundo o testemunho de algumas das pessoas entrevistadas, o espaço nunca é fixo nem definitivo, “sim, sim, o espaço..., *o tempo muda o espaço*, vai mudando o tempo mudam as pessoas, muda o espaço urbano, muda a cultura também, as coisas vão mudando ao longo do tempo, as pessoas adaptam-se a novas realidades...”

(Entrevista, 4, p. 4”). Aqui o conceito de espaço e de tempo estão deveras indissociáveis. “O espaço vai mudando ao longo do tempo, e o espaço urbano é uma das realidades, alias, se nós olharmos para as cidades, as cidades mudam, já tivemos cidades com muitos carros, hoje temos cidades com menos carros e muitas pessoas a andarem a pé, e de bicicleta, no futuro provavelmente teremos outras formas de circular com transportes menos poluentes e mais amigos do ambiente, as casas são construídas de outra forma, no passado dava-se prioridade ao automóvel, hoje é dada cada vez mais prioridade às pessoas, *há esta consciência de fazer espaços mais amigáveis*, as cidades são evolutivas e vão mudando ao longo do tempo, outros espaços, e vai mudando esta realidade” (Entrevista, 4, p. 5).

As formas de socialização também não ficaram imunes aos processos de mudança. Constata-se nas nossas sociedades contemporâneas que uma das formas de pobreza relativa mais recorrente é o isolamento das pessoas sem familiares próximos, com redes relacionais limitadas e sem ocupação profissional – “o que deste modo se pode verificar é que as experiencias da solidão e da ociosidade não tendo um caracter generalizado, estão frequentemente relacionadas e caracterizam segmentos característicos da população..., acentua-se que passa não só pela composição familiar, mas também pela relação com o trabalho e pela própria configuração do espaço social” (Pereira, 2005, p. 266).

No que respeita o bairro das Saibreiras, pode não haver uma relação de socialização no domínio do trabalho, nem uma rede de relações alargada com a zona circundante, mas objetivamente há uma relação de solidariedade no espaço social do próprio bairro, “eu acredito que a resposta de proximidade traz a mudança, muitas vezes as pessoas que vivem nestas aglomerações trazem algo em comum, neste caso o realojamento social é um bocadinho diferente das outras pessoas que não vivem na habitação social, porque às vezes nem sequer conhecemos os nossos vizinhos, não é?...apenas conhecem de vista este ou aquele. Na habitação social, aqui em concreto, no bairro das Saibreiras, que tenho acompanhado de um ponto de vista diário, uma coisa que eu acho interessante, *é que parece uma aldeia no meio da cidade*, há uma inter-relação

com as pessoas que ajuda a que haja *uma rede informal de apoio, para o bem e para mal?!'* (Entrevista, 2, p. 7).

Numa logica retrospectiva de Saibreiras Bairro de Artes, destaca-se o teatro e a realização de workshops como atividades mediadores, de socialização e interação intergeracional, incluídas num projeto de mudança embebido numa certa forma pedagógica e emocional.

“A ideia é de trabalhar a arte, se nós somos todos pessoas, não é? e a arte trabalha com a massa que nos é mais característica a todos, não é? nós somos, sabemos falar, sabemos andar, sabemos mexer, mas às vezes temos alguma dificuldade em comunicar, em nos relacionar com os outros, e a arte serve para isso, usamos uma linguagem que não é por vezes *o discurso falado, mas é um discurso emocional*” (Entrevista, 8, p.3).

Esta interação com as pessoas através da arte, não se fica pelo teatro. Se, analisarmos o teatro pela via da arte, ele é constituído por diversas componentes da arte como – a música, a dança, a costura, a pintura, a carpintaria, a fotografia, técnicas audiovisuais... “Foi esse trabalho que nós tivemos com os adultos, porque não adiantava nada nós estarmos a trabalhar com as crianças e os adultos a contrariar o que nós estávamos a fazer com as crianças..., pronto foi o mais difícil, porque tivemos projetos em que as crianças aderiam imediatamente e os adultos tiveram mais dificuldades, sobretudo homens, tivemos dois ou três que participavam de resto, não participavam... e as mulheres participavam, às vezes ainda iam à musica e tal..., e depois deixaram de ir, participavam mais nas Marchas de S. João, aderiam muito bem as mulheres” (Entrevista, 8, p. 3).

Importa aqui salientar que as pessoas que habitam o bairro das Saibreiras são oriundas do Concelho de Valongo, mesmo que a sua origem natal esteja em diversos pontos geográficos.

“Quando aqui cheguei, soube que as pessoas vinham de outros sítios, mas sempre à volta de Ermesinde, não vinham de muito longe, e já se conheciam dos sítios onde viviam em vários barracões, casas velhas, de bouças, vieram para aqui, e aqui ficaram, a maior parte delas ainda cá estão nos sítios para onde vieram, mas penso que eram todas à volta de Ermesinde, mas pronto... Ermesinde, Alfena, Valongo... era tudo o mesmo género” (Entrevista, 5, p. 2).

“É assim, as pessoas que tinham as casas em cima da linha do Douro, eram daqui de Ermesinde, sim, as pessoas que são realojadas por necessidade habitacional, ou económica, podem ser de qualquer sítio do Concelho de Valongo, é feito mediante a prova de que a pessoa é moradora no Concelho de Valongo pela menos *há dois anos*, candidata-se, é feita uma cotação da habitação que a pessoa tem naquele momento e entra para a lista de espera por este grau de necessidade, e depois é-lhes atribuída a habitação social” (Entrevista,2, p. 6).

Como tinha sido acima referido, seria coerente traçar uma imagem social do bairro das Saibreiras a partir dos dados de campo recolhidos, e poder-se-ia começar pelos preconceitos e diversidade cultural, nomeadamente face à a etnia cigana.

“Nós começamos o espetáculo de teatro mesmo sobre isso, os preconceitos, os preconceitos que as outras pessoas tinham. Havia preconceitos de que as pessoas cultivavam vegetais e tudo... nas banheiras, que as pessoas tinham levado burros para dentro de casa, que tinham levado animais e que habitavam com outros animais sem ser o cão e o gato, e não sei quê..., e sobre a criminalidade também extrapolavam toda a informação que havia sobre a criminalidade. Havia realmente um período em que havia vendedores de droga lá, e houve rusgas e a polícia entrar mesmo nas casas a meio da noite a..., mas era um problema efetivamente controlado, estava identificado” (Entrevista, 8, p.4).

A diversidade cultural pode causar algum descontentamento, “como por exemplo, há 4 anos, atrás, o bairro não tinha comunidade de etnia cigana e agora recentemente tivemos realojamentos de famílias de etnia cigana, *que veio configurar um novo convívio* entre os habitantes, que não tem sido muito fácil! Inicialmente foi, quando houve só uma família, mas pela própria dinâmica da comunidade cigana, apesar de haver um realojamento e depois outro, todos os familiares vêm conhecer e estarem na casa uns dias, portanto, de uma forma ilegal vamos tendo alguns moradores que não têm autorização de residência? (rir) fazem algumas festas, algumas celebrações no espaço publico aqui do empreendimento, o que causa algum desconforto e algum descontentamento aos outros moradores” (Entrevista,2, p.2).

No decorrer da observação direta de campo não se observaram formas de segregação social, nem formação de grupos, embora os jovens se reúnam como sendo uma certa forma de sociabilidade entre amigos e adiram a valores comuns de estilos de

vida. Contudo, não parece existir na realidade um apego ao território, mas também não existe um espaço comum para eles, a não ser a família, os amigos e o café. Não obstante, “os jovens do bairro das Saibreiras, normalmente juntam-se em grupos, pouco trabalham, vão muito aos cafés e são muito unidos uns com os outros para práticas às vezes pouco fáceis, quando portanto há alguns que trabalham à noite, e sempre no café..., são muito, muito pouco ativos em desporto, mas quando alguma *associação os convida também são participantes*. Aqui no bairro não têm muito onde se juntar, a não ser o café, mesmo só o café. Geralmente de 20 a 30 anos de idade nunca trabalharam, *estão sempre a viver do rendimento social*, pronto...” (Entrevista,5. P.1)

No ambiente da família, poderão existir agregados de um certo modo desestruturados que conduzem a alguns casos de violência doméstica, “a questão da violência doméstica também já foi mais preeminente dos moradores sempre muito associada ao consumo abusivo de álcool, não é? a deficiência económica, provoca também desavenças, havia aqui a não aceitação das pessoas para trabalhar com os serviços essa problemática, hoje em dia continuam a existir casos, mas que estão mais diluídos, e acho que algumas das questões que contribuem para isso, é o facto de alguns dos ditos agressores terem conseguido obter ocupação profissional” (Entrevista, 2, p. 2).

Contudo, e segundo informação recolhida, objetivamente as pessoas aqui apostam e acreditam na mudança, “claro, uma das coisas que mexeu muito comigo, foi, fizemos dois espetáculos do grupo profissional com pessoas aqui do bairro, um foi *bullying* e outro, *violência doméstica* – o do *bullying* houve um caso que se conseguiu identificar, não percebia o que era chamar nomes a outra pessoa de forma continuada..., colocar nas redes sociais aquela pessoa e estar sempre a bater..., era esse tipo de violência..., depois do espetáculo conseguiram falar com eles..., ainda estava um vídeo dela na altura de o miúdo fazer isso à miúda na escola..., uma psicóloga pôs-se mesmo a falar com os jovens..., ele pediu desculpa à miúda e conseguiram resolver isso... o outro caso da violência doméstica..., eu conhecia as duas pessoas, moravam perto de onde nós estávamos a trabalhar..., só os via nas atividades..., a ela, o outro senhor aparecia lá de vez em quando..., nunca quis participar, mas passados dois dias de nós fazermos o espetáculo sobre a violência doméstica, também perceberam, e separaram-se, o homem saiu de casa, e foi fruto daquela sessão sobre a violência doméstica” (Entrevista,8,p.13).

A delinquência associada a economias paralelas, como fonte de rendimento para algumas pessoas aqui residentes, também foi um facto que foi testemunhado durante uma entrevista – “e portanto também houve prisões de algumas pessoa que eram elementos chave nesse tipo de realidade de tráfico, o que ajudou a «limpar» de pessoas que eram do exterior que vinham de longe, do Porto, daqui de Santo Tirso, Rio Tinto, abastecer-se aqui, e portanto a bairro ficou muito calmo, há cerca de 5 a 6 anos, é o meu ponto de vista” (Entrevista, 2, p. 2).

A problemática da delinquência estava a ser atenuada no referido bairro pela mediação da arte, “fui mesmo lá à cadeia visitá-la e pedi-lhe para fazer uma carta à filha, e pedi à filha para fazer uma carta à mãe, depois no espetáculo, na apresentação, a filha lia a carta da mãe, e isso é importante fazer as pessoas pensar..., emocionalmente as coisas passam melhor, *o pensamento e a emoção ligados, criam a arte*, e é outra forma de as pessoas não estarem..., as pessoas só estarem a ver-se elas próprias, a pensarem em ganhar dinheiro, *mas não vêm o que estão a perder*, estão presas há tanto tempo, *não ver a filha crescer...*, a filha só vai lá de 15 em 15 dias, *não está a ver a mãe*, a mãe dela, já idosa, com poucas posses, é que está a sustentar e neta” (Entrevista, 8, p. 5)

O Centro social comunitário das Saibreiras está bastante centralizado no investimento na educação, direcionada para a família como vetor de base para a mudança, a começar logo pela educação das crianças desde a pré-primária até à entrada nas escolas de ensino secundário. Em caso de insucesso escolar antecipam medidas e implementam projetos para acompanharem os jovens com mais dificuldades e em risco ou em situações de abandono escolar, “enfim, *não é só pelas artes* que nós estamos aqui, estamos mais direcionados para o bairro das Saibreiras, sim, começou aqui neste edifício, há vinte e cinco anos que estamos aqui neste edifício, sim está a apostar mais nas crianças que têm mais dificuldade, e não têm tanta abertura para em..., outros sítios verem quais são as suas prioridades, porque se calhar *há vinte anos estas crianças eram vistas como sendo crianças de bairro!* E sendo de bairro, são crianças como de outro sítio qualquer” (Entrevista, 1, p. 1).

O empenho em investir na educação como um todo e para todos, é por iniciativa da Autarquia, “temos um conjunto de atividades que desenvolvemos a nível cultural, uma parte delas são atividades desportivas, e outras destinadas às Escolas, ou seja, *no conjunto da Câmara, nós falamos sobre a juventude. Falamos também da Câmara como um todo.*

Temos também muitas atividades culturais como um todo, *na área da cultura dirigidas aos jovens na área da educação*. Temos muitas atividades culturais dirigidas aos jovens dentro das Escolas no espaço escolar, depois a *atividade desportiva é muito ampla* também, dirigida aos jovens, em grande maioria são atividades no espaço urbano, dirigidas especialmente aos jovens que vivem em empreendimentos sociais..., naturalmente a minha colega que tutela a área social nos empreendimentos sociais, na área social, portanto social..., conhece melhor que eu...” (Entrevista, 4, p. 2).

As atividades socioculturais, já não têm lugar no bairro das Saibreiras como tinham antes, seja no sentido de evitar custos, seja no sentido de uma maior inclusão e interação das pessoas na sociedade e no espaço urbano como um todo. Esta questão pode ser pertinente e seria mais uma das problemáticas a considerar e a analisar, subjetivamente, pode pensar-se que os jovens tendo como espaço natural, o espaço urbano do bairro, a sua inserção no espaço urbano como um todo, poderá requerer uma certa preparação antecipada. “Sim, sim, não há nada!!! E já não há quem pegue no que havia, o que havia acabou! Eles faziam aqui no bairro muitas atividades, como por exemplo, faziam as marchas de S. João, dança, música, costura..., era tudo muito animado! Mas chegou a uma certa altura e não havia dinheiro para continuar..., era tudo pago com o dinheiro dos próprios formadores, até ficarem endividados; não teve cobertura..., quer dizer, não deu para as despesas... e ficaram todos cheios de dividas, eram eles que tinham de as pagar, não é? não havia apoio de lado nenhum..., fazer uma festa, toda a gente gosta muito?! O pior é depois?! E tudo isso dá muita despesa, e dá muito trabalho, e faz falta dinheiro, não é?” (Entrevista, 5, p. 5).

Pensa-se que não se deve ficar alheio ao facto de que as atividades socio culturais são transversais em objetivos de índole económico, político e social, de tal forma que a maior parte do envolvimento humano para o desenvolvimento, rentabilidade e inovação das suas estruturas, neste caso locais, passa pela implementação de projetos, contratos com parcerias com base em garantias de sustentabilidade, “ trabalhamos com pessoas, e principalmente pessoas carenciadas dos bairros sociais, também é verdade, é um facto, e trabalho com jovens, e nessa perspetiva a CM, a única coisa que faz, é trabalhar com projetos, projetos que incluem muitas vezes outros tipos de associações, as juntas de freguesia, os centros sociais, e neste momento, nos bairros sociais, estamos a trabalhar com um projeto, *o meu bairro não tem paredes*, é assim que se chama o nosso projeto, é

um projeto de índole cultural, mas também tem a ver com *a parte desportiva e a parte dramática*. O que é que isto quer dizer? Que nós ajudamos os nossos jovens a ultrapassar determinadas dificuldades através da música, do desporto do teatro..., de muitas áreas, que para isso convidamos as associações” (Entrevista, 3, p.1).

“Todo o trabalho, escreve C. Wright Mills, toda a escolha de estudos e de métodos, em sociologia, supõe uma “teoria do progresso científico”. Todo progresso científico é cumulativo: não é obra de um homem, mas de uma quantidade de pessoas, que revisam, que criticam, que acrescentam e que alegam. Para fazer data, é necessário associar o seu trabalho ao que foi feito e ao que se faz. É necessário para dialogar, é necessário para a objetividade” (Lallement, 2007, p.6).

3. 3 – Práticas socioculturais no espaço urbano

Começando por analisar as práticas socioculturais no espaço urbano inseridas no conceito tempo/espaço, numa dimensão histórica. Somos levados a acentuar a dimensão histórica dos factos urbanos, numa dimensão progressiva, dado que “o facto urbano é fundamentalmente histórico: podem-se balizar as suas origens e estabelecer periodicidades, as condições geográficas e económicas da emergência das cidades relevam de imediato do ambiente local e global. A gestão política, social e cultural da cidade constitui uma questão estruturante tanto a nível de pensamento filosófico como da prática” (Raulin, 2007, p. 23).

Segundo Henri Lefebvre, “os factos vão mais rápido do que o pensamento e a ação; entra-se no período do urbano onde tudo se transforma e inclusive a noção do tempo e do espaço (...)”¹⁴.

Nesta continuidade, o projeto social desenhado pela CM – *O meu bairro não tem paredes*, transporta-nos simbólica e imediatamente para uma conceção de interação das praticas socioculturais do espaço urbano, de forma não diferenciada em todos os elementos da vida social, o que não quer dizer que tudo seja instantâneo e transparente porque por um lado, a hierarquia social é a base estruturante em todas as sociedades democráticas, e por outro, os espaços são cada vez mais especializados, existe uma

¹⁴ - Fonte – web grafia

importante concentração de atividades em espaços únicos e cada vez mais comercializados.

Poder-se ia dizer que as práticas socioculturais no espaço urbano se tornaram uma fonte de rendimento económico no âmbito da arte contemporânea, subvencionadas, não só a nível local, mas também a nível regional, nacional, europeu e até mundial, mas também se têm mostrado como arma de defesa contra a exclusão e a violência a todos os níveis.

Durante a recolha de dados de campo observou-se que a população mais ativa e com maior elenco nas práticas socioculturais urbanas são os jovens, objetivamente porque são os que estão mais expostos às problemáticas das dinâmicas sociais contemporâneas. Segundo informação recolhida, o Concelho de Valongo é um concelho que tem muitos jovens, e por isso sentiu-se a necessidade de criar a Casa da Juventude em Ermesinde, dado que atualmente é a cidade do concelho que mais jovens tem.



Figura 5 – Consultório jovem e consultório da saúde – Imagem 5 – fonte: Casa da Juventude de Ermesinde – março 2019

Com vista a focalizar-nos nesta realidade parece ser pertinente, mais uma vez, começar pela imagem social oferecida pela Casa da Juventude.

“Nós criamos a Casa da Juventude de Ermesinde em 2013, altura em que iniciamos funções na CM, desde aí, a Casa da Juventude tem realizado algumas, várias atividades no âmbito das culturas da juventude, e essas várias atividades culturais são em meio urbano. Temos várias atividades culturais destinadas aos jovens, naturalmente procuramos envolver os jovens, naturalmente estamos num meio citadino... temos um misto de ruralidade e citadino..., mas Ermesinde e Valongo são as mais urbanas” (Entrevista, 4, p. 1).

Depreende-se que a Casa da Juventude de Ermesinde cumpre uma missão integradora de cidadania em relação a todos os jovens residentes em Ermesinde, tanto a nível de equipamento em ferramentas tecnológicas como a nível de recursos humanos.

“Nós como técnicos da casa da juventude, não é? É uma das nossas missões, no fundo, é prestar conhecimentos, é promover as valências que a Casa da Juventude oferece aos jovens, não só aos jovens como a minha colega estava a dizer, que vivem em empreendimentos da Câmara e municípios, mas aos jovens em geral e de acordo com a equipe, não é?” (Entrevista, 6, p. 1).

O que acaba de ser testemunhado, contraria de um certo modo algumas análises feitas posteriormente sobre os bairros de habitação social – “entre fatores estruturais que submetem os jovens dos três bairros sociais da cidade do Porto a constrangimentos que lhes restringem as oportunidades de acesso aos recursos fundamentais, para participarem em modos de vida compatíveis com os padrões dominantes nas modernas sociedades consideradas desenvolvidas, destacam-se, com preponderância não desprezável, os que remetem para a construção do espaço, designadamente para a localização espacial dos grupos sociais segundo uma lógica de separação *versus* concentração” (Queiroz e Gros, 2002, p. 125).

A objetividade e perspetiva do projeto “o meu bairro não tem paredes” é de promover a interação/ inserção social através do teatro e do desporto. “É um trabalho muito bonito, porque eles quando chegam às escolas, que é outro sector onde eles vão ser incluídos, estão mais à vontade para trabalhar. Temos tido muito sucesso com estes projetos. Fizemos há pouco tempo um Sarau, onde todo o executivo da junta esteve

presente, e foi assim um *pontapé de saída para esta gente*, que se animou muito, e que tem feito coisas muito giras” (Entrevista, 3, p. 2).

Como se tem vindo a notar, as artes, a cultura, a educação e a política são conceitos interligados no domínio das *práticas socioculturais*, há uma grande preocupação por parte das instituições para que elas se movam e caminhem em conjunto.

“Sim, sim, eu acho que o ensino é fundamental, e o ensino também ensina as artes, aí temos de arranjar estratégias para motivar os jovens, e as artes vão ser uma motivação, agora as artes não podem ser dissociadas da escola, para um jovem que está dentro da escolaridade obrigatória caminham juntos, a arte e a educação caminham juntas, uma coisa não invalida a outra..., eu acho que eles têm de ter a escola, e têm de ter as artes também..., porque a formação é global..., de facto as artes são importantes, mas depois também há outros conhecimentos de cidadania” (Entrevista, 4, p. 7).

Não obstante, no que concerne ao ensino da arte, e no que concerne a escolaridade obrigatória, as opiniões podem divergir. “O facto de o ensino obrigatório ter passado para o 12º ano, pode trazer vantagens e desvantagens, porque há quem muito dificilmente chegue lá, estão no espaço da escola e não estão nas aulas, às vezes estão lá completamente desmotivados à espera que chegue o fim da obrigatoriedade escolar aos 18 anos..., a arte, sim, apesar de termos uma grande dificuldade, porque infelizmente, ainda não há *Certificação para a Educação pela Arte*, mas pensamos que vai mudar, já estão a aparecer oportunidades em Matosinhos, em Campo Maior..., eu acho que seria uma ótima formação, porque se fosse certificada, as pessoas poderiam seguir *a sua vocação e a sua opção artística* se fossem certificadas” (Entrevista, 2, p. 4).

Na perspetiva das aprendizagens e praticas na área artística, elas são quase inexistentes no bairro das Saibreiras, limitam-se somente à pré-adolescência segundo dados recolhidos no próprio bairro.

“Acho que realmente em relação às artes, sim, tiveram e têm varias atividades que dinamizamos ao longo destes anos todos: ginástica, capoeira, musica..., mas agora só têm até aos dez anos..., os adolescentes continuam, mas noutro lugar perto da Escola Secundária que pertence a este polo, no Centro as atividades que temos são a ginástica que nós os técnicos fazemos com as crianças, tentamos também puxar os pais a fazerem uma atividade mais junto das crianças e mesmo connosco e estarem aqui ativos cá no Centro” (Entrevista, 1, p. 1).

Pensa-se que convém mencionar aqui a interação social como forma de inclusão logo a partir dos mais pequeninos nas escolas, e a missão inclusiva que as mesmas cumprem, “nós aqui no Centro não temos só crianças daqui desta zona do bairro das Saibreiras, temos crianças que nem sequer são daqui, vêm de outros sítios, já por aí, começa a haver outro tipo de contacto diferente entre elas, o que acaba por ser igual, porque ainda há o estigma *que é do bairro*, mas no bairro há pessoas maravilhosas como noutro sítio qualquer, assim como há pessoas menos boas noutro sítio qualquer..., por isso não há que diferenciar..., e sim, claro, o nosso objetivo é que eles sejam adultos melhores, responsáveis, sem duvida, com todas as oportunidades como todas as outras pessoas têm. *É o nosso objetivo*, às vezes não conseguimos, mas...é isso que nós tentamos... temos tido alguns casos de sucesso que nos orgulham muito!!” (Entrevista,1).

A convicção de orientar os jovens a serem cidadãos socializados, sociáveis e responsáveis é perceptível no empenho que as instituições e respetivas equipas demonstram, principalmente no que concerne as atividades artísticas e a formação socioprofissional. “A Casa da juventude faz parte de um serviço ou divisão que se chama *divisão da cidadania e juventude*, ok? Se me vai perguntar quantos jovens vivem no bairro das Saibreiras, nós não temos esses dados, mas trabalhamos com *os jovens em geral*, são todos tratados com o mesmo carinho, e que todos os jovens tenham a mesma oportunidade” (Entrevista, 6, p. 1).

No decorrer deste estudo e no que respeita ao bairro em causa, não se demonstra que os bairros sociais sejam lugares de relegação por parte das instituições, como mostram afirmações feitas por um grupo de jovens estrangeiros, “dizem que são os processos sociais que os marginalizam, as políticas que os estigmatizam, dizem-se vítimas ao ponto de falarem de «um racismo anti jovens», (...) Nem sequer nos ouvem, a nós os jovens, verdadeiramente existem dias em que sinto raiva. Pedimos um lugarzinho para estar tranquilos pelo menos à noite ou durante o dia para nos pousar. Não, é impossível. Dizem-nos ‘vão para casa’. Somos obrigados a marcar encontro na rua, depois há aqui truques que acontecem, e eis, isto é culpa nossa, a reivindicação de um lugar para si, é tanto mais importante quanto mais ela se acompanha do sentimento de não ter lugar em parte alguma” (Ecker & Faure, 2007, p. 122).

Aqui, no Concelho, as atividades artísticas são promovidas em quase todos os projetos que a autarquia implementa e faz crescer pela mediação das juntas de freguesia

e associações culturais que estabelecem contratos com grupos de teatro amador e profissional. “Nós temos neste momento projetos, em que a preocupação é a de que a *sustentabilidade* seja logo projetada desde o início, nós ao desenharmos o projeto, *não estamos só a contar com o dinheiro que vem, a própria Câmara é um investidor social*, nós recebemos dinheiro da *Inovação Social*, mas a Câmara é um investidor social, o que é que isto quer dizer? Há uma parte que economicamente é da Câmara, e o desenho que nós fazemos nestes projetos é exatamente trabalhar a sustentabilidade” (Entrevista, 3, 3).

Importa dizer que a Inovação Social tem um importante impacto nas políticas de desenvolvimento local, nomeadamente na área da cultura onde se confere um significativo relevo às *práticas socioculturais urbanas*, pela mediação do teatro; contudo os grupos profissionais que fazem também teatro amador continuam com dificuldades, e a maior dificuldade é a financeira.

“Agora as coisas são diferentes, quando estávamos nas Saibreiras tínhamos o grupo de atores profissionais fazíamos teatro profissional, fazíamos teatro amador fazíamos formações com crianças fora do bairro, *e tínhamos atividades ligadas à ação social que era o bairro das Saibreiras, esse projeto caiu porque não tínhamos financiamento para continuar*, todos os outros projetos continuaram e começamos a evoluir com mais apoio, *e sobretudo com mais vendas, aquele infelizmente não subsistiu*; o que fizemos também? ligamo-nos ao Centro Social de Ermesinde, e temos também outros projetos ligados à Câmara que é *O meu Bairro não tem Paredes*, mas o projeto *Saibreiras bairro de Artes*, caiu, mas pronto o que havemos de fazer!..., mas nunca tinham pensado num projeto deste género, *e nós chegamos e fizemos!!! O dinheiro que chegava era mesmo de apoio; da Câmara entrava zero; nunca tivemos dinheiro nenhum da Câmara; o que é que acontecia? Nós concoríamos por exemplo às marchas, e cada associação, que concorresse às marchas tinha 1500E, para fazer as marchas, para vestir 80 pessoas, isso nunca chegava!!!*” (Entrevista, 8, p. 11).

Tendo em consideração uma outra dinâmica de ajuda ao financiamento do desenvolvimento *sociocultural*, poderíamos falar aqui de projetos conduzidos pela Casa da Juventude de Ermesinde, que são projetos que incluem jovens em que “*o município disponibiliza uma verba do orçamento anual da Câmara, que chega até nós, através dos jovens...*, nós já vamos este ano na *sexta edição*, este ano vamos receber 150 000 E, cada projeto tem de ter o máximo 10 000 E, *para que possa ser executado*; uma particularidade

deste *orçamento participativo*, aqui o nosso caso é que é um bocadinho diferente dos que estão implementados noutros municípios porque começa um bocadinho mais cedo, pronto, *nós começamos a trabalhar e a pedir este projeto para os jovens a partir dos 6 até aos 31 anos de idade*”.(Entrevista, 6, p. 3).

A sexta edição do orçamento participativo conduzida pela Casa da juventude de Ermesinde, inclui projetos de desenvolvimento local sobretudo direcionados para os jovens de Ermesinde, no âmbito da socialização das crianças nas escolas pela via da educação e da inserção sociocultural dos jovens adultos pela via das *atividades socioprofissionais*, colocando uma pedrinha aqui e outra ali criando pontes e abrindo janelas num processo de *construção social*, – “à semelhança do cineasta, o sociólogo não desconhece que as realidades quotidianas são construídas (o sociólogo acrescentará: *socialmente construídas*); o que observa não é natural, mas resulta de um trabalho de minuciosa montagem, a mesma *cena* esconde vários planos; nem sempre o olhar se fixa no mais relevante” (AAVV, p. 825, 1999).

Prosseguindo no domínio da formação socioprofissional dos jovens e a forma como eles são acompanhados pela Casa da Juventude, esta imagem fornecida pela mesma poderá ajudar a melhor perceber este acompanhamento jovem, e perceber que a raiz destes projetos, não está só essencialmente em Portugal, mas que se ramifica um pouco por toda a Europa.



Figura 6 – O congresso do Concelho da Europa – imagem 6 – Fonte: Casa da Juventude em Ermesinde, março, 2019

“Nós aqui ajudamos sim, temos um *projeto ME*, ou seja, *mais emprego*, onde incluímos essa ajuda como forma de *integração social*, nós temos o projeto a *tool kit for local authorities*, que está incluído no *projeto participativo jovem*, e este projeto faz a tradução não só para jovens do Concelho de Valongo, mas também apoia a *carreira* em varias áreas, como por exemplo elaborar cartas de motivação, CV, consultoria..., esse projeto aqui faz parte do consultório jovem, *qualquer jovem que estude no Concelho de Valongo tem acesso a essas valências e de forma gratuita*, basta dirigir-se à Casa da juventude e pedir uma orientação aos técnicos” (Entrevista, 6, p. 3).

Todavia, não devemos ignorar, que a integração socioprofissional dos jovens é uma das componentes da filosofia política. “No seu relatório, Bertrand Schwartz insistia na necessidade de conceber globalmente a inserção social e profissional dos jovens. Os problemas de acesso ao emprego não podem estar dissociados segundo ele dos problemas de acesso à habitação, à saúde, à cultura, etc. No espírito do relatório Schwartz, a criação de «missões locais» em 1982 visava a criar este «atendimento único» onde o conjunto dos problemas da juventude poderiam ser tratados globalmente” (Pillon & Vatin, p. 407, 2007).

Na continuidade de construção individual do sujeito, e segundo informação recebida, nota-se que a Casa da juventude de Ermesinde tem o cuidado e a preocupação de receber os jovens individual e sigilosamente. “Marcamos uma data um horário e o técnico vem aqui à Casa da juventude, e faz um *atendimento personalizado* com o jovem, e faz as perguntas que quiser, uma hora ou mais, e não há limites de marcações, o jovem pode vir fazer as marcações nestas áreas *e todos lhe vamos dar a informação de que precisa*” (Entrevista, 6, p. 4).

As dificuldades que os jovens podem vir a ter em relação à sua identidade, ou seja a sua construção individual, também se tornam perceptíveis e podem ser sintomáticas de *questões sociológicas contemporâneas*. Em primeiro lugar terá a ver com os jovens de Ermesinde, dado que, após o declínio das grandes unidades industriais que no passado promoveram Ermesinde, este declínio contribuiu para que se tornasse um lugar considerado como *dormitório* para pessoas que iam trabalhar para o Porto e respetiva *área metropolitana*. Em segundo lugar pelo facto de ter sido implementada a Estação de Caminhos de Ferro em Ermesinde, que muito contribuiu para a mobilidade e crescimento desta cidade.

“Ermesinde não tem *uma identidade muito própria*, mas estamos a tentar trazê-la para lá também, através da arte religiosa, o brinquedo tradicional de Alfena começou também numa parte de Ermesinde..., Valongo e Ermesinde são atravessados pela *linha do douro*, que é riquíssima a trazer *pessoas da província* para o Porto para trabalhar. O que isto acabou por acontecer? Ser um pouco *um dormitório, mas isto já foi?! Por*que agora está-se a ultrapassar estas situações todas. Claro, *é muito rica*, até porque é o local que mais gente temos em Valongo” (Entrevista,3, p.5).

Ainda no mesmo sentido, “um jovem que está aqui integrado no Concelho, se está numa associação ou faz parte de uma coletividade, obviamente que isso *cria um sentimento de pertença*, não é? Nas *valências novas* que temos entre o nosso papel – no fundo estamos a oferecer aos jovens, *ferramentas*, para integrar naquilo que lhe dá a possibilidade de se sentirem e pensarem: “*este é o meu espaço*”, “*eu identifico-me com Ermesinde, Alfena, Campo, Sobrada, Valongo*”! É bom identificarmo-nos com o espaço onde moramos! Esse é o nosso papel como técnicos, não é? De abrirmos janelas, mostrar a onde podem ir buscar ajuda” (Entrevista ,6, p.5).

De outro modo, quando foi dado ao bairro das Saibreiras o nome de *Saibreiras Bairro de Artes*, também seria para os habitantes do bairro, uma forma de identificação comunitária como por exemplo o é o *Centro social comunitário das Saibreiras*. “Nós ao mudarmos o nome ao bairro *sentimos que as pessoas estão diferentes, e se as pessoas acharem?!... nós chegamos lá, e não mudou nada!* Mas se nós fizemos uma marcha a dizer que mudou, *as pessoas sentem isso!* E querem fazer parte de uma mudança, toda a gente sente necessidade de fazer parte de uma mudança! *Ninguém quer viver numa coisa que ninguém quer ir para lá morar*” (Entrevista,8, p. 8).

Um dos incentivos em perspectiva, associado às práticas socioculturais no espaço urbano, é a organização e promoção de exposições, no *domínio da ferrovia*, como uma das componentes dos valores *da classe operária* no Concelho de Valongo, integrado no programa da cultura, reabilitação e desenvolvimento local, pela via da comunicação e expansão dos valores da classe acima referida, na área de renovação, inovação e desenvolvimento de práticas tradicionais neste Concelho. Ainda que, os jovens se sintam mais atraídos pelas artes cénicas ou artes performativas do que pelas *artes manuais* que atualmente podem ser consideradas *artes menores* na área da educação.

“Eu penso que sim, Ermesinde sempre teve uma classe operaria ligada ao comboio..., uma ligação muito forte com a *ferrovia*..., nós queremos manter essa ligação..., os ferroviários são um grupo muito importante em Ermesinde..., houve um período em que foi uma classe profissional muito forte em Ermesinde..., de facto nós temos feito, a Câmara está..., tem procurado manter essa cultura..., temos um projeto que vai ser concluído muito em breve da colocação de uma *automotora* alusiva a Ermesinde que é para mostrar esta *ferrovia e os ferroviários*, esta classe para nós é importante, de facto é importante. Eu penso que os jovens, hoje estão um bocadinho desligados destes valores..., desenvolvem mais uma cultura ligada aos serviços..., as pessoas e os jovens estão um bocadinho mais orientados para o mundo contemporâneo, uma cultura diferente, profissões diferentes, modos de estar diferentes” (Entrevista,4, p.4)

Contudo, as opiniões divergem de um modo significativo. “Ninguém pode adquirir uma identidade sem ter alguns cuidados com a anterior, não é? E é daí que parte, não é? Será de uma classe operária, que se vai fazer o enriquecimento, no futuro, de uma terra, sem dúvida nenhuma. Através da cultura, da educação, dos projetos e tudo que se faz com eles..., tudo isso vai prevalecer lá, não é de retirar nunca, a origem tem de

prevalecer..., nós neste momento precisamos de gente técnica e profissionalizada, não é propriamente de doutores..., temos de apostar muito nas variantes *técnico/pedagógicas*, *nos técnico/ profissionais*, eu vejo um *grande futuro* para esses jovens nessas áreas..., nós temos a parte da cultura que tem agora um projeto *ler não custa nada*, em que este tema é comum a todos que já falamos, qualquer curso que seja, seja *serralheiro* ou seja *medico*, eu estou a fazer estes paralelos, porque tem a ver o jogo, a arte, a cultura, tudo..., um bom livro pelo meio, tem que se ter isso tudo, porque senão nem é bom serralheiro nem é bom medico..., um medico vai para a *universidade* e um serralheiro vaia para uma *escola /profissional...*, nós cá em Portugal, já as tivemos, perdemo-las com o 25 de Abril, e agora estamos a reforçar novamente essas escolas, e é a pensar nesses jovens, nessas camadas jovens que precisam de trabalhar, mas para serem bons profissionais” (Entrevista,3, p.8).

Se, na verdade, se sente ainda hoje a necessidade da sobrevivência da classe operária, como se acaba de afirmar, nas sociedades contemporâneas, será supostamente porque a sua condição é transversal a uma memória coletiva, ou mesmo a base dos instintos ou de disposições humanas. Segundo, “M. Albwachs, a agudeza sensorial, a certeza dos movimentos, a resistência nervosa, a força muscular, a habilidade, a agilidade, é todo um conjunto de faculdades ativas que nos parecem desenvolver simplesmente tendências que fazem parte da natureza humana” (in Lallement, 2007, p. 181).

A falta de formação profissional que muitas vezes derivava do elevado grau de analfabetismo que existia em Portugal, a obrigatoriedade de começarem a trabalhar desde muito jovens, como também devido ao condicionamento do seu lugar no grau mais baixo da hierarquia social, levou a que hoje pessoas que ficaram no desemprego na dita época pós-industrial, se encontrem atualmente no desemprego, à espera que chegue a idade da reforma, porque não têm recursos formativos possíveis para serem integrados no mercado do trabalho. Como foi também dito acima esperam-se “bons profissionais”, o que não quer dizer que antes o não fossem, mas hoje a grau de exigência é mais elevada e as expectativas são diferentes. É por estas razões que se está a apostar na formação socioprofissional com vista a acautelar situações de fracasso, que podem vir a pôr em causa o desenvolvimento económico, social e cultural, neste caso a nível local.

“Trabalhamos com alguns gabinetes de inserção profissional, e alguns Centros de formação que permitem também que as pessoas se possam capacitar a nível de

competências pessoais e profissionais que não tinham, para assim poderem justamente inserirem-se profissionalmente. Agora, há sempre uma *franja de pessoas* que não terão essa capacidade, que não estão habituados para o mundo do trabalho, por questões de saúde, por alguma debilidade por falta de estimulação que tiveram na 1ª infância, por falta de acompanhamento familiar, que se calhar hoje em dia estamos mais atentos, mas antigamente empurravam-se muito logo os joventinhos para o mundo do trabalho, e as pessoas acabaram por ficar ali com algum défice, que depois futuramente vieram a não ser muito promissoras, como por exemplo, nós tivemos aqui pessoas que trabalharam nas fabricas das cordas, na LEAR, nos têxteis, na fabrica da lousa em Valongo, *e trabalharam anos e anos seguidos desde muito joventinhos, 13 anos, 14 anos*, e que depois quando *ficaram desempregados aos 40 anos*, não conseguiram..., porque só sabiam fazer aquilo, não é? não conseguiram desenvolver competências para trabalhar noutra meio..., temos assim pessoas que ficaram penduradas no tempo à espera da reforma..., porque não tiveram oportunidade na vida de ter um percurso formativo que lhes desse competências para o mundo profissional, que lhes desse oportunidade para um nível mais diversificado”(Entrevista, 3, p. 4).

Quase a terminar este capítulo, sublinha-se que pode parecer não estar adequada esta deambulação entre práticas socioculturais urbanas e formação socioprofissional, mas foram, na verdade, os temas que mais se manifestaram durante a recolha e interpretação dos dados de campo, o que veio a conduzir ao objetivo que logo desde o início da presente dissertação consistiu em considerar a *arte* como um todo, não só a arte lúdica ligada ao jogo do entretenimento, mas também a arte manual ligada ao trabalho do proletariado que também não deixa de criar o seu encanto e a sua poesia, como foi dito por G. Navel “*A razão da arte não é ela a de ir buscar ao fundo da multidão infinita o desconhecido que aí se acreditava só e voltar a coloca-lo no circuito comum para que ele volte a participar no ritmo universal?*” Como também foi dito na recolha de dados de campo, “*o pensamento e a emoção ligados criam a arte*”.

As duas versões da arte acima citadas poderiam ser igualmente transportadas para o espaço urbano associadas ao conceito tempo e espaço da cidade tendo sido uma das realidades abordadas na recolha de dados, “*as cidades são evolutivas e vão evoluindo ao longo do tempo*” (Entrevista, 4). Esta realidade também pode criar espaços *mortos* devido à *erosão* dos espaços. “Nós tivemos fabricas que ficaram desativadas e foram

recuperadas, são hoje *museus*, espaços culturais, como por exemplo: o *Forum cultural de Ermesinde*, o *apreadouro ferroviário de Susão* que está a servir para uma associação cultural, o antigo *Quartel dos Bombeiros no Cento de Valongo* que foi abandonado, comprámo-lo e estamos a requalifica-lo, e vamos fazer a *oficina da regueifa e do brinquedo para trazer mais pessoas a Valongo*, era um quartel que estava abandonado e estamos a dar-lhe vida, uma nova vida e *adaptá-lo á realidade do presente*. Sim, ainda há *espaços e consumos de droga...*, mas estamos a requalifica-los e dar-lhes outros valores..., transformá-los, onde se façam outras atividades, e de facto podem ser espaços interessantes para a *comunidade*, essa é a nossa preocupação..., temos projetos para limpar a cidade..., pintar, mas pintar com qualidade..., esse projeto está incluído no *orçamento participativo jovem...*, transformar esses espaços para que eles deixem de ser algo de *vandalismo...*, havia espaços abandonados onde nós colocamos alguns serviços, portanto ficaram a ser frequentados, e serem mais utilizados, naturalmente, muito vandalismo deixa de existir”(Entrevista, 4,p.6).

Focalizando-nos de novo na imagem do bairro das Saibreiras, pensa-se que um dos pontos mais complexos é a produção de práticas socioculturais no espaço urbano como uma fonte de rendimento socioeconómico e a existência de preconceitos em relação ao exterior e ao interior do bairro, mesmo no interior do bairro, as pessoas umas em relação às outras geram preconceitos, falou-se muito do estigma, *são do bairro?! “(...) já era a parte do teatro para trazermos os miúdos para fora do bairro, e assim entravamos nas montras, falava com as pessoas..., olhe vamos fazer uma peça de teatro..., vamos passar aqui dois dias..., os miúdos entraram nas montras..., pintar a cara, as unhas..., e nós lá fora com musica, acompanhar para acompanhar a coisa..., e os miúdos perceberam que, se eles tratassem bem as pessoas, as pessoas também os tratavam bem a eles?! Uma florista até lhes ofereceu flores?! E aqui, foi, para que eles percebessem que, se eles darem, também recebem?! Porque há aqui..., eles estão sempre à espera, que sejam os outros a dar?!”* (Entrevista, 8). Um outro ponto que se pensa ser marcante, é o de que os miúdos do bairro das Saibreiras, dentro do mesmo contexto de que se falou acima *participaram num teatro internacional*, e os miúdos sentiam preconceito em relação aos outros, e muito também pelo facto de não saberem falar inglês, contudo, se a comunicação não passou tão bem em inglês, passou em espanhol, e tudo correu bem. “A dimensão deles não tem de ser pessoal, nem familiar, nem do bairro, nem da cidade, mas pode ser

de outro país, a dimensão deles não acaba ali!!! Porque eles nasceram no bairro, não têm de morrer no bairro, é mentira, *é mentira isso...*, e o meu caso pessoal..., só que se calhar há pessoas que *precisam de ser mais espicaçadas* para acreditarem neles..., nós no teatro aprendemos muito com os atores, precisamos de dar mais miminhos a uns e ser mais brutos com outros, porque tem a ver com a nossa matéria humana, não é? com a nossa história..., mas nós a nível de governo temos..., faz-se isto, porque fazem com que haja mais produção, porque as pessoas estão ali..., não dá para toda a gente ter sucesso, mesmo em teatro nós temos essa..., ao trabalharmos com essas pessoas, percebemos o que se faz e trabalha com uma pessoa, e o que se faz e trabalha com outra pessoa” (Entrevista,8, p. 15).

Conclusão

Tendo-se optada pela corrente etnográfica como procedimento científico da presente dissertação, tentou-se que fosse o mais claro possível um discurso descritivo teórico - empírico; na interpretação mobilizaram-se leituras, conhecimento sociológico, entrevistas semi-diretivas exploratórias, fotografias e informação via web; foi o que na realidade se pensou fazer neste terceiro capítulo de exploração de dados; não se trataram os dados de campo recolhidos durante a observação direta, nem o diário de campo; pensa-se serem tratados na conclusão final, após se ter procedido à formação de conceitos, à definição da problemática e à formulação de hipóteses.

Capítulo 4 – Conclusões e Recomendações

No espaço urbano que as sociedades urbanas contemporâneas representam e se apropriam, numa constante afirmação e procura de sentido, conduzindo a uma reconsideração filosófica, artística e científica, existe uma transversalidade no domínio das ciências sociais com importante destaque para a sociologia e a antropologia onde uma estratégia do conhecimento e uma estratégia da política se tornaram imprescindíveis.

Seria aqui importante lembrar que a atividade urbana irrompe da complexidade na interação e comunicação das práticas socioculturais constitutivas do relacionamento humano na cidade de modo a elencarem representações sociais que estabelecem uma relação simbólica entre espaço – tempo.

Por esta via tenta-se encontrar o fio condutor que nos possa encaminhar para uma abordagem epistemológica como ferramenta essencial de uma análise qualitativa e crítica do trabalho de campo.

Tendo como objeto de estudo as culturas urbanas em espaços urbanos de habitação social, na presente dissertação teve-se por objetivo tentar dar conhecimento da forma como as referidas práticas se desenvolvem numa dinâmica sociocultural, e de interação e socialização intergeracional.

Deve dizer-se que, por cumprimento das normas académicas estabelecidas, não se tornou possível a análise de toda a informação do trabalho de campo. Limitámo-nos a analisar a informação contida nas entrevistas semi-diretivas, algumas fotografias sociais e algumas imagens em concordância com o objeto de estudo e as perguntas de partida. Contamos incluir nos anexos a informação que não foi analisada (diário de campo, observação direta, fotografias e a informação integral contida nas entrevistas transcritas pelo investigador).

Os jovens de habitação social, mas também os jovens em geral, nas cidades contemporâneas globalizadas, têm sido assiduamente objeto de estudo na área das ciências sociais, atendendo à complexidade de situações de interação sociocultural na produção do espaço urbano e suas transformações de modos de vida e mutações culturais. Pois a apropriação do espaço urbano, mesmo sendo simbólica, obedece a estruturas sociais e políticas.

Partindo do estudo de um dos bairros de habitação social da Área Metropolitana, ou seja, do grande Porto, desde a primeira abordagem se percebe que o bairro das Saibreiras não se nos apresenta dentro de um perímetro nítido. Os seus limites são indeterminados. Poder-se-ia dizer que é um espaço de vida social coletiva, determinado socialmente como um facto social, mas, ao mesmo tempo, a sua população forma uma malha urbana que interage socialmente com a população da área envolvente. Nessa interação com a população em geral constata-se que juntos foram construindo e trabalhando um compromisso, ou seja, um acomodamento em vez de um afrontamento. Contudo, não se exclui a existência de alguns conflitos e de algumas fronteiras sociais implícitas.

Objetivamente, não se poderia fazer sociologia sem tomarmos em conta os contextos que a envolvem. Pois é em função destes que podemos tentar compreender a lógica das decisões políticas, sociais, económicas, culturais e simbólicas que foram tomadas em relação à apropriação do espaço urbano, à requalificação do mesmo e às práticas socioculturais no âmbito dos jovens de habitação social.

Neste sentido, poderíamos começar pelo conceito de políticas socioculturais como componente das políticas da educação e da cultura no âmbito da produção do espaço e sobre o uso do direito à cidade numa lógica emancipadora. Quer isto dizer, como pedra angular da construção e consolidação de: autoestima, realização pessoal e afirmação de pertença cultural.

Na dinâmica das políticas socioculturais a C. M. de Valongo reserva um vasto e privilegiado espaço onde concentra e disponibiliza uma parte importante de capital humano, económico e social na implementação de projetos destinados à reabilitação do espaço urbano, à formação socioprofissional e às práticas socioculturais dos jovens do concelho de Valongo com grande destaque para a arte a partir do teatro.

A C. M. de Valongo canaliza recursos rumo ao desenvolvimento local, através das políticas de inovação social, conferindo à autarquia a missão de investidor social.

O espaço urbano como lugar de representação social depende das políticas públicas que formalizam exigências por parte do mundo económico e por parte do mundo político, entrando deste modo nos jogos de poder que podem, por sua vez, ser uma das causas incubadoras dos efeitos do insucesso escolar, da tendência a práticas desviantes,

da inação laboral, da pobreza, da falta de motivação e de recursos para a mobilidade social da juventude residente em empreendimentos de habitação social.

Não obstante, os projetos implementados e dinamizados pela gestão do poder executivo autarca do concelho de Valongo, têm por objetivo por termo a uma semelhante situação. Nesta dinâmica foi criada a Casa da juventude de Ermesinde em 2013, que gere e disponibiliza para todos os jovens, com uma tendência particular para os que estudam, desde a idade de 6 até aos 31 anos, um serviço incluído no projeto *divisão da cidadania e da juventude, o consultório jovem e o consultório da saúde*, são ferramentas fundamentais com serviços inovadores para a sua integração, no sentido de pertença e de identificação dos jovens com o lugar onde vivem. São técnicas de ajuda constituindo pilares estruturantes no enquadramento e na solidez de uma cidadania responsável e promissora.

Reportando-nos de novo às políticas de inovação social e aos diversos projetos que a C. M. de Valongo implementa e inclui nesta medida, impõe-se, de um modo especial, o destaque para o projeto *o meu bairro não tem paredes*, podendo vir a ser um investimento humano muito importante na medida em que proporciona vantagens aos jovens em geral, permitindo-lhes criarem dinâmicas de interação sociocultural constitutivas de uma dimensão simbólica como forma de processo na construção identitária em articulação e comunicação com a cultura, educação, formação socioprofissional, relação ao *outro*. Todos estes diferentes conceitos se encontram entrelaçados nos meandros da arte em forma de dom e contra dom implícitos no sentimento, na emoção e na relação ao *outro*.

Importa salientar que estes projetos de que falamos, além de serem movidos por uma dimensão simbólica, têm de ser sustentáveis para assim poderem criar bens materiais e serviços competitivos que contribuam para a mudança através da inovação.

Este procedimento ajuda a compreender o porquê do fenómeno, mesmo no domínio da arte, sabendo que não se procede de uma forma consensual com os atores.

Subjetiva e indutivamente poder-se-ia dizer que os atores que têm aptidão espontânea, vão ser bem-sucedidos, e os que necessitam de mais tempo e mais atenção vão ficando na mesma esteira, pelo facto de não se conferir aos formadores o tempo e as técnicas adequadas para os acompanhar, o que favoriza deste modo, o desperdício de competências e de construção de autoestima.

Ao nível de uma percepção subjetiva impõe-se aqui a necessidade de um sucinto discurso descritivo sobre o bairro das Saibreiras designado bairro de Artes. Este projeto foi concebido e implementado pelo *Grupo de teatro cabeças no ar e pés na Terra*, o seu principal objetivo era a mudança e integração social pela via das artes.

Todavia, este projeto caiu por falta de recursos financeiros. Porquê? Porventura não teve o devido apoio das políticas públicas, sobreviveu, na medida do possível, até à data em que os recursos vindos das parcerias e doações solidárias se esgotaram.

Dentro de uma análise sociológica objetiva, permita-se que se faça aqui uma comparação entre o projeto *divisão da cidadania e da juventude* implementado pela Casa da juventude e financiado pelas políticas públicas onde a C. M. de Valongo disponibilizou em 2019 uma verba no valor de *cento e cinquenta mil euros* dividido em projetos onde cada um precisa no máximo *dez mil euros* para que possa ser executado. Sabendo que o projeto *saibreiras bairro de artes* recebeu zero valor, por parte da C.M. de Valongo, mesmo assim durou dois anos. Porque as pessoas gostavam do que ali se fazia e apostavam na mudança e continuaram a fazer espetáculos incluídos nas marchas populares. Os formadores como organizadores e promotores da cultura popular, neste caso, concorriam e recebiam das associações a módica quantia de *mil e quinhentos euros* para prepararem e vestirem oitenta pessoas! O sucesso do espetáculo foi visível, mas o financiamento foi um fracasso e, desta vez, as marchas nas Saibreiras acabaram.

Perante esta comparação e suas considerações, implica pensar subjetivamente que na produção social e na produção cultural das classes populares no espaço urbano, a centralidade urbana concentra as infraestruturas e as práticas socioculturais num espaço com significado simbólico a que podemos chamar lugar sobre o qual se exerce um certo poder.

Não obstante, poder-se ia dizer que esta centralização pode vir a ser para os jovens uma porta aberta para o futuro, como sendo uma forma de: socialização, acesso a redes de informação cívica e formativa, participação em movimentos sociais, desenvolvimento do seu capital social e de rutura com uma certa mobilização inconsequente.

Mas para que esta mudança e transformação de realidades sociais, políticas e espaciais se torne possível e se inscreva numa *utopia concreta* na exploração de competências e potencialidades, seria necessário um acompanhamento específico capaz de motivar os jovens e menos jovens a reagir, porque sozinhos pelos seus próprios pés a

trajetória será longa e difícil de chegar à meta esperada, tendo em conta os diferentes indicadores desta dimensão:

São jovens filhos de pais em que uma parte importante pouco ou nada sabem ler e escrever, porque foram condicionados a trabalhar desde muito jovens nas fábricas e na indústria de matérias primas abundantes no Concelho de Valongo, ficaram no desemprego e esta situação reproduz-se devido ao diminuto nível de escolaridade precedido do abandono da mesma por parte dos jovens. Muitos dos jovens de idade compreendida entre os vinte e os trinta anos não estudam nem trabalham, a inexistência de atividades comerciais formais e serviços dentro do empreendimento social também não ajuda a criar *atividades sociais* para esta gente. Todos estes indicadores levam famílias com pouco rendimento à necessidade de recorrerem à ajuda dos *subsídios sociais*, nomeadamente o RSI, e outras práticas de sobrevivência a fim de controlar a pobreza, não se formam grupos de jovens, mas estão muito habituados à socialização entre pares, nomeadamente no café e na rua aos fins de semana.

Poder-se ia Concluir que, uma vez que deixou de existir a prática cultural das artes no bairro das Saibreiras, se bem que os residentes sintam uma certa nostalgia, as pessoas aqui continuam a apostar na mudança, e os jovens têm sonhos, os adultos têm as suas próprias convicções e raízes culturais que desejam preservar, vivem aqui famílias de etnia cigana que querem ser sempre ciganos, se for preciso deixam as portas abertas, apreciam o contacto com a natureza, fazem comemorações na rua, juntam as famílias, vão vender para as feiras.

Toda esta heterogeneidade social e cultural traz um equilíbrio de modos de vida saudável. As pessoas socializaram-se fazendo com que o estigma problemático das *malvinas* fosse ultrapassado, mesmo que ainda restem vestígios.

No domínio das políticas públicas de ação social o Centro social Comunitário das Saibreiras que funciona também como Associação Ermesinde Cidade Aberta, disponibiliza uma panóplia de serviços de proximidade que conferem um importante equilíbrio na socialização e redes sociais de vizinhança que levam, de um certo modo, os residentes a viverem como numa *aldeia no meio da cidade*. O apoio social que conferem às pessoas reúne todos os requisitos exigidos pelas normas. Dividem com uma certa filosofia o que têm ao seu dispor pelas pessoas mais necessitadas porque as conhecem. Porém, eventualmente, ainda persiste o estigma de «preguiçosos».

Em segundo lugar, é uma instituição que contribui para o desenvolvimento de construção social, dado que agrega pessoas do empreendimento social, da área envolvente e crianças escolarizadas desde a pré-primária até ao ensino secundário vindas de toda a proximidade sem tratamento diferenciado para ninguém. Pode acontecer que as crianças entre elas reivindiquem pequenas coisas que são naturais nas atitudes infantis, mas o estigma de dizerem *são do bairro*, já foi ultrapassado.

Nesta linha de pensamento dirigida ao *estigma e aos preconceitos*, muito se fez no domínio das artes quando os espetáculos eram preparados e exibidos nas Saibreiras, e depois fora das Saibreiras quando traziam as crianças para o *centro urbano* aquando a preparação para a participação de espetáculos de *teatro internacionais*, mostrando que as crianças e os jovens que vivem em empreendimentos sociais são portadoras das mesmas capacidades que qualquer jovem encerra em si.

Por fim, será que se podia dizer que George Navel tinha razão quando advogava que *a razão da arte não seria ela a de ir buscar ao fundo da multidão infinita o desconhecido (...) e voltar a coloca-lo no circuito comum para que ele volte a participar no ritmo universal?*

Referências bibliográficas

- AAVV, A Sociologia e o Ensino Secundário, Oeiras, Celta/APS, 1999, 175 + IX páginas.
- Borja, J.& Sebastia. (2003). *La ciudad conquistada*. Madrid: Alianza Editorial,S.
- Blanchet, A.& Gotman, A. (2001). *L'Enquête et ses méthodes: L'Entretien* (2ª ed.). Nathan/VUEF. ISBN: 2-09-190652-2.
- Bourdieu, P. (1981). *Questions de sociologie*. Paris: Minuit Editions.
- Costa, A. F. (2008). *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural* (2ª ed.) ISBN: 978-972-774-249-3. Edição Celta.
- Caria, T. H. (Org.) (2002). *Experiências etnográficas em ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Castel, R. (1995). *Les metamorfoses de la question social*. Paris: Folio Editions.
- Eck, H.& Faure, S. (2007). *Les jeunes et l'agencement des sexes*. Paris: La Dispute/SNÉDIT, ISBN: 978-2-84303-145-2.
- Fernandes, A.T. (1988). *Os fenómenos políticos: Sociologia do poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Géraud, M.O., Leservoisier, O. & Pottier, R. (2007). *Les notions clés de l'ethnologie: Analises et textes* (3ª ed.). Paris: Editions Armand Colin: ISBN 978-2-200-35193-9.
- Hoggard, R. (1970). *La culture du pauvre*. Paris: Les Éditions de Minuit, ISBN: 978-27073-0117-8.
- Heidegger, M. (1976). *L'acheminement vers la parole*. Paris: Collection Tel, Éditions Gallimard.
- Junta de, F. E. (2010). *Monografia*. Porto: Editora Porto de Sempre.
- Lopes, J., Louçã, F. & Ferro, L. (2017). *As Classes POPULARES: A Produção e a Reprodução da Desigualdade em Portugal*. Porto: Bertrand Editora.
- Lallement, M. (2007). *Histoire des idées sociologiques des origines à Weber* (3ª ed.). Paris: Editions Armand Colin
- Lepoutre, D. (2001). *Coeur de banlieue: Codes, rites et langages*. Paris: Éditions Odile Jacob ISBN: 2-7381-1040-1.
- Lefebvre, H. (1968). *Le Droit à la Ville* (3ª ed.). Paris: Éditions Economica Anthropolos.
- Lopes, J. T. (2001). *Novas Questões de Sociologia Urbana: Conteúdos e «orientações» pedagógicas*. Porto: Edições Afrontamento.

- Navel, G. (2004). *Travaux*. Paris: Éditions Gallimard.
- Pereira, V. B. (2005). *Classes e Culturas de Classe das Famílias Portuenses: Classes Sociais e «Modalidades de Estilização da Vida» na cidade do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pillon, T. & Vatin, F. (2007). *Traité de Sociologie du Travail* (2^a ed.). Toulouse: Octares Éditions EAN 9782915346435.
- Queiroz, M. C. & Gros, M. C. (2001). *Ser jovem num bairro de habitação social*. Editora Campo das Letras.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2017). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (edição revista e aumentada). Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa: Gradiva.
- Rodrigues, E. V. (2010). *Escassos Caminhos: Os processos de Imobilização Social dos Beneficiários do Rendimento Social de Inserção*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rosanvallon, P. (1995). *La Nouvel Question Social: Repenser L'Etat*. Paris: Éditions du Seuil.
- Raulin, A. (2007). *Anthropologie Urbaine* (2^a ed. revue et augmentée). Paris: Editions Armand Colin ISBN 978-2-200-35194-6.

Web grafia

nota) 4. <https://laviedesidees.fr/Peut-on-parler-des-classes.html>

nota)5. <http://www.arss.fr/articles/comparer-les-classes-populaires-en-france-et-au-portugal-differences-structurelles-et-histoires-intellectuelles/>

nota)6.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223031340N1gDW0zb2Gm99PA2.pdf>

nota)7. <https://www.dailymotion.com/video/xapy1e>

nota)8. [Laurence Costes](#)

[Espaces et sociétés 2010/1-2 \(n° 140-141\)](#), pages 177 à 191

nota)9. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/40118>

nota)12. <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/valongo/interior/em-obras-ao-fim-de-28-anos-1546934.html>

nota)13. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2398/2195>

nota)14. <https://www.babelio.com/auteur/Henri-Lefebvre/106587/videos> .

ANEXOS

Anexo 1 – Diário de campo e Observação direta

Diário de campo

Sábado 16 de Fevereiro 2019 às 17h da tarde no Café mexicano nas saibreiras em Ermesinde.

Sentei-me numa das mesas, pedi um café e fiquei uma hora sentada na mesa. Observei que o espaço do café tinha mesas onde estavam pessoas sentadas a tomar café e outras bebidas, eram mulheres e alguns homens, mas poucos, os outros estavam em pé ao balcão a beberem cerveja, entre eles estava um jovem sentado a falar com as empregadas eram duas jovens. O gerente também estava lá, falava com as pessoas de uma maneira afável e divertida, tanto estava fora como dentro do balcão. As mulheres conversavam juntas na mesma mesa, não conversavam com as outras pessoas.

Houve quem tivesse trazido um cão, mas esse ficou à porta, e não parou de ladrar e de passar as patas na porta, mas não tentava entrar atrás das pessoas.

Levantei-me da mesa e levei a chávena ao balcão para pagar e aproveitar para falar um bocadinho com a empregada – perguntei-lhe se os jovens do bairro não vinham ao café – ela respondeu-me que sim mais à noite, mas que se portavam bem, e que estava aberto até às 11h da noite menos ao domingo que só está aberto de manhã.

Saí do café e fui fazer um giro ao bairro, estava sol, havia pessoas sentadas à porta a conversarem, muita roupa a secar estendida nas janelas e até na rua (cheirava bem), jovens a conversarem dentro dos carros com os que estavam fora ao lado, alguns exibiam o ruído arrepiante do motor do carro fazendo de forma intermitente curtos momentos de excesso de velocidade.

No parque lúdico das Saibreiras (o juncal) estavam crianças a brincar acompanhadas pelos adultos, que seriam familiares, eram homens e mulheres, também estavam adultos sentados ao sol.

Mais acima dirigi-me a um senhor que me disse: “sou habitante do bairro, tenho sessenta anos, sou reformado da CP (Comboios de Portugal) há vinte e cinco anos que habito no

bairro das Saibreiras sem pagar nada de renda porque fui realojado pela Câmara”. Perguntei-lhe então se havia um bom entendimento com os vizinhos e no bairro, respondeu-me que, “agora sim, mas que nem sempre fora assim, trouxeram pessoas para aqui morar que não sabiam viver com os outros, nem tão pouco viver numa casa, até «burros» punham nas banheiras”. Perguntei-lhe onde estavam agora essas pessoas, ele respondeu-me, “já as tiraram daqui”. Penso que ele exagerou, mas não tenho a certeza. Também lhe perguntei porque é que certos prédios estavam degradados e outros não. Disse-me que eram habitações da cooperativa. Perguntei-lhe então porque era que algumas estavam reabilitadas, em bom estado de conservação e outras não. Respondeu-me que aquelas habitações eram de proprietários e que uns renovavam e outros não. Perguntei-lhe porque é que havia habitações da cooperativa ali no barro e se fora uma iniciativa de uma sociedade e seus integrantes, disse-me que não, que foram patrões, mas que não sabia dizer-me. (Vim depois saber que foi um grupo de pessoas solidárias que se uniram com interesses comuns e construíram casas de habitação económica, todas dentro do mesmo modelo. Na altura da construção eram todos proprietários, mas segundo me informaram, hoje algumas casas já são alugadas continuando todas a pertencer à habitação privada, o parque de desporto junto às habitações pertence lhes e é privado, mas fica mesmo junto ao bairro das Saibreiras). Perguntei-lhe, então o condomínio não se encarrega do estado de conservação, respondeu-me: “agora não há condomínio, antes havia, mas as pessoas deixaram de pagar que não tinham dinheiro, mas tinham dinheiro para ir de férias, e tudo acabou, porque estavam uns a pagar pelos outros”. Depois subi pela rua das Saibreiras até à paragem do autocarro que fica à beira, mas não vi pessoas na rua, vi sim, algumas pessoas nas janelas.

Quinta feira 21 de fevereiro às 17h no Café mexicano

Entrei, sentei-me numa mesa, pedi um café, sempre observando, reparei que as pessoas não se juntam se não forem familiares, amigos ou conhecidos, há mesas que ficam somente com uma pessoa quando em certas mesas ficam quatro porque as mesas são quadradas e pequenas; os homens juntam-se a beberem ao balcão, bebem cerveja mesmo às 6h da tarde quando chegam do trabalho antes de chegarem a casa (alguns), porque

trazem o saco às costas, não havia jovens, algumas mulheres ficam ao balcão, mas poucas, algumas trazem crianças de tenra idade, mas ficam pouco tempo. Achei curioso o facto de terem duas televisões com canais e programas diferentes, sendo a que está mais próxima do balcão a que apresenta mais variedades e a outra apresenta novelas. O ambiente do café é acolhedor, tipo família porque as pessoas conhecem-se, entram dizem boa tarde e até amanhã quando saíam, respeitam-se.

Sábado 23 de fevereiro, 14h00

O tempo estava de sol (céu azul) no bairro das saibreiras, havia: como é de costume muita roupa lavada a secar ao sol e a cheirar bem, pessoas a passear os seus cães (há muitos), grupos de pessoas sentadas à porta e a conversar e os homens a beber cerveja (cada pessoa traz a sua cadeira para a rua) porque não há bancos no espaço publico do bairro, os blocos estão enumerados (de 1 a 28), não há ruas, mas há pracetas (espaço de convívio mais apropriado pelos jovens tendencialmente sentados no chão, conversando e fumando). Aproximei-me de um grupo de seis pessoas – dois jovens (um rapaz e uma rapariga), duas mulheres (uma mais nova que a outra) e dois homens que estavam a beber, e tinham conversas pouco delicadas para quem está de fora, aparentavam entre trinta e cinquenta anos de idade. Tentei conversar com os jovens e as mulheres, os jovens olharam mas não pronunciaram uma palavra, o rapaz não se importava de cuspir para o chão, os homens falavam, mas a conversa deles era um pouco pesada..., as mulheres falaram bem comigo, mas desconfiadas, ainda assim pedi -lhes se podia tirar uma fotografia ao grupo, apercebi-me logo que isso estava fora de questão e mais ainda..., deram-me a perceber que nem pensar! O homem mais novo disse-me: “olhe, vá ali aos ciganos que esses deixam, e ficam todos contentes...até se riem, até lhe pode pagar”. A mulher que aparentava mais idade, quase estava prestes a aceitar, mas ficou reticente porque as outras pessoas não aceitaram, depois disse: “não, não..., não queremos aparecer na televisão, diziam logo, são as malvinas..., ou ainda me fazem algum bruxedo, não, não”. Esta senhora disse que havia trinta anos que habitava no bairro e que gostava de morar ali, e o senhor mais novo disse que havia um ano que ali morava, mas que não gostava. Estive ali mais um bocadinho à espera se alguém falava comigo, mas não foi o caso, observavam-me simplesmente. Fui embora encontrei um homem morador do bairro também há trinta anos reformado

segundo ele me disse, estava em frente à sua casa, falou um bocadinho comigo e quando eu lhe perguntei: então tem bons vizinhos? Respondeu-me: “respeitamo-nos..., mas por vezes os jovens que moram no andar de cima são insuportáveis com o barulho que fazem, por vezes leva ao desespero..., e ainda para mais a minha mulher está doente, a minha filha veio morar para casa para cuidar da mãe, isso fez logo aumentar a renda, mas o pior é o barulho! Temos aqui ciganos na vizinhança, mas temos mais queixa dos portugueses do que dos ciganos”.

Sexta feira, 1 de março 15h da tarde

O tempo estava frio e cinzento, não havia pessoas na rua, acompanhada de uma pessoa que tinha proximidade e conhecimento do bairro demos um giro em torno do bairro e atravessamos o bairro pelo meio e fomos a alguns sítios que já foram problemáticos (o café da cooperativa) que atualmente está fechado e num estado de abandono, as persianas estão só um bocadinho subidas e olhando bem para dentro parece uma lixeira que está ali há algum ou bastante tempo (mas pertence à cooperativa), a pessoa que me acompanhava disse-me que havia ali muitos problemas, havia algumas lojas junto, porque é no rés do chão de um dos prédios da cooperativa, mas estão igualmente fechadas. O grupo de jovens que ali se juntavam dissociou-se, embora haja pequenos grupos de pares que se formaram e foram para outro lado, para outro café (onde existe um sala de jogos intergeracional) situado numa das ruas envolventes, mas os jovens também se juntam fora ao lado do café, contudo, continua a haver grupos de sociabilidade entre jovens, mas na rua, e precisamente no momento em que passamos ali, o grupo estava lá em pé, conversando num canto arrumados aos portões de uma garagem, a pessoa que me acompanhava (penso que fez questão passar por ali para me mostrar), passamos demos a “boa tarde” eles retribuíram, e continuamos; cruzamo-nos com um rapaz que deixou um cheiro estranho e passageiro a (haxixe) segundo me disse a pessoa que me acompanhava. Havia em frente a um dos blocos encostados ao jardim (ali quase todos os blocos têm jardim ao lado da entrada) uma grande quantidade de sucata, ou seja, metais e velhos eletrodomésticos e outras coisas no género, o meu acompanhante perguntou-me: “sabe o que é aquilo?” Eu respondi: é lixo, porque era sexta feira à tarde. Respondeu-me: “não, não é lixo, há pessoas que fazem esta recolha para depois a venderem para reciclagem, isto é uma das

fontes de rendimento acrescida do rendimento de inserção social, e outras coisas para a «sobrevivência» destas pessoas”. Observei que dentro do bairro das Saibreiras, não há comercio, o comercio fechou (por razões múltiplas, segundo me disseram), mas toda a zona envolvente do bairro tem muito comercio onde aflui toda a população das Saibreiras para fazerem as respetivas compras, mas a forma como escolhem os produtos alimentares nem sempre é a mesma para todas as pessoas. Há quem faça as compras para toda a semana, como também há quem compre pouquinho quase diariamente. Aqui as pessoas respeitam-se, não se manifesta nenhuma forma de discriminação e é muito difícil para quem não conhece, distinguir o bairro das Saibreiras, da zona envolvente, que geograficamente é o lugar das Saibreiras.

Sexta feira 8 de março, 17h00

Fui lanchar ao Café mexicano, mas antes passei pela Mercearia da esquina e a gerente ofereceu-me uma flor porque era o dia internacional da mulher, oferecia flores a todas as mulheres sem distinção.

No café o ambiente estava diferente, não ofereciam flores, mas, mais de metade das mesas estavam postas para o jantar, as outras para tomar café ou outras bebidas, achei estranho, mas apercebi-me, ou seja, conclui que à sexta feira à noite servem refeições no café. Fiquei mais tempo no café do que de costume para ver quem vinha jantar; pois, foram entrando pouco a pouco pessoas, mas só a partir das 20h. Vinham em família, como por exemplo mãe e filha, supostamente, casais com crianças, famílias com avós, filhos e netos, e um grupo de amigos, aparentavam todos estarem alegres e satisfeitos principalmente as crianças, as refeições eram muito à base de fritos (batatas); era notório o uso de bebidas alcoolizadas, o vinho já estava nas mesas, mesmo antes de chegarem as pessoas, conclui que seria uma oferta simbólica de bem vindos. Em vez de oferecerem flores ofereciam bebidas; depois vieram as cervejas, vi beber cerveja antes de começar a refeição. Nas restantes mesas havia pessoas sozinhas que permaneciam ali muito tempo como sendo em casa, ou da família, mas não tentam falar com os outros, pedi a uma senhora idosa que está lá sempre, se me podia sentar na mesa dela, respondeu-me: “pode”, mas num tom fechado, fiquei alguns minutos e disse-lhe: eu vim para a sua mesa porque também estava ali sozinha, para ver se ela falava comigo, olhou para mim, mas não falou,

tive impressão que estava mais a incomodá-la do que outra coisa, e sai da mesa dela, até quase envergonhada, por não ter querido falar comigo.

Constatei uma cena que posso considerar singular, é o seguinte: era o dia da mulher, como as pessoas diziam e comemoravam lá no café; no entanto uma senhora que vejo lá quase sempre a tomar café, entra sozinha e senta-se numa mesa perto de mim, eram 18h, pede um chá e alguma coisa mais, não sei bem o que era, passado quase uma hora que ali estava, entra um senhor e senta-se numa mesa sozinho por detrás da senhora, ela vira-se com ar zangada, e perguntou-lhe: “já comes-te?” ele não respondeu e pediu qualquer coisa para comer, não sei bem o quê, mas sei que pediu cerveja; ficaram ali, cada um em sua mesa, mas a senhora não largava o telemóvel; entretanto aparece uma amiga, chega; e tira da frente o que o senhor tinha na mesa e põe-no na mesa onde elas estavam as duas amigas, o senhor ficou sentado sozinho na mesma; a mulher, porque só podia ser a mulher dele, vira-se e diz-lhe: “anda pra qui, estás aí a ocupar uma mesa sozinho, não vês que há falta de mesas?! e ele foi sentar-se junto delas na mesma mesa e lá ficaram.

Quinta feira 21 de março 14h da tarde

Neste dia, tive uma entrevista marcada com uma pessoa, coordenadora de uma Instituição, mas por motivos consequenciais essa entrevista teve lugar, mas não ficou gravada e na sequência desta situação limito-me a escrever no diário de campo a informação muito sucinta desta reunião. Estava relacionada com as políticas publicas de ação social. Os pontos que subjetivamente me pareceram importantes foi a interligação entre as Políticas de Solidariedade Social e as varias instituições – há na primeira instancia, uma coordenação entre o poder local e a Segurança Social, esta por sua vez, interage com os Centros Sociais Comunitários, a estes é-lhes conferida a vantagem de trabalharem com as Associações locais, e no âmbito das Associações é-lhes permitida uma certa autonomia devido ao seu estatuto de Instituições privadas independentes do Estado. O que leva os Centros Sociais Comunitários a estarem mais próximos das pessoas que habitam em empreendimentos sociais, e neste caso o bairro das Saibreiras. O Centro Social Comunitário está aqui ao lado, portanto há uma grande proximidade com as pessoas e tendem a estar atentos– como a pessoa com quem tive esta reunião disse, “dividimos o bolo por todos sobretudo com os mais necessitados, com uma certa filosofia e como pais

de família, porque conhecemos as pessoas e sabemos quais são as suas maiores dificuldades e apoiando nestas dificuldades desde as crianças aos jovens e pessoas idosas, fazemos com que as pessoas tenham pelo menos uma refeição completa por dia, e pensar que se as crianças não almoçam na cantina que chegam a casa também não almoçam; dão-lhes qualquer coisa, doces ou coisas no género e está a refeição feita. Ensinamo-las nos bons hábitos de estar à mesa; as mães já nos têm vindo dizer – agora já só querem comer com faca e garfo? E assim tentamos o melhor para estas pessoas; os jovens continuam a precisar da nossa ajuda e as pessoas idosas também, e nós sabendo desta necessidade e muitas vezes até preparamos refeições para levarem para casa e temos uma grande preocupação com a educação das crianças”.

Perguntei-lhe o que pensava das pessoas subsidiárias do RSI e respondeu-me – “há muita polémica em torno desse subsidio, mas na verdade não é só para os preguiçosos como se disse e continua a dizer, as pessoas que o recebem, antes de lhes ser atribuído, é feito um estudo pormenorizado da sua situação social, e se não cobrir todos os requisitos, não podem beneficiar desse rendimento que é realmente um subsidio de sobrevivência e que não chega!! as pessoas são obrigadas a recorrerem a economias paralelas para viver, como por exemplo a droga, para estas pessoas é uma fonte de rendimento, como é também o facto de recolherem sucata para depois a venderem! Há também quem diga – ah! Mal acabam de receber, vão logo gastá-lo para o café, estão sempre no café? Claro! É o único lugar de sociabilidade que têm?!”

Também me disse que no âmbito do regulamento da AECA (Associação Ermesinde Cidade Aberta), que podem tentar encontrar parcerias que apoiem a formação profissional dos jovens e eventualmente implementar projetos com vista a melhorar a situação socioprofissional dos jovens, mas que não está fácil. Contudo, o facto de terem a possibilidade de trabalhar com as Associações lhes confere uma certa autonomia.

Mas durante a minha recolha de dados, principalmente quando fazia o pedido de entrevistas, aconteceu que certas Instituições e algumas Associações culturais me reencaminhavam para o Centro Comunitário das Saibreiras, na condição que este centro é ao mesmo tempo a AECA (Associação Ermesinde Cidade Aberta). Conclui-se que a sua autonomia é também, por acréscimo, uma importante carga de trabalho e responsabilidade.

Domingo 24 de março, 16h da tarde

A tarde estava de sol, percorri o bairro para mais uma observação direta. Comecei pela rua das Saibreiras que é uma rua envolvente do bairro das Saibreiras, mas não faz parte do empreendimento social, despertou-me a curiosidade porque no fim da rua está na parede o nº393 escrito num pequeno azulejo, esse numero é muito antigo e foi substituído pelos números 1, 2 e 3, segundo me disseram são o numero de habitações que ali existem atualmente e que antes seria uma só moradia, perguntei a uma senhora se sabia porque é que antes existiu ali o nº393 e disse-me somente: “aqui vamos compreendendo”. Depois um senhor disse-me que era a rua das Saibreiras, mas que não pertencia ao bairro das Saibreiras, existia esse número porque a rua era muita grande, começava na área envolvente ao bairro das Saibreiras e terminava junto às habitações da cooperativa. Junto vê-se escrito nas paredes «*cooperativa city*».

Nesta tarde, viam-se grupos de jovens numa das pracetas, a conversar, a fumar a ver o telemóvel, mas também outros grupos de pessoas jovens e menos jovens a conversarem na rua e em frente às garagens. Como também havia grupos de mulheres e crianças sentadas à porta de casa a conversarem e as crianças ali a brincarem. Nessa tarde os cafés estavam fechados.

Passei junto às habitações onde moram pessoas de etnia cigana que tinham a porta aberta, mas já tinha passado num outro dia e a porta estava igualmente aberta.

Nota-se no espaço urbano do bairro o gosto pela natureza e pelos animais, principalmente da forma como tratam os espaços verdes transformados em pequenos jardins junto às entradas das habitações, são jardins muito floridos e com representações de vários animais em forma de vasos cheios de flores. Também há muitos cães uns presos e outros à solta. Há muitos pássaros dentro e fora das habitações. Vi o senhor A, que vai comprar bolachas à mercearia para dar às pombas na rua; esta tarde passei e lá estava ele rodeado de pombas dos pés até à cabeça, pousadas a comerem nas mãos dele, e pousadas nos braços, estava muito feliz, eu aproximei-me dele e dizia: “ eu gosto, eu gosto”, nunca tinha visto uma situação assim. Do outro lado estava uma senhora idosa sentada numa cadeira ao sol e como eu estava ali parada dirigiu-se a mim, e disse-me: “é sempre assim, é boa pessoa,

vive sozinho, teve um acidente de trabalho e ficou assim”. Mas eu já observei que gosta de ir ao café beber a sua cerveja e gosta muito de falar com os vizinhos. Há outro senhor do bairro, o senhor B, que está diariamente na rua, não pede, mas muitas pessoas vão cumprimenta-lo e discretamente dão-lhe para tomar um cafezinho; dizem que é assim que vive; é muito educado e limpo, cada vez que o vejo também o cumprimento, está sempre em pé de um lado para o outro; perguntei a alguém, se ele era uma pessoa sem abrigo e disseram-me que não, vive assim, só come quando as pessoas lhe dão ajuda para comer, senão não come, nunca pediu ajuda social, disseram-me que nem sequer documentos tem, ontem disse-lhe: disseram-me que o senhor não tem documentos, é opção sua ou não tem possibilidade para os pedir?, Ele respondeu-me: “ as duas coisas, mas também não me importo, dar tanto dinheiro e depois perdê-los?!” Observei que espaço urbano publico do bairro não me parece muito utilizado pelos moradores durante a semana; utilizam mais o espaço dos cafés e da mercearia. Se calhar é porque não tem espaços estruturados com infraestruturas para convívio, nem para desporto, nem bancos para as pessoas se sentarem na rua, quem se quer sentar traz a sua cadeira. E supostamente vai continuar assim. A percebi-me que algumas atividades que ali se praticavam, já não se praticam, e que a perspetiva por parte das Associações apoiadas pelas políticas públicas é a de transferir todas as atividades socioculturais para o centro da cidade. Assim através de várias associações culturais, e de uma forma muito especial a Associação Cultural Ermesinde Cidade Aberta sediada no Centro Social Comunitário das Saibreiras.

Observação direta

Na Mercearia das Saibreiras. Aqui na mercearia comecei a vir de dois em dois dias durante todo o mês de março. Comecei por observar que as pessoas do bairro das Saibreiras, faziam de um certo modo o seu espaço de reencontro amigável e aberto, de compras e de ajuda. Pois a Senhora da mercearia está sempre atenta e disponível para ajudar as pessoas, desde, supostamente a mais insignificativa confiança, até à importante ajuda relacionada com o pagamento das faturas de água, luz, telefone, avisos para receberem as pensões de reforma, informando o distribuidor do correio dos devidos endereços, o que nem sempre estão devidamente esclarecido, mas ela conhece as pessoas, e deste modo evita que o correio seja devolvido e consequentemente as pensões pagas em

atraso. Apercebi-me de que devem ser poucas as pessoas que pagam as faturas e recebem pensões e subsídios por transferência bancária e muito menos por via internet. Há ali residentes que não sabem ler nem escrever, segundo eu observei e ouvi. Acontece que a Senhora da mercearia poupa a estas pessoas o problema de atrasos de pagamento de faturas, o corte destes serviços essenciais e o aumento do valor a pagar, no caso de serem pagos fora do prazo estabelecido. Cheguei a observar que as pessoas que pagam as faturas através do multibanco, é a Senhora da mercearia que os ajuda utilizando certos dados da sua conta (não sei quais) para pagamentos, embora as pessoas lhe restituam esses valores. Assim ela ajuda com os seus recursos humanos, mas não financeiros, ele diz: “eu ajudo no que posso, até mesmo na alimentação, mas dinheiro, não dou, nem empresto”. As pessoas afluem à mercearia de uma forma quase incrível, só visto! São menos os homens que vêm ali fazer compras, são quase sempre as mulheres e os jovens quando regressam da escola. Cheguei a passar ali quase toda a manhã, outros dias quase toda a tarde, e observei que as pessoas estão continuamente a vir à mercearia, nunca há ali um vazio naquele espaço! Mas raramente, vi fazer compras para a semana. Por vezes a mesma pessoa vem duas vezes. Compram amiúde – uma coisa de cada vez. Compram bastantes bebidas alcoolizadas, raramente levam só uma garrafa, mas em quantidades acrescidas que as mulheres levam para casa discretamente, pois aqui (as pessoas cultivam muito a sua dignidade), embora supostamente seja para toda a família. Observei e conclui, que subjetivamente, no bairro das Saibreiras a predominância estrutural da população engloba uma tipologia das famílias, alargadas, e não famílias reduzidas, nem de pessoas isoladas, mas com muitos jovens. É uma população jovem, salvo as pessoas que estão na reforma, principalmente vindos da ferrovia e das ex-colónias portuguesas em África. Fora do bairro há pessoas reformadas que moram nas casas da cooperativa que segundo me disseram, atualmente essas pessoas necessitam de apoio social, ou seja, um certo acompanhamento, porque as reformas são modestas e os anos de idade aumentam.

Quando vou a um dos cafés, o Café T., onde se juntam os jovens, noto que optam por comportamentos, modo de vestir, calçar, e penteados homólogos. Observei que as pessoas são bastante desconfiadas e escondem certas realidades do bairro, porque a partir do momento que a senhora da mercearia me apresentou, houve em algumas pessoas uma certa reserva em falar, notei ali, como quase em todo o lado um acentuado desconhecimento da sociologia, a ponto de me recusarem entrevistas (aconteceu com o

gerente do Café M. das Saibreiras, com o presidente da Junta de Freguesia de Ermesinde e com a (Vallis Habita empresa municipal que gere o empreendimento habitacional social das Saibreiras e outros...Este ultimo, reencaminhou-me para a instituição Domos Social do Porto, considerando que ia precisar de muitas estatísticas para o meu trabalho, dizendo: “não se faz uma tese de mestrado só com as entrevistas...” contudo, reconheça-se, que o bairro das Saibreiras está incluído na Área Metropolitana do Grande Porto. Esta intersubjetividade com as pessoas levou-me a compreender quanto eu fui observada por elas e que eu própria era objeto de observação como sendo uma coscuvilheira. Compreendi que o trabalho de campo nunca é como o investigador o planeia no seu guião de entrevistas nem na observação direta. O diagnóstico que se faz no início é confrontado com outras realidades. As perguntas planeadas no guião de entrevistas estão sujeitas a serem postas de outra maneira conforme a pessoa entrevistada e o decorrer da interação com a mesma. A interação informal com as pessoas acontece, mas a partir do momento que se pede para gravar, aí, já está fora de questão, muito embora me venham informar de certas realidades por meio de excertos, como por exemplo: “não lhe deu entrevista porque é político”; “não posso dar entrevista porque sou técnico, e ainda para mais há a proteção de dados”; “está a querer-me dar a volta”; “não sou filho de capitalistas”; “aqui no café todos se portam bem”; “se as pessoas são desconfiadas lá terão as suas razões”; “não dá para perceber, dá para ir percebendo”; “estão a receber do estado como sendo uma obrigação”; “não querem trabalhar, mas têm hiphones de 500E e vão todos os dias ao café, oferece-se lhes algum trabalho e não querem, olhe para as minhas mãos! tenho de o fazer eu”; “o Zé do Telhado tirava aos ricos para dar aos pobres, agora tiram-no a quem trabalha para o darem a quem não quer trabalhar”; “vão ao centro comunitário, de carro, buscar as refeições gratuitas”; “há pessoas sem abrigo que chegam ao fim do mês com mais dinheiro do que certas pessoas a trabalharem”; “são capazes de gastar mais de 50E em bilhetes de entrada para ir ver um espetáculo, e depois vão pedir fiado porque não têm dinheiro para comer”; “enquanto têm dinheiro gastam tudo até acabar, mas nem sequer pensam em guardarem um tostão”; “não lhe posso dar uma entrevista porque não gosto de críticas”; o paradoxo da Associação SÓ jovem quando me disse que já não trabalhavam com jovens; etc...

Mas também foi na mercearia das Saibreiras que encontrei a D. F. que me pôs em contacto com uma pessoa do bairro que fui de um certo modo o meu informador(a) privilegiado que muito contribuiu com a sua ajuda para o meu trabalho de campo.

Retomando a minha observação direta na mercearia, observei que principalmente ao sábado as pessoas compram uma alimentação à base de carne, enchidos, doces, muitas bebidas, mas também frutas e legumes, embora haja menos pessoas que compram muita frutas e legumes frescos. Durante a semana também compram conservas e congelados e menos carne, mas tudo em pequenas quantidades, amiúde são os adolescentes que vêm comprar qualquer coisa ao saírem da escola da parte de tarde, supostamente almoçam na cantina da escola. Em geral todas as pessoas se respeitam, dão boa tarde, dão bom dia, cada qual espera pela sua vez (sem precisar de tirar senha...(rir), não falam demasiado alto, quase sempre são as mulheres que fazem as compras, embora haja alguns homens, mas poucos. Na mercearia, a rádio está sempre ligada a estações de música um pouco para todos os gostos, ou seja, música estandardizada. Não tem televisão.

Observei que, a população das Saibreiras é caracterizada pela heterogeneidade económica e social e cultural. As pessoas respeitam-se, mas observei que existem de forma implícita, fronteiras sociais e culturais.

Anexo 2 – Fotografia de uma das habitações sociais no bairro das Saibreiras



Figura 7 – Bairro das Saibreiras – fevereiro,, 2019 – fotografia – P2240333 – Autor: Lurdes Gomes

Anexo 3 – Espaço público no bairro das Saibreiras



Figura 8 – Bairro das Saibreiras – fevereiro, 219 – fotografia – P2240332 – Autor: Lurdes Gomes

Anexo 4 – Espaço público urbano no lugar das Saibreiras, junto ao Empreendimento social



Figura 9 – Lugar das Saibreiras – fevereiro, 2019 – fotografia – P2230329 – Autor: Lurdes Gomes

Anexo 5 – Espaço urbano e habitacional no bairro das Saibreiras



Figura 10 – Bairro das Saibreiras – fevereiro, 2019 – fotografia – P 2230326 – Autor: Lurdes Gomes

Anexo 6 – Guião de entrevistas

Guião de entrevistas

Em primeiro lugar, relembro novamente o título, as questões de partida e o objeto de investigação do projeto de dissertação de mestrado, a fim de organizar o guião de entrevistas em função destas três principais ferramentas do trabalho de estudo.

Tema – Os jovens e a habitação social: uso do espaço (estudo etnográfico)

Questões de partida – Será a degradação do espaço urbano em habitações sociais, e as condições de vida das pessoas que o habitam, o vínculo para um problema de desintegração social?

Poderão as culturas urbanas, e o modo como os jovens residentes em habitações sociais se apropriam do espaço urbano para elenco das suas práticas socioculturais, sere um vínculo de inserção social?

Objeto de investigação – Culturas urbanas em espaços urbanos de habitação social.

A metodologia que irei utilizar vai ser o método qualitativo da corrente etnográfica com base científica no modelo hipotético indutivo.

Técnicas de recolha de dados – Entrevistas exploratórias semi-diretivas, observação de terreno direta, diário de campo, fotografia social e eventual documentação.

As perguntas, ou seja, os tópicos irão ser formulados aos entrevistados com uma autorização prévia para serem gravados e baseadas no compromisso de anonimato.

Os tópicos formulados irão variar em função da posição social de cada entrevistado.

Primeiro guião – Informadores

1ª pessoa entrevistada

O senhor já sabe do que se trata, pois já falamos um pouco há dias a este respeito, gostaria que me falasse um bocadinho desta juventude do bairro das Saibreiras, já que há tanto tempo que tem o café e está por aqui.

Percepção do entrevistado sobre as sociabilidades no bairro e a sua evolução

Como tem sido desde o início das habitações sociais até agora, como é que as pessoas convivem umas com as outras, se já foi pior ou melhor do que agora.

Opinião do entrevistado sobre as desigualdades sociais

Como o senhor sabe, aqui moram pessoas ricas, menos ricas e pobres, gostaria que me falasse um bocadinho como vivem uns e outros estas diferenças e como se relacionam...

Proveniência das pessoas que vêm de fora e forma de integração e acolhimento

Supostamente as pessoas que aqui moram não serão todas de Ermesinde, pode dizer-me de onde vêm e como são acolhidos os novos moradores pelos que já cá moram há muito tempo.

Origem do nome Malvinas

E de onde vem o nome das malvinas. Essas pessoas já foram embora ou ainda cá estão. Fale-me um bocadinho da comunidade de etnia cigana.

Supostos mitos atribuídos a bairros de habitação social

Há quem tenha outros animais a não ser os cães...

Diversidade habitacional das Saibreiras

E as casas da cooperativa como foi..., conte-me.

Práticas ou ocupação dos jovens do bairro durante os seus tempos livres

Pode falar-me um bocadinho dos tempos livres dos jovens fora dos seus horários de trabalho..., pode dar-me um exemplo...

Principais fontes de rendimento

Então com que rendimento vivem.

2ª pessoa a ser entrevistada – vai ser a senhora da mercearia das Saibreiras – os tópicos irão ser os mesmos, mas tentar saber um bocadinho mais da vida quotidiana das pessoas do bairro, como por exemplo:

Hábitos, costumes e rendimento substancial das pessoas

O que pensa da qualidade de vida das pessoas que aqui vivem e com que recursos, ou seja, com que rendimentos, principalmente como é que os jovens e respetivas famílias vivem o seu quotidiano.

Apoio moral, interação e um certo acompanhamento no quotidiano

Em que sentido pensa ajudá-las nas suas dificuldades do dia a dia quando os familiares aqui vêm a sua mercearia.

Novas dinâmicas para a realização futura da história de vida dos jovens

E em que sentido a qualidade de vida dos jovens poderia ser melhorada, ou seja, que tipo de projetos se poderiam implementar para os tirar destas dificuldades. E se acha que as práticas culturais no seu todo ajudam os jovens a sair do impasse destas dificuldades que surgem nas próprias famílias e no bairro em geral.

Segundo guião – Políticas publicas e sociais

Irei dirigir-me em primeiro lugar às Associações sedeadas em Ermesinde, em primeiro lugar tento ter uma reunião com a Coordenadora e com a Assistente Social da respetiva associação, e pedir-lhe que me acordem uma entrevista de que possível.

Começarei por:

O meu nome é Maria de Lourdes... teve a amabilidade de falar comigo ao telefone e suponho que já saiba do que se trata, também já tive conhecimento da amplitude e multiplicidade de questões sociais que a Vossa Associação *Ermesinde Cidade Aberta* trata.

Amplitude e multiplicidade de questões sociais que as Associações se dignam tratar conjuntamente com as políticas publicas e sociais

Gostaria em primeiro lugar que me contasse como conseguem tentar fazer face aos problemas de integração social, nomeadamente dos jovens, com que recursos financeiros e com quem tem parcerias.

Apoio financeiro e social por parte do Estado

Apesar de serem independentes do Estado, gostaria que me dissesse que apoio financeiro para a inovação e desenvolvimento das atividades socioculturais dos jovens, da ampliação do acesso da população aos bens, conteúdos e serviços culturais que contribuam para a redução das desigualdades neste caso locais, o Estado lhes concede através das políticas publicas e sociais.

As pessoas que recebem o RSI, ou seja, o rendimento social de inserção

Conte-me com que tipo de rendimento vivem estas pessoas e quem lhes atribui esse apoio, como por exemplo o subsídio do RSI (Rendimento Social de Inserção).

A educação como fio condutor e transversal a todas as componentes de inserção socioprofissional dos jovens e respetiva requalificação do espaço

. E de que maneira as atividades culturais dinamizaram ou estão a dinamizar o Bairro das Saibreiras ao longo do tempo e que tipo de atividades culturais os jovens praticam.

A relevância da força integradora a partir da arte

Como..., eu sei que é uma pessoa que está à frente deste empreendimento..., eu queria saber exatamente como tem sido o percurso destes jovens e a que ponto as práticas culturais os tem ajudado na inserção socioprofissional e na socialização em geral

Formas de diversidade cultural

Gostaria que me falasse da comunidade de etnia cigana.

Poderia indicar-me mais pessoas que eu possa entrevistar

Terceiro guião – Instituições

As instituições principalmente a Junta de Freguesia de Ermesinde, enviei-lhe dois mails a solicitar-lhe uma entrevista depois uma reunião (porque a entrevista não está fácil...) e marcou a reunião para o dia 6 de Março, penso que o presidente me vai acordar uma entrevista a quem penso colocar as seguintes questões: (gostaria de acrescentar que o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Ermesinde, recebeu-me para uma reunião, mas no que respeita a entrevista, entendeu que não era a pessoa mais indicada para me transmitir a informação desejada, mas deu-me o contato de outras pessoas). Os tópicos que se seguem serão dirigidos ao Senhor variador e à Senhora Coordenadora, educacional e social respetivamente, da Camara Municipal de Valongo.

Senhora Dra. há muito tempo que exerce o cargo de coordenadora na Câmara Municipal de Valongo?

Valores e tradições da classe operária através do tempo e do espaço

Senhora Coordenadora, sendo o vosso lema o bem-estar das pessoas, e que viajando um pouco no espaço e no tempo, observa-se e é notório que este concelho teve e se calhar ainda tem, uma importante panóplia de hábitos e valores próprios da classe

operária, acha que é importante a preservação destes valores e através de que vias eles circulam e se manifestam.

Políticas socioculturais de desenvolvimento local

Pode dizer-me a que ponto a componente cultural de índole lúdica e não elitista contribui para a coesão social e para o desenvolvimento local, e o que pensa das atividades socioculturais dos jovens de Ermesinde e inclusive os jovens de habitações sociais em geral, e de uma forma mais específica, os jovens do bairro das Saibreiras em Ermesinde.

Apropriação e requalificação do espaço urbano

Pode falar-me em que medida as políticas culturais contribuem para o bom desenvolvimento das práticas culturais e apropriação do espaço urbano a nível local.

O impacto da educação no desenvolvimento e aptidão dos jovens integrados na formação socioprofissional e nas práticas socioculturais

Gostaria que me falasse do impacto da educação, na requalificação do espaço urbano publico, comum, habitacional e de mobilidade e interação com as pessoas.

Atividades culturais e dinamização do espaço urbano

Gostaria que me dissesse de que maneira as atividades culturais podem dinamizar o espaço urbano.

Origem do nome Malvinas

Senhora coordenadora, gostaria que me dissesse porque é que o atual bairro social das Saibreiras era antes nomeado como bairro das Malvinas

Quarto Guião – Técnicos e formadores

Técnicos e formadores, recorri à Associação *Ermesinde Cidade Aberta* por intermédio de uma pessoa conhecida, e responsável pelo Gabinete de Ação Social, marcou-me uma reunião para dia 1 de março às 14h.30 que me vai pôr em contacto com os técnicos e formadores na medida do possível. Conto começar as entrevistas com os seguintes tópicos:

Diagnóstico feito ao Bairro das saibreiras, através de observação de campo e de pesquisa via web

Apos ter já feito algumas pesquisas sobre o bairro das Saibreiras, apercebo-me que o vosso projeto é a *aposta pela inclusão pela via da arte nas Saibreiras*, fale-me um bocadinho desta vossa aposta (antes e depois).

Saibreiras, bairro de artes

Pode dizer-me por que motivo, o bairro das Saibreiras é designado atualmente por bairro de artes, como nova atribuição. Ainda têm esta atribuição? Conte-me como foi. O projeto deveria ter continuado?

O bairro das Saibreiras visto a partir do interior e visto a partir do exterior

Que tipo de preconceitos alimentavam os jovens por causa de habitarem num bairro de habitação social e qual a origem desses preconceitos, tanto em relação aos jovens e vice/ versa, ou seja os jovens em relação ao que vinha do exterior.

O grupo cabeças no ar e pés na terra

Tive conhecimento de que trabalham com o grupo de jovens *cabeças no ar e pés na terra*, fale-me das dinâmicas do grupo e respetiva evolução, como foi o início e como está a ser agora.

Diversidade de práticas socioculturais

Gostaria que me dissesse que tipo de práticas culturais, são praticadas pelos jovens, como e onde, e se nestas práticas elencadas em palco, existe uma participação conjunta de interação social e de interação geracional do outro lado, ou seja, do público, quando estes protagonizam o espetáculo.

Histórias de vida dos jovens rumo ao futuro

Os jovens apostam na mudança ou não, e em que sentido. Sentem-se investidos na construção de um futuro melhor ou vivem o dia adia sem grandes ambições.

Inserção socio profissional pela via das artes

Gostaria que me falasse de que modo a prática de atividades artísticas pode influenciar e beneficiar, um projeto de vida profissional que virá a ser a sua história de uma nova vida. Como vê estes jovens, sei lá, daqui por dez anos.

A fotografia como forma de arte

Fale-me da arte da fotografia e como é que os jovens a perspetivam.

Lendas e tradições populares

Gostaria que me falasse um bocadinho da festa do carnaval em Ermesinde e do espetáculo da *chegada, do velório, julgamento e queima do João*.

Novas realidades de composição social

Por último gostaria que me falasse da comunidade de etnia cigana.

Anexo 7 – Entrevista nº 1

BEA, Entrevista, 1

7, março 2019, ECA

Hora: 14h30

Duração: 27m 39s

E – Como já deve ter conhecimento de quem eu sou penso que dispensa a minha apresentação...

e – Claro...

E – Começo por lhe dizer que é uma entrevista semi-diretiva (participamos as duas), é anónima e se consente que seja gravada.

e – Claro que sim.

E – Podemos começar?

e – Sim, sim.

E – Apos ter feito um diagnóstico, via web, sobre o bairro das Saibreiras, apercebi-me que o vosso projeto é a aposta na integração dos jovens pela via das artes. Agradecia que me falasse deste projeto antes e depois e como está a ser agora.

e – Enfim, em relação..., não é só pelas artes que nós estamos aqui, estamos mais direcionados para o bairro das Saibreiras. Sim começou desde o bairro, logo no bairro, e depois há 25 anos que está aqui neste edifício, sim, está a apostar mais nas crianças que têm mais necessidade e não têm tanta abertura para em... outros sítios, para verem quais são as suas prioridades, porque se calhar há vinte anos atras seriam vistas estas crianças, como sendo de bairro! E, sendo de bairro são crianças normais como quaisquer outras crianças de outro sitio qualquer, e acho que realmente em relação às artes sim, tiveram e têm varias atividades que dinamizamos ao longo destes anos todos: a ginástica, capoeira, musica, fazíamos bastantes acompanhamentos especialmente a adolescentes, passamos uma semana fora, numa cidade do país para realmente terem oportunidade de conhecer o país e terem outra abertura para o seu futuro ser melhor e de uma maneira mais simples.
E – E tem continuado, como diz começou com as crianças e tem se alargado à juventude do bairro, é isso?

e – Sim, neste momento agora aqui no Centro só nos focamos, até aos 10 anos. Quanto aos adolescentes, já não temos aqui, mas temos noutra parte que pertence a este polo, que está mais próximo da Escola Secundária, aí sim, tem mais adolescentes que fazem atividades de acordo com a idade que têm lá. Aqui, as atividades que temos, claro, assim em artes, temos a ginástica que nós aqui os técnicos fazemos com as crianças, tentamos também puxar os pais a fazerem uma atividade mais junto das crianças e mesmo connosco e estarem aqui ativos cá no Centro.

E – Tudo que acaba de me dizer, não acha que é uma forma de interação inclusiva e uma maneira de encaminhar logo as crianças para um crescimento socializado e sociabilizado no futuro?

e – Sim, sim, porque nós aqui no Centro, não temos só crianças do bairro das Saibreiras, temos crianças que nem sequer são daqui desta zona do bairro, já por aí, elas se juntam, há crianças que são fora do bairro e outras crianças que não, então, já aqui começa a haver um tipo de contacto diferente entre elas, o que acaba por ser igual, são crianças.

E – Sim, sim, são todas crianças, não é verdade?

e – É igual, porque ainda há o estigma que é do bairro, mas no bairro há pessoas maravilhosas como noutro sítio qualquer, como também há pessoas menos boas noutro sítio qualquer, por isso... não há que diferenciar, e sim claro, o nosso objetivo é que eles sejam adultos melhores ...

E – E responsáveis...

e – Sim, sim, responsáveis, sem dúvida, com todas as oportunidades como todas as outras pessoas têm. É esse o nosso objetivo, às vezes não conseguimos, mas... é isso que nós tentamos... temos tido alguns casos de sucesso que nos orgulham muito!

E – Porquê Saibreiras e porque continua bairro de artes?

e – (rir), pois, essa é uma boa pergunta, eu acho que seria melhor aí, dar o nome de bairro de artes, se calhar também há outras associações com as quais trabalhamos e tentamos realmente criar projetos para que eles estejam integrados, mesmo em teatro e tudo..., fazer por termos uma continuidade e ver que há outras oportunidades, e sim, é um bairro de artes e pensamos que...

E – É a partir de aqui que se vai mais longe?

e – Sim, sim, sem dúvida.

E – Deve continuar a ser bairro de artes?

e – Sim, eu penso que sim, estão sempre a nascer crianças, porque as pessoas que moram no bairro gostam destas iniciativas que se tomam.

E – Não sei, mas tive informação que trabalham com o Grupo Cabeças no Ar e Pés na Terra...(rir), pode contar-me um bocadinho como foi no início e como está a ser agora.

e – Neste momento, posso estar errada, mas acho que não colaboramos em nada..., sim já tivemos mesmo nas festas de teatro..., mas a S. B., vai falar-lhe mais diretamente, disso, porque eu acho que ainda continua algum tipo de projeto com eles, mas neste momento no Centro com crianças não, isso não diretamente, mas há crianças que frequentam outros sítios e ainda continuam a fazer atividades com eles, principalmente em termos de teatro, sim, ainda continuam a colaborar, nós o Centro das Saibreiras já não colaboramos. Mas sim, tivemos algumas atividades com eles, foi fantástico! E ainda temos crianças que colaboraram nessa altura e adoraram! Mas foi uma saída magnífica sem dúvida.

E – Porque é que acha que não continuam a trabalhar com o grupo, por razões políticas, financeiras?...

e – Mais por razões financeiras...

E – Eh..., são projetos, acaba o financiamento, acaba o projeto, é isso?

e – Pois...

E – E não podiam reiterar pedido de um novo projeto?

e – Sim, sim, isso tem a ver com os Cabeças no Ar e Pés na Terra, não é diretamente connosco aqui nas Saibreiras, mas com eles também, se calhar futuramente volta a haver colaboração.

E – Mas para já, não?

e – Não me parece...

E – Tem outra organização?

e – Sim...

E – Quando trabalharam com eles, acha que o grupo, e mais jovens tinham alguns preconceitos pelo facto de morarem em habitações sociais? E vice /versa?

e – Não, não tinham. Muitos deles também pertencem às Saibreiras, e foi por isso, assim direcionado, porque alguns membros também já faziam parte, e por isso nunca houve nenhum preconceito, nem nunca foram considerados à parte.

E – Colaboram todos, não é verdade, e sentem-se bem.

e – Sim, sim, se não se sentissem bem, não iam colaborar com eles.

E – Estes jovens que aderem às práticas socioculturais, acha que será para eles uma porta aberta para o seu futuro socioprofissional?

e – Nalguns casos é. Porque até foi mesmo esse o futuro deles. Porque mesmo em ‘‘capoeira’’ tivemos alguns jovens que enveredaram por essa via e são mestres de capoeira, tivemos casos de adolescentes, não é? que na altura em que enveredaram pela arte ‘‘hip hop, e agora formaram-se em desporto, e são profissionais nessa área, por isso, acho que realmente abriu uma grande porta para muitos deles, não é?

E – Aprenderam, e o que aprenderam estão a transmiti-lo aos mais novos, é isso?

e – Sim, sim, sem dúvida. E – Mas exercem a sua profissão fora do espaço do bairro, ou seja, em todo o Concelho de Valongo, é isso?

e – Sim, sim.

E – Como é que vê estas crianças no futuro(rir), sei lá, daqui por 10, quinze anos, por exemplo?

e – Pensamos que vão ter uma vida boa, feliz principalmente, hoje é fundamental que consigam emprego, e que não enveredem por maus caminhos, é esse o nosso objetivo, é de tentar ver..., dar-lhes a conhecer uma realidade, uma realidade boa, não é? E que não se aproximem das coisas más, é o que nós desejamos.

E – Estes jovens de quem me falou, apostam no seu futuro de vida, e na construção da sua história de vida, não é?

e – Sim, sim, alguns sim, alguns têm uma história muito boa para contar aos filhos. Nós temos aqui casos de crianças, cresceram, e agora temos cá os filhos deles, claro que alguns ainda são novos para terem filhos, claro, são do bairro, mas eles é que sabem como vão orientar o futuro deles, não quer dizer que ter filhos seja mau, mas que construam uma vida mais segura, educada, para depois terem a família e, eles filhos que sejam também boas pessoas.

E – Quer dizer, vocês apostaram neles, mas eles também apostaram no futuro?

e – Sim, sim, valeu a pena, e gostamos que passados anos, vêm -nos ver..., eles crescem, depois vão trabalhar, e passado tempo, aparecem aqui com saudades, a ver quem é que está cá..., e eu, que sou uma das mais velhas que ainda estou aqui há vinte anos, e é bom vê-los bem, que trabalham e que optam pelo melhor, e vê-los aqui, eles aparecem aqui, é muito bom, valeu a pena.

E – Agora se não se importasse gostaria que me falasse um bocadinho desta componente da arte que é a fotografia, e se os jovens gostam.

e – Sim, a fotografia profissionalmente..., eu acho que seria um bocado dispendioso, porque teriam de ter algum dinheiro, tinham que comprar uma máquina minimamente boa..., para tirar umas boas fotografias..., mas eu acho que sim,(rir), porque hoje em dia eles tiram muitas fotos, com os telemóveis e essas coisas todas..., a cada momento tiram uma fotografia...

E – E também se tiram muito boas fotografias com os telemóveis, não acha?

e – Sim, sim, claro..., a perspetiva com que tiram a fotografia, e todas as outras componentes..., mas acho que sim, se calhar alguns seria uma paixão dedicarem-se à fotografia, não vê-la como uma forma banal só por tirar fotografia, mas com arte(rir), só que para isso são precisos meios e algum dinheiro, sem duvida...

E – Não podiam implementar um novo projeto para terem essa ajuda financeira para ajudarem os jovens no desenvolvimento das suas vocações, como por exemplo a fotografia como acabámos de falar?

e – Sim, se calhar seria uma boa oportunidade, já implementamos alguns, não funcionam, mas com um novo projeto daqui do Centro, talvez...., claro que tudo depende dos chefes..., não é só de nós..., depende de muita coisa para termos financiamento.

E – Por último, gostaria que me falasse um bocadinho da comunidade de etnia cigana.

e – Nós aqui no Centro temos uma criança que é de família cigana, sim, mas são realmente pessoas muito boas, não temos nenhum problema com eles, frequentam o Centro como outras crianças, está perfeitamente integrada em tudo que fazemos aqui, e para nós a criança e a família tratamo-las de igual modo como todas, são pessoas muito boas, sem dúvida.

E – Fico-lhe muito grata por toda a informação que me pode transmitir, o que muito me vai ajudar para o meu projeto.

e – Nada..., se for necessário..., acredito que haja pessoas que tenham preconceitos em relação aos ciganos, e outras raças que existem, não é? Nós aqui no Centro, já tivemos várias raças, e para nós, nunca foi, nunca tivemos nenhum tipo de preconceito, são crianças de bairro, como se diz, mas são crianças normais, sendo de raça negra, para nós são todas iguais, tratamos as crianças, como os adultos, de igual forma, não temos que discriminar ninguém.

E – Mais uma vez, obrigada!

e – Nada..., quando for necessário estarei aqui para...responder.

Anexo 8 – Entrevista nº 2

Teresa, Entrevista, 2

7 de março, AECA

Hora:15h 30

Duração: 32m 44s

E – A minha apresentação já foi feita por email, quando lhe fiz o pedido de entrevista, quer que me apresente novamente?

e – Não é preciso.

E – Como eu já lhe tinha dito, e tendo conhecimento das suas atividades profissionais, as perguntas que eu gostaria de lhe fazer são transcendentais a todos os grupos do guião de entrevistas, tive conhecimento que já há bastante tempo que está aqui, gostaria que me contasse um bocadinho como tem sido aqui no Bairro das Saibreiras, desde o início até agora, e como as pessoas convivem e interagem, e se já foi melhor ou pior ao longo do tempo.

e – Aqui a convivência dos habitantes tem sido cíclica, como a habitação social se alimenta de realojamentos, no início as pessoas vieram para aqui, realojados consoante as suas necessidade habitacional e deficiência económica por realojamento das casas do que seria hoje a linha do Douro, portanto ferroviária e portanto, também tivemos um outro grupo, que foi o grupo dos retornados, que vieram das colónias ultramarinas, ora esses dois grandes grupos criaram uma heterogeneidade interessante a nível da habitação e nível de envolvimento da habitação social, porque não havia propriamente características comuns a nível de problemáticas sociais, esses três grupos distintos deram equilíbrio ao bom convívio no bairro; ora à medida que as pessoas foram falecendo, houve novos realojamentos, ou filhos que se autonomizaram também foram sendo atribuídas habitações sociais a novas populações, como por exemplo há 4 anos atrás o bairro não tinha comunidade de etnia cigana, e agora recentemente tivemos realojamento de famílias

de etnia cigana, que veio configurar um novo convívio entre os habitantes, que não tem sido muito fácil, inicialmente foi, quando houve só uma família, mas pela própria dinâmica da comunidade cigana, apesar de haver um realojamento e depois outro, todos os familiares vêm conhecer e estar na casa uns dias portanto, de uma forma ilegal vamos tendo alguns moradores que não têm autorização de residência(rir), o que causa algum desconforto com a vizinhança, porque com a própria dinâmica que eles têm também fazem algumas festas, algumas celebrações no espaço publico ali do empreendimento que causa algum desconforto e algum descontentamento aos outros moradores, estamos a ter uma nova realidade que não tínhamos há 4 anos atrás; ou se calhar recuando no tempo há 10 anos atrás tínhamos algum trafico de estupefacientes que também configuravam uma nova realidade ao bairro, que apesar de não ser em grandes quantidades, segundo informações da Policia, tínhamos muita gente que vinha fora do bairro alimentar-se não é? Alimentar o seu consumo aqui; ora bem o que é que acontecia...

E – Mas não eram os ciganos?

e – Não, não, as famílias que temos realojadas aqui, não consta que estejam ligadas a essas práticas, são feirantes, são beneficiários do RSI e a economia paralela deles resume-se a vendas ambulantes ao que se consta, nas feiras e fora do bairro, e portanto como lhe dizia, há 10 atrás tínhamos outra realidade social, que eram pessoas que também moravam aqui, e algumas delas tinham uma economia paralela ligada ao tráfico e ao pequeno consumo, tínhamos um numero, pronto, de *toxicodependentes*, sempre tivemos consumos abusivos de álcool, e pessoas com consumos, neste momento, todas essas pessoas estão em tratamento, temos um ou outro, mas que assume paralelamente de ser *sem abrigo*, por opção, e porque não quer tratamento no CAP, não é? E portanto também houve *prisões* de algumas pessoas que eram elementos chave nesse tipo de realidade do *tráfico* o que ajudou a «limpar» de pessoas que eram do *exterior*, que vinham de longe, do Porto, daqui de Santo Tirso, Rio Tinto abastecer-se aqui, e portanto o bairro ficou muito calmo há cerca de 5 a 6 anos, é o meu ponto de vista. E este bairro tem-se alimentado muito destas alterações cíclicas de realidades que não deixam de ser interessantes, não é? Porque são *flutuantes*, quer nas pessoas, quer no convívio que essas pessoas vão criando, é um bairro vivo que vai tendo *problemáticas* alternadas, não é? Se quando eu vim trabalhar para aqui, havia o consumo abusivo de *estupefacientes*, hoje não se verifica, pelo menos com a intensidade que tínhamos, ou que se consta residualmente aqui algum consumo de

haxixe, suspeita-se, mas não há propriamente o tráfico, o dito tráfico pronto, a questão, a questão da violência domestica também já foi mais preeminente dos moradores, sempre muito associada ao consumo abusivo de álcool não é? A deficiência económica provoca também desavenças, havia aqui a não aceitação das pessoas para trabalhar com os serviços essa problemática, hoje em dia continuam a existir casos, mas que estão mais diluídos, e acho que algumas das questões que contribuem para isso, foi o facto de alguns dos ditos agressores terem conseguido obter ocupação profissional, portanto, começamos também a olhar para esta problemática doutra forma não é? Normalmente e infelizmente, hoje é tema nos meios de comunicação social, a situação da violência doméstica, e bem, para ver se a população fica mais em alerta, mas está muito focada na perspetiva da vítima, não é? E isto é uma realidade, para quem a vive é muito complicado recuperar, e nos temos que olhar para a perspetiva do *agressor*, e trabalhar com o agressor para que as vítimas não tenham que sair de casa mais uma vez sendo vitimizadas, e portanto, acho que houve aqui algumas alterações ligadas ao consumo de álcool e à ocupação profissional, houve aqui o aumento de rendimento, a questão de *autonomia* de alguns moradores que eram vitimas também ajudou a que as situações que tínhamos como problemática da violência domestica fossem *diluídas*.

E – Aqui no Centro e em conjunto com as parcerias têm investido muito na resolução e diminuição destas problemáticas, não é verdade?

E – Ah... aqui o Centro Comunitário tem uma grande vantagem. É a vantagem da *proximidade* com as pessoas, aqui com o bairro e com a comunidade, é uma mais valia, nos vamos estando atentos, e como a valência como pode ver, dos mais pequeninos até aos mais velhos, que por vezes ainda necessitam do refeitório e do nosso apoio a nível da alimentação, apoio económico, vestuário e nos juntamente com as nossas parcerias tentamos inserir as pessoas no IRP, junto da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal, criando oportunidades de as pessoas poderem dar o salto, também trabalhamos com alguns gabinetes *de inserção profissional* e alguns *Centros de formação* que permitem também que as pessoas se possam *capacitar* a nível de competências pessoais e profissionais que não tinham, para assim poderem justamente inserir-se profissionalmente. Agora há sempre uma *franja de pessoas* que não terão essa capacidade, que não estão habituados para o mundo do trabalho por questões de saúde, de alguma debilidade por falta de estimulação que tiveram durante a 1ª infância, por falta

de acompanhamento familiar que se calhar hoje em dia nos estamos mais atentos, mas antigamente empurrava-se muito logo os juvenzinhos para o mundo do trabalho e as pessoas acabavam por ficar ali com algum défice que depois futuramente vieram a não ser muito promissores, como por exemplo, nos tivemos aqui algumas pessoas que trabalharam nas Fabricas das cordas, na LEAR, nos Têxteis, nas Lousas, na Fabrica da lousa em Valongo, e trabalharam anos e anos seguidos *desde muito juvenzinhos* 13 anos, 14 anos, e que depois *quando ficaram desempregados aos 40 anos*, não conseguiram, só sabiam fazer aquilo, não é? *Não conseguiram desenvolver competências* para trabalhar noutro meio, e então foram ficando aqui à espera até ao tempo da reforma, como se costuma dizer, não é? Temos assim pessoas que ficaram *assim penduradas no tempo*, porque não tiveram de facto tido oportunidade na sua vida de ter um percurso formativo/educativo que lhe pudesse dar competências para saltar para o mundo profissional que lhes desse oportunidade para um nível mais diversificado.

E – Mas agora aqui no Centro estão a tentar que isso não volte a acontecer começando logo por dar um melhor acompanhamento aos jovens começando logo pelas crianças, não é verdade?

e – Sim, mas também mudou desde o tempo em que cá estou a escolaridade obrigatória passou do 6º para o 9º ano e depois para o 12º, aqui tivemos um espaço de tempo que entre 13 a 15 anos mudou muito o Sistema do Ensino, nos quando viemos para aqui trabalhar, *tínhamos aqui um clube jovens que estava aqui em atividades juvenis*, por isso tínhamos varias atividades, meios desportivos, tínhamos intercâmbios, tínhamos Erasmus, tínhamos acampamentos que era para ocupar esses jovens que abandonavam a escola, no que na altura era o 6º ano não é? Que era a *escolaridade obrigatória*, os jovens ficaram desamparados sem ocupação até *a idade formal* para entrarem no mundo ativo do trabalho; depois o M. da Educação alargou para o 9º ano, começamos então a ter menos jovens, e começamos a procurar ocupação formativa para aqueles que tinham ficado só no 6º ano, não é? E entretanto aqui há alguns anos passou para o 12º, o que tem vantagens e desvantagens, porque há quem muito dificilmente chegue lá, estão no espaço da escola, mas não estão nas aulas, às vezes estão lá completamente desmotivados à espera de cumprir a obrigatoriedade de estarem até aos 18 anos e continuam a ter o 7º e 8º ano, porque, lá está, porque não conseguiram continuar a terem cuidados especiais, e a

escolaridade obrigatória é até ao 12º ano ou até concluírem 18 anos, então os jovens que abandonaram o ensino regular, nos temos, tentamos motiva-los para opções formativas.

E – Pelas artes por exemplo?

e – Sim, apesar de termos uma grande dificuldade porque infelizmente ainda não há Certificação para a Educação pela Arte, mas pensamos que vai haver, pois estão a aparecer oportunidades em Matosinhos, em Arco Maior, sim eu acho que era uma *ótima formação*, porque se fosse certificada as pessoas, as pessoas poderiam seguir a sua *vocação e a sua opção artística* e ser Certificadas por isso.

E – Pois, as desigualdades sociais na verdade existem, como sabe há ricos há pobres respetivamente no exterior e no interior do bairro, gostaria que me falasse um bocadinho destas desigualdades e a forma como são vividas em interação conjunta, ou seja, a forma como são vividas estas diferenças.

e – Pois lá está, essa *mistura*, essa *heterogeneidade* de grupos que foram aqui *realojados* ajudam a *equilibrar* um bocadinho essas *disparidades* entre a classe mais pobre ou mais *desfavorecida*; a questão é que hoje a *classe media* é classe desfavorecida, com a crise é hoje difícil distinguir estes dois níveis sociais, porque a classe media está a desaparecer, porque a crise pela qual nos passamos tinhamos pessoas em que eu acompanho *situações*, onde ambos os *titulares* marido e mulher estão a trabalhar e mesmo assim continuam a necessitar do nosso apoio, apoio eventual porque os *salários mínimos* muitas vezes o salario de um deles é para as despesas de habitação, agua, luz, e às vezes não chega, não é? Pronto, portanto, a classe media..., nos aqui temos uma classe media que é mais próxima da *classe desfavorecida* do que da *classe dos ricos*, como estava a crer dizer.

E – Sim, mas no exterior do bairro das Saibreiras, no lugar das Saibreiras é aí que vivem os mais ricos, há uma interação com as pessoas do bairro ou não?

e – Não sei se inicialmente seria assim, mas hoje aí vivem pessoas, ou temos pessoas com um bocadinho mais de condições.

E – E as pessoas que moram em casas individuais, é aí que habitam os mais ricos com certeza.

e – Eh..., as *rendas* são caras, podemos avaliar por aí, mas temos algumas pessoas...

E – Há conflitos com as pessoas do bairro?

e – Não, conflitos não há!

E – Há distancia?

e – Eh..., há *respeito*, há respeito mútuo.

E – Ninguém é discriminado?

e – Não, nos por exemplo, aqui na Escola primaria nas Saibreiras, nos temos meninos que são oriundos destas zonas envolventes, aqui ao lado e não tem havido querilias propriamente, por exemplo, a *Associação de pais* é formado por todos, e é muito bom, nós temos meninos que vêm da A. João de Deus, portanto uma *zona já mais cara*, do ponto de vista das rendas e do ponto de vista das vivencias, é a zona onde existe já algum comercio, do outro lado da linha..., temos meninos que vêm dali, temos meninos que vêm do bairro, que vêm da Gandra, portanto essa convivência, essa mistura, é que nos traz equilíbrio e riqueza.

E – Supostamente, as pessoas que vivem aqui, no bairro das Saibreiras, não são todas de Ermesinde, gostaria que me falasse um bocadinho da sua proveniência.

e – É assim, as pessoas que tinham as casas em cima na linha do Douro eram daqui de Ermesinde sim, as pessoas que são realojadas por razões de necessidade habitacional ou económica podem ser de qualquer sitio do Concelho de Valongo é feito mediante a prova em que como a pessoa é moradora no Concelho de Valongo pelo menos há dois anos, depois candidata-se é feita uma cotação da habitação que a pessoa tem naquele momento, e entra para a lista de espera por este grau de necessidade e depois é-lhes atribuída a habitação social, portanto, a pessoa pode ser de Campo, pode ser de Sobrado, pode ser de Valongo, pode ser de Ermesinde, acontece mesmo depois as pessoas serem *realojadas* por pedidos *de transferência de habitação*, por exemplo, pessoas que vão para outro bairro social, ou pessoas que vêm de outros bairros para aqui. As Saibreiras é um dos bairros mais concorridos porque é um dos mais bem localizados a nível de serviços de transporte, de comercio, tem boas acessibilidades... as pessoas têm... as pessoas querem..., portanto, não é um bairro fechado, as pessoas têm uma boa convivência social, e, então temos algumas pessoas que querem vir para cá, sim.

E – Gostaria que me falasse da origem do nome Malvinas, e por que motivo este bairro antes de ser o Bairro das Saibreiras era designado pelo Bairro das Malvinas e se foi por ter acolhido alguns refugiados de guerra das Malvinas como algumas pessoas dizem.

e – Pois, aí está – o que eu sei, foi o que dissemos há um bocadinho – era a zona das Saibreiras, não era a zona das Malvinas, eu acho que malvinas vinha de *malvistas*, penso

que não tem nada a ver com os *refugiados*, eu acho que não, mas teríamos de fazer um estudo *antropológico*(rir), mas o que me disseram quando eu vim para aqui, é que isto era tudo campos, e as pessoas que estão aqui *coladas* a Aguas Santas, portanto, já é Maia, portanto estamos aqui muito próximo do Concelho de Valongo, Aguas Santas, Maia, e portanto as pessoas estavam aqui um bocadinho empurradas, e diziam-lhes – vai lá para as malvinas...vai... malvistas, pronto, e as pessoas no início tinham muito *orgulho* quando vieram para cá, porque utilizavam isso com um sentido *pejorativo*... diziam, tu és das malvinas, e as pessoas diziam, tu és *malvineiro*, tu és mesmo malvineiro, não é? E as pessoas levavam isso a mal, mas quando vieram para cá, e o bairro foi feito, diziam que era o bairro das malvinas, e como isso tinha um sentido pejorativo, as pessoas... e então foi feito um grande esforço empresarial de gestão por parte da Câmara para atribuir o nome Saibreiras ao bairro, porque era uma zona aqui... pronto, para que não ficassem com a conotação pejorativa das Malvinas e mudou o nome para Saibreiras, digamos que malvinas era um lugar que na gíria diziam – vai lá para os quintos, vai lá para as malvinas, malvineira, mal vista! Mas é engraçado que depois os miúdos e as pessoas começaram a fazer frente a esse sentido pejorativo, e... até tinham um certo orgulho de ser malvineiros... e de viver nas Malvinas, não é? Há outros... os miúdos ainda hoje utilizam isso como identificação de algum grupo, não é? Tenho aí alguns miúdos que tatuaram infelizmente, a meu modo de ver, «malvina gang». Portanto, para tentar criar aqui alguma provocação, alguma... e ali na zona da cooperativa escreveram «malvinas city», que é para quando os outros de fora vierem, ver que ali era a «zona das malvinas», pronto passou de um sentido pejorativo a um sentido de identificação daquele *espaço que à partida ninguém queria*, mas que foi remodelado e foi dado um sentido positivo a esta zona, portanto, é a zona das Saibreiras e que são mais bem aceites, e pronto... mas que se manifesta aqui um bocadinho de orgulho na identidade cultural...

E – E quando diziam no início que punham burros nas banheiras.

e – Não, isso não (rir)... isso é um mito nacional, julgo eu, mas têm muitos cães e gatos, também passarinhos que põem nas varandas dentro das gaiolas, sim.

E – Gostaria que me falasse um bocadinho do impacto que a educação tem na interação das pessoas e na proteção dos espaços.

e – Eu acredito que a resposta de proximidade traz a mudança, muitas vezes as pessoas que vivem nestes aglomerados trazem algo em comum, neste caso o realojamento social

é um bocadinho diferente das outras pessoas que não vivem na habitação social, porque às vezes nem sequer conhecemos os nossos vizinhos, não é? Dizem bom dia, boa tarde, mesmo dentro do mesmo prédio, podem... quer dizer... apenas conhecem de vista este ou aquele. Na habitação social, em concreto aqui no Bairro das Saibreiras que tenho acompanhado de um ponto de vista diário, uma coisa que eu acho interessante, é que *parece uma grande aldeia no meio da cidade*, há uma inter-relação entre as pessoas que ajuda a que *haja uma rede informal de apoio, para o bem e para o mal?! Se houver alguma coisa a apontar aquele morador – vamos ter aí uma rede de vizinhança que também se vai reunir em solidariedade com aquela para se queixar daquele morador, mas o contrario também é verdade, portanto, também temos pessoas que muitas vezes nos vêm dizer – Suzana, aquela pessoa idosa já não a vemos há 5 dias!!! Se calhar... podia lá passar! Ou então, olhe eu costumava ver aquela senhora... e agora parece-me muito triste, o marido parece que discute muito com ela! Se calhar devíamos ficar atentos! Eu não tenho muita coragem de falar com ela! Mas se calhar se puder, podia ir lá!* Portanto, acaba por haver aqui uma rede muito interessante de apoio informal, que eu acho que devemos aproveitar, eu acho que no meu trabalho tento aproveitar, tento estar próxima das pessoas, tento criar essa simpatia de modo a que as pessoas também me devolvam essa confiança, para nos podermos trabalhar com elas, *e esta educação que nos próprios temos com as pessoas, junto destes moradores, também nos ajuda a nos a crescer profissionalmente e... pessoalmente*, e ajuda a que as pessoas entendam que nos também somos pessoas e que também somos um bocadinho... apesar de sermos profissionais e estarmos aqui numa Instituição junto ao Bairro, mas não sendo morador do Bairro também faço parte do Bairro, portanto há aqui uma mobilidade de pessoas técnicos, de pessoas interessadas por eles que também nos ajudam a confiar e a abrir porque se ... houver um bocadinho essa transferência cultural e pessoal de pessoas, não é? De saberes, em que as pessoas percebem que nos estamos aqui por eles que em nos confiam e que permitem que nos trabalhemos com eles competências profissionais, sociais, histórias de vida...

E – Por último, gostaria que me falasse um bocadinho das pessoas subsidiárias do RSI, se acha que ajuda ou inibe a integração social.

e – É o seguinte, o RSI, é uma ajuda de *sobrevivência* que a pessoa tem e sabe que pode contar com essa ajuda para cobrir as maiores necessidades, mas é muito pouco!

Imaginemos quando nos vamos fazer compras o que gastamos. Os subsidiários deste rendimento, mesmo quando o conciliam com salários baixíssimos, não chega! Muitos são obrigados a recorrer a economias paralelas para sobreviver, sejam elas quais forem.

E – Então quando dizem que são uns preguiçosos que não querem trabalhar, o que acha?
e – Isso no fundo, não penso que seja verdade, porque acompanhamos pessoas que estão a receber o RSI, e têm *vergonha* de o dizer, e dizem que estão a receber a pensão de reforma antecipada, e outras quando conseguem arranjar uma atividade profissional, decidem por sua própria vontade de não receber esse subsídio, no entanto há pessoas que continuam a receber por questões de *sobrevivência*, e se sentem *incapacitadas*, mas por determinadas situações.

E – Obrigadíssima.

Anexo 9 – Entrevista nº 3

**MD, Entrevista, 3
12 março, 2019, CM
Hora:10h30 Duração: 33m 15s**

E – O meu nome é Lourdes Gomes, estou a preparar a minha dissertação de mestrado em sociologia na Faculdade de Letras do Porto, mas, como a senhora sabe já me tinha apresentado quando lhe enviei o mail para lhe pedir entrevista.

e – Quer que me apresente?

E – Não sei, faça como a senhora entender...

e – Bem, eu há ano e meio, e não é muito tempo para nós enveredar-mos pelos nossos problemas sociais, não é muito tempo, só que já estou na área social, há cerca de 15 anos, estou envolvida na área social há 15 anos, aqui na Câmara propriamente há ano e meio, de maneira que, no que puder ajudar estou à sua disposição, no contesto que quiser, e no que saiba, respondo.

E – Então, tendo em conta o tempo que tem na Câmara Municipal, penso que não terá o verdadeiro tempo para conhecer todos os problemas sociais existentes.

e – Tenho *obrigação* de ter conhecimento dos problemas, mas aprofundado preciso, preciso mais um bocadinho de tempo, e vai indo naturalmente, sim.

E – Trabalha com pessoas... (não tive tempo de completar).

e – Com certeza, trabalho com pessoas, e especialmente, pessoas carenciadas dos bairros sociais, também é verdade, é um facto, e *trabalho com jovens*, e nessa perspetiva a CM, a única coisa que faz é trabalhar com projetos, projetos que incluem muitas vezes outros tipos de associações, as juntas de freguesia, os centros sociais, e neste momento, nos bairros sociais, estamos a trabalhar com o projeto, o meu bairro não tem paredes, é assim que se chama o nosso projeto, que é um projeto de índole cultural, mas que tem a ver com a parte desportiva, e a parte dramática. O que é que isto quer dizer? Que nós ajudamos os nossos jovens a ultrapassar determinadas dificuldades, através da música, do desporto, do teatro..., de muitas áreas, que para isso, convidamos as associações. É um trabalho muito bonito, porque eles quando chegam às escolas, que é outro sector onde eles vão ser incluídos, estão mais à vontade para trabalhar. Temos tido muito sucesso com estes projetos. Fizemos há pouco tempo um *SARAU*, onde todo o executivo da junta esteve presente, e foi assim *um pontapé de saída para esta gente*, que se animou muito, e que tem feito coisas muito giras. O que é que eu posso dizer mais..., a nível das escolas, há aqueles miúdos que têm bons resultados e há os que têm maus resultados, e é nesses maus resultados que nós pegamos, e vamos trabalhar com eles, não é? A parte da *Educação*, também tem uns bons projetos que acautelam o crescimento dos jovens. A *Cultura*, também tem bons projetos, dentro da Câmara Municipal, que acautela a progressão e o crescimento destes jovens, portanto, nós na Câmara somos um todo, não é? Estamos na vanguarda destas situações todas. Portanto..., não sei se me quer fazer mais alguma pergunta específica sobre o trabalho que se faz com os jovens, ou o que quiser, esteja à vontade.

E – Sim, a senhora já me disse que o vosso lema é tentar ajudar os jovens nas suas maiores dificuldades... (não houve tempo de terminar).

e – Não só na parte económica.

E – Sim, sim, mas também cultural.

e – Mas também cultural, naturalmente, e, educacional?!

E – Complementam-se, cruzam-se, não é verdade?

e – Não, cultura, é uma coisa, e educação é outra, mas é certo, está tudo interligado ..., há uma diagonal dentro dessas coisas, naturalmente, mas o que interessa é que nós temos diferenciadas essas valências, precisamente porque temos projetos diferentes, que todos

eles se interligam. Portanto, isto é o melhor que nós podemos fazer para trabalhar com, e ajudar os nossos jovens, não é só este projeto..., mas temos mais projetos, falo neste, porque este é da minha área “o meu bairro não tem paredes”, é mesmo a minha área. Temos, depois outros da minha área também, que tem a ver com a deficiência, a deficiência, também está integrada nos bairros sociais, é outra área que nós interligamos tudo, e acho que temos um banco de voluntariado, cá na Câmara que também trabalha com esses jovens, através de projetos..., tudo isto, é uma envolvência muito grande, que não podemos de alguma maneira estarmos a dissociarmo-nos dela, não é?

E – Então, uma vez que trabalham com projetos, esses projetos estão envolvidos nas políticas públicas culturais de desenvolvimento local?

e – Naturalmente?!

E – A senhora não me pode falar dessas políticas culturais de desenvolvimento local, e se elas dão um impulso entre a interação das práticas culturais e o público em geral?

e – Mas quando se refere ao local, quer dizer o quê?

E – Sim, pode ser local, mas também pode ser mais abrangente, estender-se ao Concelho de Valongo, por exemplo? Haver uma interação sociocultural entre jovens e menos jovens, com a população em geral.

e – Eu falar disso do local, não sei o que lhe dizer, porque é transversal, a qualquer projeto que tenha, a gente quando está a trabalhar um projeto, não está aqui, a trabalhar a parte cultural politicamente falando, a parte educacional politicamente falando, não, nós estamos, nós incluímos toda a nossa pratica naquilo que melhor sabemos fazer, que é o tratamento de todos os jovens no seu percurso.

E – Mas para ser, se calhar de uma forma mais compreensível, as políticas socioculturais de desenvolvimento local dão uma ajuda?

e – Claro?!

E – Pois, era aí que eu queria chegar.

e – Então, os nossos projetos, como por exemplo o projeto de Inovação Social, o nosso projeto O Meu Bairro não tem Paredes, é assim que se chama, é um projeto cofinanciado, é um projeto que é por três anos, que tem uma componente não só da Câmara, mas também das próprias Freguesias, dos Concelhios, haverá em 7 bairros sociais..., claro que ainda há muitos que estão em descoberto, tentamos cobrir com outros projetos...

E – Mas para resolverem os problemas de integração social..., eu coloco esta pergunta, porque tenho conhecimento a partir da minha área em sociologia, de que quando acaba o projeto, acaba o financiamento, e sendo assim, não têm meios financeiros para poderem continuar.

e – Nalguns casos será, noutros não. Nós temos neste momento projetos, a preocupação a preocupação é que a sustentabilidade seja projetada logo desde o início, nós ao desenharmos o projeto, não estamos só a contar com o dinheiro que vem, a própria Câmara é um investidor social. Nós recebemos dinheiro da Inovação Social, mas a Câmara é um investidor social, o que é que isto quer dizer? Há uma parte economicamente que é da Câmara, e o desenho que nós fazemos nestes projetos, é exatamente trabalhar a sustentabilidade.

E – Mas acontece... (mais uma vez não houve tempo de acabar).

e – Há alguns projetos que tem todo o interesse em terminar, porque é só para trabalharem naquele momento, naquele tempo com as pessoas, no nosso caso não é isso, todos os projetos que nós temos somos investidores sociais, o que é que isto quer dizer? Quer dizer que quando o projeto acabar, temos obrigação de ter continuidade no projeto, ter sustentabilidade no projeto.

E – Quando diz sustentabilidade quer dizer que nunca deixam ficar os jovens para trás, sozinhos?

e – Esperamos que não.

E – Já me apercebi que as políticas públicas, de uma certa forma, entram em quase tudo que acaba de me dizer, e talvez não me pode responder a tudo, visto que ainda há pouco tempo que está aqui, mas a pergunta é a seguinte, viajando um pouco no espaço e no tempo, nota-se que a cidade de Ermesinde, ou até em todo o Concelho de Valongo, tem uma origem muito acentuada, quer dizer, nota-se que teve e se calhar ainda tem uma panóplia de valores da classe operária...(não houve tempo para acabar).

e – Ermesinde?

E – Eh, e se calhar Valongo também.

e – Note, o Concelho de Valongo é composto por 4 freguesias, e cada uma delas tem uma riqueza incalculável de valores, como seja por exemplo aqui em Valongo é a terra da *Regueifa*.

E – Sim!

e – Vamos um pouco para Alfena, para o lado de Alfena, é uma terra valorizada incalculavelmente com o valor do *Brinquedo de Madeira*, foi o 1º brinquedo tradicional em Portugal, portanto é uma *logo marca*, que nós temos de muito valor. Temos, depois Campo e Sobrado, que é as *Lousas*, as *Minas*, a *Mineralização*, que é a nossa grande riqueza também. E depois temos Ermesinde propriamente, Ermesinde tem uma riqueza incalculável em *Arte Sacra*, Santa Rita é o nosso..., como é que hei de dizer..., é o nosso Monumento que dá riqueza a Ermesinde. Ermesinde é a parte religiosa digamos assim, Ermesinde é a parte religiosa.

E – E São Lourenço?

e – São Lourenço é um local, não é freguesia.

E – Sim, é verdade, estávamos a falar em freguesias.

e – São Lourenço tem uma história, mas não tem nada a ver com a *logo marca*, a logo marca é a parte religiosa. E ainda temos comum a estas todas freguesias, as Serras de Valongo, que são muito ricas, e onde há agora, ou está a haver alguns projetos que vão enriquecer ainda muito mais. Portanto, Valongo é muito rico, a parte mais pobre é, digamos assim, destas, culturas todas, é Ermesinde. E eu explico-lhe porquê. É uma terra para onde as pessoas vieram morar para ir trabalhar para o Porto. Portanto, e porquê? Porque existe *uma linha de comboio*, não é? E Valongo e Ermesinde são atravessados pela *linha do douro*, que é riquíssima a trazer *pessoas da província*, para o Porto, para trabalhar. O que isto acabou por acontecer? Ser um pouco, *um dormitório*, mas isto já foi?! Porque agora, está-se a ultrapassar estas situações todas. Claro, é muito rica, até porque é o local que mais gente temos em Valongo.

E – É Ermesinde?

e – É Ermesinde, é a freguesia, com mais população, e para todos os efeitos...

E – Passou a cidade?

e – Passou a cidade, como Alfena, passou a cidade, assim como as outras freguesias, portanto, Ermesinde não tem uma identidade muito própria, mas estamos a conseguir trazê-la para lá também, através da parte religiosa, de tudo que tem, também o brinquedo tradicional de Alfena começou também numa parte de Ermesinde, e também vai ali buscar uma parte da riqueza de Alfena. Portanto isto é uma coisa que nós CM, trabalhamos com muito afinco, com muita alegria, e com muito gosto, ver a nossa terra lá em cima, não é?

E – Mas penso que Ermesinde, nem sempre foi um dormitório, quando vemos as marcas de ser um lugar onde se concentrava uma importante parte da indústria, e principalmente a *antiga fábrica da telha*, onde se encontra hoje o *Forum Cultural de Ermesinde*, que é dessa época, um testemunho vivo.

e – Claro, o que existe, é aquilo, foi muito bem aproveitado, não é? Que tem lá sítios espetaculares maravilhosos, tem um jardim magnífico, os espaços são muito bem aproveitados para qualquer festejo que se faça. Tem o Forum para quase 400, pessoas, tem salas de seminários, tem salas de exposições, tem para tudo. Portanto, foi um sítio, e é o sítio melhor que nós temos. Nesse aspeto, se Ermesinde não tem tanto de *historial*, acaba por ter..., isso que tem ali na *fábrica da telha*, tem ali um reportório de situações que nos transmitem aquilo que nós temos de bom, não é?

E – Claro!

e – Tudo que nós tínhamos noutras freguesias, mudamos para Ermesinde, que é lá que temos o grande auditório.

E – Um dos seus pontos de vista é de que Ermesinde era um pouco um dormitório de pessoas que vinham da província trabalhar para o Porto, pressupõe-se aqui a predominância dos valores da classe operária, acha que é importante preservar estes valores?

e – Claro?! Ninguém pode adquirir uma identidade sem ter alguns cuidados, com a anterior, não é? E é daí que parte, não é? Será de uma classe operária que se vai fazer o enriquecimento, no futuro, de uma terra. Sem dúvida nenhuma.

E – Porque via acha que estes valores podem circular e manifestar-se, ou melhor dizendo, será pela via da cultura?

e – Eu acho que sim, através da cultura e através da educação, através de todos os projetos que se façam com eles... Tudo isso, vai prevalecer lá, não é de retirar nunca, a origem tem de prevalecer. Nós somos um Concelho que aposta muito no futuro, temos muitos, muitos projetos que crecem no futuro sem nunca esquecer o passado, isso é o nosso grande valor, é preservar o passado para difundir o futuro.

E – Se têm um grande empenho em preservar essas culturas, que são de um certo modo mais lúdicas do que elitistas (mais uma vez, não me foi possível terminar a pergunta).

e – Lúdico, eu não diria, para mim lúdico tem a ver com jogo, não sei o que é para si, lúdico.

E – Prontos, digamos que é um termo polissêmico, mas aqui refiro-me a práticas socioculturais, como por exemplo, teatro, música, dança, jogos, etc. como formas de apropriação do espaço urbano.

e – Quando eu lhe digo que Valongo está a crescer, está a crescer em todas essas áreas, desde o teatro, jogos, dentro da educação, temos muitos projetos que até era..., bem, agora estava previsto que vai falar com o senhor Variador, e ele, de certeza que a vai atender, não sei se ele já lá está, e lhe falará da parte contextualizada desses jovens nas escolas.

E – Acha que todas estas práticas socioculturais contribuem para a coesão social e para o desenvolvimento local?

e – Naturalmente, naturalmente, e não só essas áreas..., nós temos a parte da cultura, que tem agora um projeto *ler não custa nada*, em que este tema é comum a todos que já falamos, e que no fundo traz uma tradição de leitura, de educação, de tudo que se possa pensar para preservar a leitura dentro das tradições. A junta de freguesia de Ermesinde também tem bom desenvolvimento *na área da cultura*.

E – Sim, na reunião, pouco, ou nada, me falou das práticas culturais.

e – Com certeza não percebeu bem, o que pretendia.

E – Gostaria que me falasse um bocadinho da interação social e preservação dos espaços urbanos a partir da educação.

e – Essa área está entregue ao urbanismo e está a ser tratada num todo, desde a habitação ao arranjo das ruas, a mobilidade das pessoas, os trajetos de caminhada, o trajeto na serra, tudo isso é de uma importância extrema, e vai tudo de encontro à mesma coisa, é para trabalhar com as pessoas, é tudo para que ninguém fique retirado nem excluído.

E – Só mais uma perguntinha, acha que as práticas socioculturais dinamizam os bairros de habitação social?

e – Claro?!

E – Vou tentar encontrar pessoas que me falem um bocadinho do bairro das Saibreiras.

e – As Saibreiras é um bairro especial, na medida em que até disseram que *era as malvinas* mas não é esse o nome do bairro?!

E – Mas já foi?

e – Não foi. Porque Saibreiras, na altura em que andou *a guerra nas malvinas*, associaram uma coisa à outra, porque *o bairro era mau*, era um bairro que *não estava socializado*! Era um bairro que ninguém queria ir para lá. Foi congregada naquele bairro, gente que

não estava integrada noutros grupos sociais, percebe? E foi aos poucos, e poucos que a CM e Instituições foram trabalhando aquele bairro, de tal maneira que hoje, é um bairro maravilhoso. Mas foi com muito trabalho. Diziam... oh! As malvinas! Ninguém quer ir para lá!! Hoje não, é um bairro pacífico, com quem se pode trabalhar, com *quem o meu bairro não tem paredes*, está lá a fazer um bom trabalho incansável e os próprios *atores*, são espetaculares, aquela *malta*! Portanto, isto tudo não vai de *boatos*, que existem, não é? E neste momento, as *saibreiras*, está totalmente modificado, pronto.

E – Esse sentido socialmente pejorativo, acha que era devido..., mal visto?

e – Claro?! Porque não iam para lá propriamente, era por situações caricatas que iam para lá, e quem estava perto não se sentia muito seguro, e diziam, não, eu para ali não vou, porque aquele bairro é como as malvinas!! mas rapidamente isso se retirou, e hoje é o bairro que é

E – E, foi-lhe atribuído esse nome agressivo, de um certo modo indizível, devido aos refugiados da guerra das malvinas?

e – Não, eu creio que não foi propriamente isso, mas como foi naquela época, reforçou.

E – Mas que esse *cognome* coincidiu com os refugiados de guerra das malvinas, foi uma realidade?

e – Sim, isso já lá vai há muito tempo! do tempo do *mioceno*, mas o bairro nunca se chamou malvinas, foi sempre o *bairro de Sampaio*, sempre foi, só que como coincidiu com a guerra das malvinas, havia ali um gueto que era necessário limpar de alguma forma isso, e foi isso que se fez, foram uns tempos conturbados, apos o 25 de Abril que logo rapidamente a parte politica fez esquecer isso.

E – Por último, gostaria que me dissesse em relação aos jovens quais seriam as suas perspetivas, sei lá, daqui a vinte anos, por exemplo?

e – Daqui a 20 anos? Olhe, eu pessoalmente, só pessoalmente, porque politicamente não sei, queremos o melhor que possa ser, nós neste momento precisamos de gente técnica e profissionalizada, não é propriamente de doutores, temos de apostar muito nisso, nas variantes *técnico/pedagógicas*, nos técnicos/profissionais, e eu vejo *um grande futuro* para esses jovens, nessas áreas.

E – Acha que a arte pode ajudar neste sentido?

e – Aí claro que sim?! Qualquer curso que seja, seja *serralheiro*, ou seja *medico*, eu estou a fazer estes paralelos, porque tem que ver o *jogo*, a arte, a cultura, tudo..., um bom livro

pelo meio, tem que se ter isso tudo, porque senão, não é bom serralheiro, nem é bom medico.

E – Tive conhecimento de que agora, exigem o 12º ano para ingressar na formação *socioprofissional*, não será difícil para alguns jovens chegarem lá?

e – Se houver *técnicos/profissionais*, vão conseguir, porque não precisam de conhecimento como para entrar na *universidade*, o que precisam é de um bom conhecimento técnico.

E – Claro, mas também precisam de ter um certo conhecimento de cultura geral.

e – Claro, um medico vai para uma *universidade* e um serralheiro vai para uma *escola /profissional*, nós cá em Portugal, já as tivemos, perdemo-las com o 25 de Abril, e agora estamos a reforçar novamente essas escolas, e é a pensar nesses jovens, nessas camadas jovens que precisam de trabalhar, mas para serem bons profissionais. Está?!

E – Obrigadíssima.

Anexo 10 – Entrevista nº 4

O.R, Entrevista, 4

12 de março, 2019, CM

Hora: 11h30

Duração: 38m 16s

E – Em primeiro lugar, obrigada, o meu nome é Lurdes Gomes, como já é do seu conhecimento já tinha formulado o meu pedido por email ao mesmo tempo que fiz a minha apresentação.

e – Eu sou Variador da Educação e da Juventude na CM.

E – Há muito tempo que está cá?

E – Há 6 anos e qualquer coisa, estive no mandato anterior 4 anos e agora neste momento 2 anos, pronto, há 6 anos.

E – Então acha que me pode falar um bocadinho das práticas culturais dos jovens no espaço urbano?

e – *As práticas culturais dos jovens, nos temos a juventude, temos a Casa da Juventude em Ermesinde, nos quando cá chegamos não tínhamos nenhuma Casa da Juventude, já houve em tempos, uma Casa da Juventude, mas foi desativada, e nos criamos uma Casa da Juventude para os Jovens, e isto em 2013, altura em que iniciamos as funções..., na*

Câmara Municipal, desde aí, a Casa da Juventude tem realizado algumas, varias atividades no âmbito das culturas da juventude, e essas varias atividades culturais são em meio urbano. Temos varias atividades culturais destinadas aos jovens, e que procuramos envolver os jovens, naturalmente nos estamos num meio citadino de facto, deixo quatro freguesias, duas foram agregadas, uma é mais rural, há uma que é Campo, estou a falar na freguesia rural, que é Sobrado, a freguesia de Campo tem um misto de ruralidade e citadino, e as outras são praticamente citadinas, Alfena também tem um bocadinho de ruralidade, mas Ermesinde e Valongo são as mais urbanas.

E – Pode dizer-me se é nestas duas últimas que há uma maior concentração de jovens que habitem em empreendimentos sociais?

e – Sim, nos temos uma população jovem muito grande, Valongo é um concelho com muitos jovens, uma população jovem muito elevada, e a população jovem reside nas duas cidades maiores que são Ermesinde e Valongo, portanto há aqui uma concentração de jovens e por isso é que nos criamos a *Casa da Juventude em Ermesinde* e vamos também criar uma Casa da juventude em Valongo, para satisfazer as necessidades dos jovens, sobre tudo nestes meios mais citadinos, e temos desenvolvido bem as atividades culturais, e outras, posso dizer-lhe, que as atividades que temos são varias, destinadas aos jovens, são os jovens de Ermesinde porque é onde está a Casa da Juventude, e as outras, multiplicadas pelas outras freguesias, mas de facto a abertura muito grande que tem aquela Casa da Juventude às Escolas de Ermesinde, está ali muito próxima..., temos um conjunto de atividades que desenvolvemos a nível cultural, uma parte delas são atividades desportivas, e outras destinadas às Escolas, ou seja no conjunto da Câmara, nos falamos sobre a juventude, falamos também da Câmara como um todo. Temos também muitas atividades culturais como um todo, na área da cultura, dirigidas aos jovens na área da educação. Temos muitas atividades culturais dirigidas aos jovens dentro das Escolas, no espaço escolar, depois a atividade desportiva é muito ampla também dirigidas aos jovens, em grande maioria são atividades no espaço urbano, dirigidas especialmente aos jovens que vivem em empreendimentos sociais. Naturalmente a minha colega que tutela a área social nos empreendimentos sociais, na área social, portanto social, ela conhece melhor que eu..., mas de facto há aqui, um conjunto de atividades dirigidas aos empreendimentos sociais, e da área social, dirigidas aos jovens, que não estão fora deste contexto, são também inseridos e pronto. Depois não sei se quer que lhe especifique quais são as

atividades, mas temos também outras com os jovens e para os jovens, que para nos é muito importante, e de facto, como lhe disse, o Concelho de Valongo é um Concelho muito jovem, nos criamos uma *Carta da Juventude* há dois anos, e nessa Carta é apontado um planeamento de atividades que são dirigidas aos jovens, quem fez essa Carta da Juventude foi o Departamento de Sociologia da Universidade do Porto, com a colaboração de Dr. João Teixeira Lopes.

E – Acha que, este empenho no projeto das atividades socioculturais, muito especialmente direcionadas para os jovens, é também um modo de interação/ integração social no espaço urbano?

e – Eu acho que sim, porque como já lhe disse o Concelho de Valongo, é um concelho essencialmente urbano, lá onde eles vivem e a cultura..., as tradições, e as atividades estão essencialmente ligadas ao meio urbano, naturalmente são uma preocupação que temos..., alias as atividades direcionadas para a área urbana..., nos temos também o Concelho Municipal da Juventude, que funciona desde 2013, onde estão os jovens do Concelho, portanto, há aqui, de facto, esta preocupação com os jovens e com a cultura do seu meio, que é uma cultura essencialmente urbana.

E – A propósito, em Ermesinde, mas também se calhar em todo o Concelho de Valongo, mas mais em Ermesinde, nota-se que teve e se calhar ainda tem uma importante panóplia de valores próprios da classe operária, devem preservar-se esses hábitos e valores?

e – Eu penso que sim, Ermesinde teve sempre uma classe operaria ligada ao comboio, sempre houve uma ligação muito forte de pessoas ligadas à ferrovia, e à CP, Comboios de Portugal, portanto há ali uma tradição muito forte, há ali uma Central, a Estação de Ermesinde é uma Central, Ermesinde cresceu à volta da Estação, os ferroviários são um grupo muito importante em Ermesinde, foram cada vez menos de facto, a ferrovia estendeu-se a todo o país, mas houve um período muito forte, um período em que os ferroviários foram uma classe profissional muito forte em Ermesinde.

E – E esses valores devem se preservar?

e – Os ferroviários foi de facto uma classe muito importante, e de facto nos temos feito, e a Câmara está..., tem procurado manter uma ligação e manter essa cultura. Alias, nos, ligados à ferrovia, nos temos um projeto que vai ser concluído muito brevemente, que é a colocação de uma automotora alusiva a Ermesinde, que é para mostrar esta ferrovia e os ferroviários, esta classe para nos é importante, de facto é importante, teve um papel

muito importante na cidade de Ermesinde, e na ampliação e crescimento da cidade de Ermesinde, naturalmente nos queremos manter essa cultura, temos essa preocupação, e algumas exposições que já fizemos, também está previsto a colocação de uma automotora que vai mostrar a ligação que a Câmara tem da ferrovia. A classe operária em Ermesinde foi-se extinguindo ao longo do tempo, porque agora há cada vez mais pessoas de Ermesinde que trabalham em serviços não?! no Porto e Concelhos à volta, e mesmo em Ermesinde.

E – Voltando novamente aos valores da classe operária em Ermesinde, havia a ferrovia, mas também havia muita indústria, como por exemplo a fabrica da telha, onde é hoje o Forum Cultural de Ermesinde.

e – Sim, sim, houve indústrias importantes em Alfena, a fabrica da telha, mas ela..., a fabrica dos sinos, a metalomecânica foi importante em Ermesinde, num passado, período forte da metalomecânica, hoje o que prevalece são os serviços.

E – Mas a classe operária continua a existir, será que os jovens ainda se interessam por estes valores?

e – Eu penso, que hoje os jovens estão um bocadinho desligados destes valores, são mais cidadãos, são mais cidade, desenvolvem mais uma cultura ligada aos serviços, a classe operária, não diz muito aos jovens.

E – Estão mais voltados para a arte contemporânea?

e – Exatamente – dança, teatro, música, cinema, fotografia..., para a arte atual, contemporânea, sim, sem dúvida

E – Acha que a arte contemporânea será para eles uma porta aberta para um futuro socioprofissional garantido?

e – No sentido em que a sociedade evolui, a classe operaria, o operariado, os sindicatos ligados à industria, tudo isso foi um período também em Ermesinde, foi um período da historia que passou, eu acho que neste momento, os jovens e as pessoas estão um bocadinho mais orientados para o mundo contemporâneo, para uma cultura diferente, profissões diferentes, para modos de estar diferentes, isso foi um período da historia, foi importante, acho que devemos lembrar esse período, acho que não devemos deixar esquecer, mas esse período está localizado na historia, já passou..., ainda há uma classe operaria, mantem-se, mantem-se os valores, mas a classe operaria hoje é diferente, se nos olharmos para as novas industrias são diferentes das industrias do passado, e a classe

operaria também é uma classe operaria se calhar com mais conhecimento, com mais estudos, com mais formação, as coisas mudam significativamente.

E – Poder- se- ia concluir que o tempo, transforma o espaço, neste caso urbano?

e – Sim, sim, o espaço..., *o tempo muda o espaço*, vai mudando, o tempo muda as pessoas, muda o espaço urbano, muda a cultura também, as coisas vão mudando ao longo do tempo, as pessoas adaptam-se a novas realidades...

E – O Senhor acha que é possível separar o espaço urbano de tempo?

e – Não sei, tenho duvidas, *o espaço vai mudando ao longo do tempo*, e espaço urbano é uma das realidades, vai mudando ao longo do tempo, alias se nos olharmos para as cidades, as cidades mudam, já tivemos cidades com muitos carros, hoje temos cidades com menos carros e muitas pessoas a andarem a pé, e de bicicleta, no futuro provavelmente vamos ter menos carros e mais pessoas a pé e outra forma de circular, mas as coisas vão mudando, tivemos no passado um tipo de transporte mais poluente, vamos ter no futuro transportes menos poluentes e mais amigos do ambiente, as casas são construídas de outra forma, as ruas no passado era dar prioridade ao automóvel, hoje é dada cada vez mais prioridade às pessoas, *há esta consciência de fazer espaços mais amigáveis*, que dá mais espaço para as pessoas circularem a pé ou seja, as cidades são evolutivas e vão evoluindo ao longo do tempo, outros espaços, e vai mudando esta realidade.

E – E esta realidade como o Senhor acaba de dizer, também deixa *espaços mortos*, sem atividades, reduzidos a uma certa forma de *erosão*, espaços onde antes havia atividades e essas atividades mudaram-se para outros *sítios*, e outras formas diferentes, como por exemplo a antiga linha do comboio que passava em Ermesinde, Aguas Santas..., atravessava aquela zona, e hoje esse espaço está lá! Mas já não tem as atividades de então, é um espaço morto.

e – Os espaços mortos, a *sociedade* e nos, naturalmente também os *autarcas* temos a necessidade e o dever de os transformar e adaptar às novas realidades, e vamos fazendo, essa linha de que me fala, uma linha que vai ser usada, está um projeto que une essa linha para fazer aqui a circulação urbana, e também na cidade do Porto para ligação a Rio Tinto, Matozinhos ..., portanto, essa linha vai voltar a ser reativada. Nos tivemos fabricas que foram recuperadas e são hoje... como por exemplo o *Forum Cultural de Ermesinde*, e requalificadas, que hoje são museus, e que são espaços culturais, como por exemplo o

Forum Cultural de Ermesinde era uma antiga fabrica desativada, uma fabrica antiga; temos espaços que eram da ferrovia e que foram também desativados e que hoje são espaços culturais, como por exemplo o apeadouro de Susão está a servir para uma associação cultural; temos outros espaços que no fundo, as pessoas deixaram de usar e que vamos sempre requalificando, recuperando e readaptando a novas realidades; naturalmente eu acho que os espaços que a mudança de vida e a mudança de tempo, vão-nos levar a novas realidades e decerto deixamos vazios os espaços que havia, os espaços que estão ligados a uma realidade que já é antiga. Vão ficando vazios, portanto nos temos que ter este dever de os requalificar e de os transformar e de voltar outra vez a dar-lhe vida; também assim temos feito, por exemplo temos aqui um dever aqui no Centro de Valongo um antigo quartel dos Bombeiros que foi abandonado, os Bombeiros fizeram um quartel novo, nos compramos esse edifício e estamos a requalifica-lo e vamos fazer a oficina da regueifa e do brinquedo para trazer mais pessoas a Valongo, ou seja, no fundo era um quartel dos bombeiros, foi um cinema que, foi abandonado, que nos naturalmente estamos a requalificar e estamos a dar-lhe vida, nova vida e adaptá-lo à realidade do presente, não faz sentido que volte a ser um cinema, porque não há essa necessidade, mas temos necessidade hoje por exemplo hoje em Valongo de um espaço que promova a regueifa, que promova o pão, e ativamos esse antigo quartel de Bombeiros no museu do pão e da regueifa, portanto é esse trabalho que estamos a fazer, é um trabalho que compete aos autarcas, e que é um trabalho muito importante, por exemplo estamos a transformar uma escola antiga em Alfena, provavelmente a minha colega já lhe falou disso, numa..., deixou de funcionar porque já não havia crianças em numero suficiente para ocupar aquela escola e agora aquela escola vai ser transformada num Centro de acolhimento para crianças com deficiência, para ocuparem esses períodos do dia em que não estão na escola em atividades culturais e outras, portanto seja, nos vamos sempre requalificando os espaços que estão abandonados, e que estão, vazios , nos não os deitamos fora, nos não os destruimos mas requalificamos.

E – Sim, mas por exemplo quando vemos certos espaços ditos mortos, vemos grafitis escritos e certas pinturas nas paredes, vemos ali uma certa forma de fazer arte, mas também pode ser um lugar onde certas atividades desviantes têm lugar, gostaria que me dissesse o que pensa destes espaços.

e – Sim, há *espaços onde há usos e se consomem drogas...* o que nos temos que fazer, e estamos a fazer é transformar esses espaços e *dar outros valores a esses espaços*, ou seja transforma-los onde se faça outras atividades, e de facto podem ser espaços interessantes também para a *comunidade*, isso é o que nos temos feito, essa é a nossa preocupação, e também há espaços onde temos também outros projetos para *limpar a cidade*, e dar... pintar com qualidade a cidade, fizemos isso também no âmbito do *orçamento dos jovens*, e temos alguns espaços com pinturas reconhecidos, para transformar os espaços e para que eles deixem de ser algo de vandalismo, se for um pintor conhecido a pintar aquele espaço, já não existe vandalismo, temos de ter essa..., isso é o que temos estado a fazer, há espaços abandonados onde havia determinado vandalismo, e nos colocamos junto alguns serviços, portanto ficaram a ser frequentados esses espaços e serem mais utilizados, naturalmente muito vandalismo deixa de existir.

E – Sim, claro, tudo isso são projetos, são parcerias, mas também a força impulsionadora como o Senhor me está a dizer, vem da *educação*, gostaria que me falasse um bocadinho do impacto da educação nos Vossos projetos.

e – Sim, a educação é fundamental, porque temos as necessidades da educação para a formação das pessoas, de facto é a educação que consegue transformar aquilo que nos temos de mais primário e criar relações saudáveis com os outros e pensar quanto a educação é fundamental.

E – Sim, ao longo deste meu trabalho, tive conhecimento que os Vossos projetos começam logo pela educação das crianças, mas os jovens e menos jovens que não tiveram esta possibilidade, acha que podem melhorar as suas situações de vida através da arte, visto que já é exigido o 12º ano para ingressarem numa formação socioprofissional?

e – Sim, sim, eu acho que o ensino é fundamental, o ensino também ensina as artes, aí temos que arranjar estratégias para motivar os jovens, e as artes vão ser uma motivação, agora as artes não podem ser dissociadas da escola, para um jovem que está dentro da escolaridade obrigatória, caminham juntos, a arte e a educação caminham juntas, e uma coisa não invalida a outra, não é o facto de seguir as artes que pode deixar a escola, não, eu acho que eles têm de ter a escola e têm de ter as artes também, portanto... porque a formação é global, não pode ser só uma formação pelas artes, de facto as artes são importantes, mas depois também há outros conhecimentos de cidadania, como por exemplo a questão do português, portanto todas essas disciplinas que são tradicionais

estão de facto ligadas à cultura dos jovens e à formação dos jovens, naturalmente as artes são importantes, e acho que pelas artes podemos recuperar jovens e temos que ocupar os que estão em situações de abandono, mas de facto depois de os recuperar, acho que temos de lhes dar formação adequada para que depois tenham uma vida boa, terem uma profissão... uma coisa não pode estar dissociada da outra, agora de facto as artes podem ser uma motivação para os jovens se voltarem para a escola.

E – Sim, há jovens que não se sentem motivados pela escola e até mesmo quem a abandone, acha que acontece só nos jovens de habitações sociais?

e – Sim, normalmente são jovens com famílias mais destruturadas, mais problemáticas, essencialmente são jovens que têm o risco de abandono naturalmente, há uma relação muito direta, portanto a família acaba por ser a base da orientação dos jovens, é importante que a família esteja presente.

E – Gostaria também que me falasse da comunidade de etnia cigana. entre os jovens em geral.

e – Não sei bem dizer, mas nos, nas Escolas temos também alunos de etnia cigana, portanto naturalmente estão perfeitamente inseridos nas escolas e o que temos dirigido às escolas é também, são dirigidos a eles, portanto estão perfeitamente inseridos, e a escola dá uma integração geral, e vai a essa..., e mesmo pela parte das escolas temos técnicos que acompanham... e agora relativamente ao empreendimento de habitações sociais, fora das escolas, não lhe sei dizer mais, mas de facto está cada vez mais nos nossos projetos.

E – Por último e em relação aos jovens, uns estão encaminhados, outros reencaminhados após certas problemáticas dos seus percursos de vida, como vê estes jovens daqui por 10 ou 15 anos?

e – Nos temos muita preocupação com os jovens, e por isso estamos a trabalhar na área da Educação, estamos a trabalhar para esses jovens em risco de abandono, ou jovens que já abandonaram; temos alguns projetos de os voltar a recuperar, trazê-los para a sociedade e para a escola, temos projetos para recupera-los através das artes, temos um projeto a nível do governo que é o projeto europeu em que através da musica, do teatro.... esses jovens voltem para a comunidade, tira-los de estarem em casa, de estarem sem trabalho, sem atividade alguma, não estarem num completo isolamento da sociedade, voltar a integra-los na sociedade, partindo de voltar a dar-lhes qualificação também a partir de outros projetos como as competências digitais através da informática, dos

computadores, dos telemóveis, voltar também a contrai-los para algumas tarefas, e depois também, e temos também em vista uma escola de segunda oportunidade a jovens que já abandonaram, temos de facto essa preocupação de trazê-los porque são muitos, nos não sabemos de facto quantos são, mas são muitos jovens de facto, temos essa preocupação de volta-los a integrar na sociedade, na comunidade, os jovens que abandonaram a escola, não conseguiremos trazê-los todos, mas alguns vamos conseguir, de facto recuperar estes jovens é um trabalho de longo prazo, é um trabalho que não é imediato.

E – Senhor Doutor, obrigadíssima!

e – Obrigado também, e bom trabalho, se precisar mais alguma coisa, peça, eu mando por email.

E – Obrigadíssima.

Anexo 11 – Entrevista nº 5

Cinda, Entrevista, 5

20 de março 2019

Hora: 13h30

Duração: 27m 27s

E – Como a senhora já sabe, o meu nome é Lourdes Gomes e estou a fazer o mestrado em sociologia na Universidade de Letras do Porto, o meu pedido de entrevista relaciona-se com a meu projeto de dissertação de mestrado. Tive conhecimento de que a senhora está aqui há já bastante tempo e gostaria que me falasse um bocadinho da juventude das Saibreiras e das suas respetivas famílias.

e – Os jovens do bairro das Saibreiras, normalmente juntam-se em grupos, pouco trabalham, vão muito aos cafés e são muito unidos uns com os outros para praticas às vezes pouco fáceis, quando, portanto, há alguns que trabalham à noite e sempre no café ... muito, muito pouco ativos em desporto, mas quando alguma Associação os convida também são participantes. Aqui no bairro não têm muito meio onde se juntar a não ser o café, mesmo só o café. Geralmente de 20 a 30 anos, nunca trabalharam, estão sempre a viver do rendimento social...pronto... como é que hei de dizer...em práticas de droga e

em certos roubos, e coisas no género, mas há meninos que são bons alunos, e não são... estudam, tiram cursos, e são... e vão além, na parte social não têm maus hábitos.

E – E a convivialidade, como tem sido desde o início até agora?

e – As pessoas umas com as outras sempre se entenderam bem, há uma ou outra, um bloco ou outro que não é bem assim, mas isso é como em todo o lado, mas dão-se bem, juntam-se em grupo, mas geralmente não há grandes confusões, não, há uma entrada ou outra que consegue ter pessoas que se desentendem, mas como em todo o lado, não há assim um grande desentendimento entre elas, entre cada família, as que trabalham metem-se na vida delas, e as que ficam por cá, vão-se juntando em grupos, e vão falando. E vão discutindo, mas como em todo o lado.

E – Há desigualdades sociais e discriminação?

e – Não há muita diferença, há uns que são tipo mestres de obras, mantêm um certo modo de vida diferente, mas não há assim muita diferença aqueles que vivem do rendimento social... mas acho... há aqueles que trabalham, mas não há assim uma grande, grande diferença, e descriminação também não há, porque realmente arranjam-se uns com os outros para os trabalhos que vão arrançando, biscatos e coisas no género.

E – Não há preconceitos em relação ao exterior e vice /versa?

e – Não preconceitos não há, uma grande igualdade e respeito.

E – Pode falar-me das primeiras pessoas e assim sucessivamente que vieram par o Bairro das Saibreiras e qual a sua proveniência.

e – Quando aqui cheguei, soube que as pessoas vinham de outros sítios mas sempre à volta de Ermesinde, não vinham de muito longe, e já se conheciam de outros sítios onde viviam em vários barracões e casas velhas, de bouças, vieram para aqui, e aqui ficaram, e ainda cá estão a maior parte delas mantêm-se nos sítios para onde vieram, mas penso que eram todas à volta de Ermesinde, mas pronto...Ermesinde, alfena, Valongo...era tudo o mesmo género.

E – Agora gostaria que me falasse porque é que este bairro era designado por bairro das Malvinas, foi por ter acolhido refugiados de guerra das Malvinas?

e – Ah! as malvinas, foi as pessoas, as pessoas vinham de certos sítios, barracos, não tinham hábitos de ter chaves, nem de condições de vida, e como tinham estes hábitos, fechavam as portas muitas vezes, naquele momento encontrava-se a guerra nas Malvinas.... e foi por isso que puseram o nome de malvinas por causa de andarem

sempre a chamar os Bombeiros ao bairro das Saibreiras, foi por aí que saiu o nome bairro das Malvinas, não tem nada de origem das Malvinas, nada absolutamente nada..., o nome das malvinas foi por as pessoas terem hábitos fecharem as portas e ficarem com as chaves e andarem sempre a chamar os bombeiros para abrir as portas, como havia a guerra nas Malvinas e havia ali naquela altura aquela confusão uns com os outros, acabava por ser batizado pelos próprios bombeiro. As pessoas que vêm ficam, não há ali grande mobilidade, as pessoas vão ficando...

E – E a comunidade de etnia cigana, pode contar-me como foi e como é atualmente.

e – A comunidade de etnia cigana no bairro das Saibreiras é recente, há muito pouco tempo, os mais antigos há 7 anos, foi quando o meu marido faleceu, portanto há 7 anos e já saíram e agora voltaram a vir, estão há 7 anos, e nunca tinha havido, agora é que já estão a vir para cá, são umas 4 ou 5 famílias, mas tudo há 5 anos pra cá, são recentes em relação aos outros, mas não há problemas com eles, não, para já, não, se há é entre eles, a raça deles, não dão mau ambiente ao bairro, mas é diferente .

E – Então não eram eles que metiam «burros» nas banheiras como se dizia (rir)?

e – Não, isso não, podiam trazer com eles alguns animais que tinham, mas não... porque não eram, não havia naquele tempo aqui a comunidade de etnia cigana.

E – Há câezinhos, há muitos pássaros...

e – Sim, cães há! Por vezes têm mais cães do que família, muitos pássaros também.

E – Ao fazer a minha observação direta sobre as Saibreiras apercebi-me de que há uma diversidade habitacional na zona envolvente do Bairro das Saibreiras.

e – Sim, a cooperativa foi outra coisa, a cooperativa foi feita pela CP, em que na altura era para ser para os ferroviários inicialmente, e depois foi alargando para mais pessoas, a cooperativa é independente das Saibreiras, não tem nada a ver com o bairro das Saibreiras.

E – Não, é bem isso que eu quero dizer, eu gostaria era que me falasse do lugar das Saibreiras e inclusive o bairro de habitações sociais.

e – Sim, o lugar sim, é, a rua de trás também é a rua das Saibreiras, o lugar é toda a questão e que o bairro é à parte, mesmo as pessoas quando foi posto o nome de Saibreiras ao Bairro queriam fazer uma divisão, não queriam que o bairro se associasse à cooperativa, naquela altura houve muita confusão, mas acabou por ficar tudo igual, soubesse conciliar o problema; as pessoas que pertencem à cooperativa já têm outro modo

de vida, são pessoas que monetariamente têm muito mais condições, são pessoas que vivem do trabalho, de reformas boas, de trabalhos bons, não aí a cooperativa é diferente!!

E – E os jovens onde e como é que eles ocupam os seus tempos livres e com que atividades.

e – Muito pouco...hum...tempos livres...pois..., mas ainda assim quando são convidados pelas associações e o café, não vejo mais nada!

E – A senhora aqui está bem colocada para perceber quais são as fontes de rendimento dos jovens e das suas famílias, podia-me falar um bocadinho destas fontes de rendimento?

e – Trafico...não vejo...se começar ali no bloco 1, não há uma pessoa que trabalhe, no 2, igual, no 3, no 4, e tudo, pode haver uma pessoa ou outra pessoa que trabalha...

E – Jovens e menos jovens?

e – Os mais velhos estão na reforma, os mais novos...ou segurança social ou...não vejo mais nada!

E – E o que pensa da qualidade de vida destas pessoas, ou seja, jovens e familiares.

e – Mal!!! Vivem, têm dificuldades, porque não sabem fazer uma boa gerência do pouco dinheiro que têm!! não fazem uma boa gerência, não há... quando têm gastam tudo, enquanto há, há, quando não há, acabou...

E – Mas eu já me apercebi que a Senhora aqui, ajuda bastante as pessoas a resolverem certos problemas do dia a dia e também lhe confere um grande apoio moral interagindo com as pessoas.

e – Sim, sim, tem sido ajudar como por exemplo, a decifrar cartas, a esclarecer coisas que não entendem, pois têm poucas habilitações, outros nem sequer sabem ler, outros se sabem é muito pouco, e tem que se ajudar a tentar, como se diz a decifrar aquilo que vem escrito, porque muitas vezes não entendem as palavras, não é? e às vezes uma confusão numa coisa tão simples que é só ajudá-los a desenvolver...

E – Mas, ajudá-las nisso, já é para as pessoas uma grande ajuda, não acha?

e – Sim, muitas vezes dá-me impressão, que, estou a fazer o trabalho de uma assistente social (rir) mas...

E – Mas as pessoas sentem-se mais à vontade consigo.

e – É...a que ponto somos humana e moralmente...ainda ontem à noite uma senhora chegou aqui com uma carta e pediu-me para ler, li ponto por ponto, isto não tem nada...isto é para a função publica...é preciso ler...e mais nada... é quase como quando

recebem a carta da água...diz lá assim...se deixarem passar tal data – pagam o consumo da água mais... pelo...tento ajudar, porque certas pessoas não têm cultura nem estudos suficientes para compreender estas coisas, nem sequer uma fatura...

E – O que acha que devia ser feito para que fosse melhor e houvesse uma mudança positiva para estas pessoas?

e – Deviam ajudar doutra forma e não voltar a trazer as pessoas em dificuldade principalmente os jovens para o mesmo sítio?! Porque quando voltam, passado pouco tempo voltam a cair na mesma teia, na mesma situação em que estavam antes; deviam criar estruturas novas e apropriadas para a sua reinserção social, sei lá? Arranjar outros centros e outras convivências, porque se voltam para o bairro, voltam a cair na mesma situação porque são unidos, há miúdos presos de 18 anos, e voltam a estar presos aos 30 anos e tal!!! Porque vêm e voltam a cair no erro; devia-se reagir?! E tentar encontrar outras soluções, e quanto a isso também se devia criar outro projeto para eles um projeto de vida e irem para outro sítio?! Sei lá... arranjar maneira de os integrar numa nova vida.

E – Eu apercebi-me que todas as atividades culturais que se faziam aqui no bairro das Saibreiras, já não se fazem, aqui acabaram essas atividades, embora elas continuem, mas mudaram-nas para outro lugar, pode falar-me um bocadinho desta mudança?

e – Sim, não há nada!!! E já não há quem pegue no que havia, o que havia acabou! Eles faziam aqui no bairro muitas atividades, como por exemplo as marchas de São João, peças de Teatro, dança, música, costura...era tudo muito animado! Mas chegou a uma certa altura e não havia dinheiro para continuar! Era feito com o dinheiro dos próprios formadores, até ficarem endividados; não tiveram cobertura...quer dizer, não deu para as despesas... e ficaram todos cheios de dívidas, eram eles que tinham de as pagar, não é? não havia apoio de lado nenhum...fazer uma festa, toda a gente gosta muito?! O pior é depois...tudo isso dá muita despesa, e dá muito trabalho, e faz falta dinheiro, não é?

E – Mas o que dizem nas Instituições não é isso? Fizeram das Saibreiras um bairro maravilhoso que toda a gente quer ir para lá.

E – Hum...é?! mas foi pena!!! Foi pena porque essas festas e essas práticas culturais, sem dúvida que faziam bom ambiente!! Criava ali uma animação, um interesse, porque vinha muita gente de fora ver o espetáculo!!! Criava ali um certo... criava ali um desenvolvimento diferente...as pessoas gostavam muito, mas claro que organizar assim essas festas... eram três senhores e tinham que por tudo eles desde o vestuário, outras

coisas que faziam falta, até à organização final...era tudo feito e pago por eles...e claro...no fim, ficaram endividados!!! Como já lhe disse eram três Senhores...um já faleceu e os outros dois que existem, estão doentes, um está em casa com psiquiatria, a mulher nem o deixa quase sair, porque não tem conta dele, e o outro também... é assim!!! desgastaram a sua própria família, mas fizeram os possíveis por integrar os jovens numa maior proximidade para os ajudar a sair dos seus problemas, porque é neste convívio de praticas culturais que podiam ser encaminhados para uma melhor e mais saudável integração, mas não?! quem diz que ajuda, como se costuma dizer, quer ficar bem na fotografia, não é? por exemplo eu faço parte de um grupo em que tomamos conta da procissão no dia 12 de maio, não havia ninguém que quisesse tomar conta do bairro das Saibreiras para organizar a procissão, pois nos juntamo-nos três, e fizemos ali uma procissão linda!! E não há confusão nenhuma, corre ali tudo bem, tudo organizadinho juntos!

E – Acha que o bairro devia ser mais apoiado para promover estes encontros interculturais dentro do próprio bairro?

e – Claro?! Neste caso nos não temos apoio de ninguém, nenhum, temos apoia das pessoas, não é? o apoio dos vizinhos... o que é bom... o meu marido dizia – vamos lá?! A ver se os tiramos de casa?! Trazê-los cá para a rua...e era verdade! Naquela hora, saia toda a gente à rua...há ali uma interação saudável entre todos; e faz com que as pessoas falem...para o outro dia, todos contam o que viram e como se passou...correu muito bem!! e tal... e é motivo para conversas as pessoas falam entre si... E) Obrigadíssima!

Anexo 12 – Entrevista nº 6

Lino e Sofia, Entrevista, 6

21 de março 2019, CJ

Hora:14h30

Duração: 31m 51s

E – O meu nome é Lourdes Gomes, querem que me apresente outra vez?

e – Não! Não é preciso, já se apresentou quando nos enviou o seu email.

E – Então podemos começar?

e – Sim, sim, então depois de ver o seu guião de entrevistas, entre estes quatro grupos ficamos então nas instituições e nos grupos técnicos e formadores, ok? Nos como técnicos da juventude, não é? E uma das nossas missões, no fundo, é prestar conhecimentos, é promover as valências que a Casa da Juventude oferece aos jovens, não só aos jovens que vivem como a minha colega estava a dizer em *empreendimentos sociais da Câmara e municípios*, mas aos jovens em geral e de acordo com a equipe, não é? E as respetivas instituições. A Casa da Juventude faz parte de um serviço ou de uma divisão que se chama *divisão de cidadania e juventude*, ok? Portanto aqui, é titulada pelo..., já percebi que conheceu o Dr. Orlando Rodrigues, *variador que tutela esta divisão*. Temos aqui na Casa da Juventude que é o ... divisão que é também o Dr. Orlando *o variador da juventude e da educação*, também, e também já percebi que conheceu a Dr. Manuela Duarte que *é a variadora da ação social*, foi bater às portas certas, desculpe-me a expressão, realmente esta questão que está explícita, não é? Terá tudo a ver com a *ação social e com a educação*, porque eu na altura, quando me ligou, e me fez uma descrição sucinta, não é? Do projeto e do que pretendia, eu disse-lhe logo... eu acho que isso tem mais aspeto de ação social, não era no fundo estar a sacudir a responsabilidade, mas era mesmo sobre o que me descreveu, não é... se me vai perguntar o número de jovens que...

e volto a referir aqui, os jovens que vivem nas Saibreiras, porque foi o que eu quis compreender, nos não temos esses dados, mas trabalhamos com os jovens em geral, mas não há estatísticas, são todos tratados com o mesmo carinho

E – Querem dizer que todos recebem o mesmo apoio, e participam todos nas mesmas atividades?

e – Sim, sim, tratamos todos iguais sem discriminação alguma.

E – Mas, eu também não pretendo abordar o problema da discriminação, ou seja, entrar nessa problemática.

e-Bisⁱ – Nos nossos serviços são característicos a que todos os jovens tenham a mesma oportunidade.

e – Nos aqui na Casa, temos *o consultório jovem*, e neste consultório é onde fazemos atendimento aos jovens, nomeadamente aquelas ofertas internacionais de que a minha colega falou, herasmus..., nos fazemos parte de uma *rede* que se chama *Eurodesk*, é uma rede que no fundo promove ofertas para os jovens, estamos a falar *de voluntariado*

internacional, ofertas de intercambio, há também interação de jovens cheveling, não sei se sabe o que é?

E – Não, não sei, mas gostaria que aprofundássemos mais as culturas urbanas, pois como já temos conhecimento de que os problemas urbanos são problemas mundiais, como o senhor está a querer referir, só que o meu foco é mais a nível local.

e-Bis – Então fale das nossas valências aqui.

e – Sim, sim, então Lurdes, nos aqui no nosso consultório, temos na nossa Casa da Juventude, não é? Como disse, temos também além do consultório jovem temos *o consultório da saúde* onde realmente disponibilizamos uma *rede de valências*, não é? Desde o aconselhamento nacional ao acompanhamento internacional, jurídico, fiscal, jovens que não estão tão alerta, e que precisam de esclarecimento, nos temos técnicos especializados nesta área que podem dar um esclarecimento a esse nível, além disso temos também apoio ao associativismo nas escolhas, vamos em breve também criar um documento que no fundo vai também guiar os jovens que queiram por exemplo criar uma associação recreativa, uma associação de estudantes..., passa por nos a forma como os devemos dirigir para a organização pela qual passa todo esse processo, e onde se devem dirigir para obter todas as formalidades, nos devemos criar esse documento de forma a ser de leitura fácil para eles se poderem orientar, não é? Paralelamente a isso temos ofertas que decorrem *do orçamento participativo jovem*.

E – Gostaria que me explicasse um bocadinho o que é o orçamento participativo jovem não percebo bem.

e – Pronto, eu explico, o orçamento participativo jovem é uma outra valência que o *município*, oferece através de..., é gerido pela *nossa divisão*, na prática é..., o município disponibiliza uma *verba do orçamento anual da Câmara*, para projetos que chegam até nos, assim, através dos jovens, não é? Uma ideia nos já vamos este ano para *a sexta edição*, e este ano vamos ter 150 mil euros, para estes projetos, não é? Cada projeto tem de ter o máximo 10 mil euros, para que possa ser executado, uma particularidade deste orçamento participativo, aqui no nosso caso é que é um bocadinho diferente dos outros que estão implementados noutros municípios, porque começa um pouco mais cedo, portanto, nos começamos a trabalhar e a pedir este projeto para os jovens a partir *dos 6 até aos 31 anos*, são como a Isabel disse, e muito bem, são projetos, estes projetos chegam

até nos, aos jovens, temos de aferir a viabilidade, como legalmente podem ser implementados, portanto uma série de processos que depois...

E – Posso interromper um bocadinho?

e – Claro.

E – Esse projeto está incluído nas políticas públicas socioculturais de desenvolvimento local, não é?

e – Obviamente, quando o senhor *Presidente* disse: vamos ter um *orçamento de participação no Concelho*, obviamente que ele tem em mente questões como a *juventude*, questões de *mapas de citação*, como a minha colega disse, e nesta Casa há uma divisão do orçamento participativo, mas a ideia é dos outros, não é? Aqui o objetivo é ... portanto é que na prática, e como estava a dizer a Lurdes e muito bem, na prática é muito mais abrangente, não é? E aqui o objetivo é ... no fundo prestar todas as... no fundo apelar à participação dos jovens, dos mais jovens, não é? E o processo de construção de sociedade, claro que, é mais lato e encaixa-se aí na questão da... lá está, nas instituições das políticas públicas socioculturais.

e-Bis – Nesta parte do orçamento participativo jovem, somos permeáveis.

E – Gostaria que me falasse um bocadinho *da forma como ajudam os jovens no domínio da integração socioprofissional* e como os ajudam após a formação para ingressarem no mundo do trabalho.

e-Bis – Nos aqui ajudamos sim, nos temos um projeto que é o projeto que é *o projeto mais emprego*, onde está incluída essa ajuda como forma de integração social, nos temos o projeto “*a tool kit for local authorities*” que está incluído no processo participativo jovem, e este projeto faz a tradução, não só para jovens do Concelho de Valongo, mas também apoia a carreira dos jovens em várias áreas, como por exemplo elaborar cartas de motivação, CV, consultoria... esse projeto aqui, faz parte do consultório jovem, qualquer jovem que estude no Concelho tem acesso a essas valências, e de forma gratuita, basta dirigir-se à Casa da Juventude e pedir uma orientação aos técnicos, que trabalham, são pessoas que têm o seu emprego, o seu dia a dia, mas que disponibilizam tempo, e então nos marcamos uma data, um horário, e o técnico vem aqui à Casa da juventude e faz um atendimento personalizado com o jovem, faz as perguntas que quiser, o técnico está aqui com o jovem 1h ou mais, e não há limites de marcações, o jovem pode cá vir fazer a marcação nestas áreas, *e todos lhe vamos dar a informação de que precisa*, e também

temos o consultório da saúde, que lhe vou descrever sucintamente é para jovens portadores do *Cartão Jovem Municipal*, que tem a validade de 1 ano e o custo é 10E, com tudo incluído, os jovens que tiverem o Cartão Jovem Municipal que *oferece todas as valências nacionais e europeias nas Concelhias, oferece seguros, um seguro de vida e um seguro de acidente viagem e dá-lhes acesso a consultas e exames médicos gratuitos no Hospital de S. Martinho.*

E – O que acaba de informar, é sem dúvida um grande impulso a nível de integração social, não é verdade?

e-Bis – Sem duvida, qualquer jovem que venha à Casa da Juventude, fazer marcação, nos fazemos no Hospital de S. Martinho, porque, ou para não estarem a mobilizar recursos médicos e depois não aparecerem, e sem essa premissa do C. Jovem Municipal que lhes dá muitas outras vantagens, *nos fazemos aqui a marcação*, mas as consultas são no H. de S. Martinho. Agora, no consultório jovem não precisa de ser jovem municipal, qualquer jovem tem direito de forma gratuita, e tem todas essas valências está aqui explicito o Eurodesk, se quiserem os jovens têm todos esses apoios.

E – Gostaria também que me falasse um bocadinho da afirmação pessoal dos jovens em sociedade, ou seja, a afirmação da sua identidade própria, apos terem terminado a sua formação socioprofissional e o início de promoção das suas histórias de vida.

e-Bis – Sim, sim, por isso é que o EM, ou seja, o projeto *emprego mais*, tem para esses jovens, ou seja *proporciona aos jovens 5 sessões de acompanhamento gratuito*, tem... cuidados especializados para ajudar na procura de emprego, como por exemplo psicologia...

E – E uma vez a sua *estabilidade consolidada*, de uma certa forma, através da atividade profissional, mas também outras atividades socioculturais, acha que facilitam a sua integração social.

e-Bis – Nos pensamos que sim, tentamos ajuda-los nesse sentido, e com esse *acompanhamento jovem*, acaba por entrar num *conceito* com muito mais abrangência, consegue ajudar, porque nos temos muitos jovens no Concelho, isso aí, se esses jovens depois desse *arranque inicial*, não se sentirem capacitados, têm de continuar a serem acompanhados, mas se calhar numa ajuda mais especializada, noutra área, será a psicologia, ajuda psicológica, coaching, não é?

E – Sim, sim.

e – Pois o nosso objetivo é... como por exemplo, um jovem que está aqui integrado no Concelho, se está numa associação, se faz parte de uma coletividade, obviamente, que isso cria um sentimento de pertença, não é? E vai ao encontro da sua questão, obviamente que é tudo isso em que nós entramos, não é? Nos esclarecimentos, nos apoios que damos para a integração, não é? Nas *valências novas* que temos, entre o nosso papel – no fundo estamos a oferecer aos jovens *ferramentas* para que eles se possam integrar naquilo que lhe dá a possibilidade de se sentirem e pensarem: “*este é o meu espaço!*”, “*eu identifico-me com Ermesinde, Alfena, Campo, Sobrado, Valongo!*” É bom identificarmo-nos com o espaço onde moramos! E esse é o nosso papel como técnicos, não é?

e-Bis – De abriremos janelas, mostrar onde podem ir buscar ajuda.

e – Claro!

e-bis – E vamos ter agora *um mês – uma semana e um dia, vamos fazer um festival da juventude, em parceria com a Junta de Freguesia de Ermesinde e Concelho de Felgueiras, que vai ser o workshop jovem, que vai desde o mês de maio até junho, muitas atividades e é tudo gratuito, por isso para os jovens das Saibreiras, para quaisquer jovens de outro bairro social, são todos recebidos com o mesmo carinho, durante todas as atividades no Concelho de Valongo.*

e – Exatamente, para criar esse *sentimento de pertença*, não é? Porque nesta freguesia teve durante muitos anos, *teve este problema*, que era por parte dos *Municípios*, os *jovens*, não é? *As pessoas trabalham no Porto e moram aqui*, portanto não havia aquele sentimento de pertença, aquele... não é?... não havia..., esta freguesia era vista como um *dormitório*, alias, Ermesinde era conhecido como um *dormitório*, não é? E é essa ideia que nos queremos *combater*, e inculir cada vez mais nos jovens que temos exemplos como *Saibreiras bairro de artes*, que eu vi que já se apercebeu...

E – Sim! Ficou *Saibreiras bairro de artes*, só que as atividades artísticas já não se fazem nas Saibreiras, a sede mudou para outro sítio fora do bairro.

e – Eu creio que ainda continua.

E – Não, *o grupo Cabeças no Ar e Pés na Terra* – como um grupo dentro de uma associação cultural, continua a existir, mas o atelier já não é lá, nas Saibreiras.

e – A sede sim, podia ter mudado, mas eu acho que o projeto ainda continua.

E – Esse projeto terminou, por falta de financiamento, mas o grupo está incluído noutra projeto, apoiado pela Câmara Municipal, e estão a tentar trazer todos os jovens para o mesmo grupo.

e – Exatamente! (rir, todos rimos), bem, eu, não sei, mas o H. que é ele o impulsionador, e está a fazer! A tentar, ou está a trabalhar para que os jovens, ou seja, que esse *projeto transcenda, não só aos jovens, mas também aos moradores...*, eu conheço na diagonal o projeto, mas é muito interessante, entendi que ele aferiu ali, e muito bem...

E – Sim, sim, mas o projeto que o senhor H. S. inicialmente implementou, teve de acabar por falta de meios financeiros, segundo tive conhecimento, mas havia ali um grande empenho profissional e humano por parte do senhor H. S. em continuar, pois foi ele que assim denominou o bairro - Saibreiras bairro de artes.

e-bis – Pois, não havia..., ainda temos mais um equipamento, que devia visitar, foi criado um Centro de cidadania digital, que permite aos jovens que queiram trabalhar numa área ou nalgum projeto, beneficiarem de um espaço com internet gratuitamente e com computadores e meios para trabalharem, podem ir sem obrigatoriedade, independentemente dentro do horário que esteja aberto, não têm horas marcadas, vão quando quiserem, e aqui, também temos o espaço internet.

E- Sim, sim, com certeza.

e – Ó Lurdes, nos ainda temos mais uma ferramenta que pode ser interessante para completar o seu trabalho, nos há pouco tempo elaboramos uma *Carta Concelhia da Juventude*, sabe o que é?

E – Não!

e – Isto no fundo é um documento onde está vertida toda a informação sobre jovens, empreendimentos, espaços culturais, espaços recreativos, tudo que seja ofertas do Município vocacionadas para a juventude, está descrito neste documento que nos chamamos Carta Concelhia da Juventude. Eu aconselhava a vir aqui, pronto..., tem de ir à internet?! (rir)...

e-Bis) – Nós podíamos imprimir e dar-lhe, mas tem 185 páginas! E não permitia imprimir tudo! São muitas! Mas pode consultar e ver o que lhe interessa.

e – Mas é muito válido, fala lá, não só *no empreendimento das Saibreiras*, mas também do bairro..., todos os empreendimentos estão lá relatados...

E – Nas Saibreiras os dados que eu recolhi *via web*, para fazer o diagnóstico logo no início do meu projeto de dissertação, apercebi-me quando comecei a fazer observação de campo, que já não estão atualizados, pois não há assim tanto tempo, porque foi em 2015, *o que existia em 2015, já não existe hoje na realidade e na prática, mas ainda continua a estar nas informações via web!*

e – Sabe que os projetos também têm um *processo próprio*, declaração, concretização, e depois alguns projetos deixam de existir, como o que a Lurdes está a dizer, de facto já não existe.

E – Não, já não existe, *foi um projeto financiado pela EDP*, acabou, mas não deixou de ser muito interessante, porque foi a partir desse projeto, que outros novos projetos surgiram e que levam à mudança através da inovação.

e – Claro! Mas ó Lurdes, esses dados de que nos está a falar, já os recolheu em 2015?

E – Não?! *recolhi-os no passado mês de outubro*, até assinalei isto ao Presidente da Junta de Freguesia de Ermesinde, tendo insistido que ainda estavam atualizados, mas não estão, e disse-lhe porque é que os não atualizavam a informação.

e – Muito bem, muito bem.

e-Bis – Claro, porque essa Carta da Juventude, fica muito bem estruturada, *porque pode ter algo relacionado com os jovens, e podem dar a sua opinião sobre o que é preciso na Concelho, e este documento reflete a ocultação feita aos jovens do concelho..., é muito bom para ver a que ponto a informação é importante.*

e – E é muito bom para os estudos que quer fazer e é muito mais abrangente, *no fundo, é um espelho do Concelho neste momento, tem de ir aqui ao site da Câmara, e depois pesquisa, se quiser pode levar mais esta informação.*

E – Sim, sim, vejo o que me interessa e depois filtro, obrigadíssima.

e – Lurdes, foi um gosto, naquilo que precisar, peça..., está bem.

Anexo 13 – Entrevista nº 8

Frederico, Entrevista, 8

28 de março, 2019

Hora: 9h30

Duração: 53m 23s

E – Em primeiro lugar agradeço-lhe imenso a sua disponibilidade e aceitação do meu pedido de entrevista, o meu nome é Maria de Lurdes Gomes, estou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto a fazer o Mestrado em Sociologia e o tema da minha Dissertação é: Os Jovens de Habitação Social. Agora coma já lhe tinha dito, fiz um diagnostico sobre o Bairro das Saibreiras logo no início do meu trabalho, fiz observação direta e pesquisa via web e foi aqui que eu conheci o Senhor, quando apresentou na Comunicação Social aquela reportagem em 2015 sobre o Bairro das Saibreiras

e – Sim, sim

E – Como acabei de lhe dizer que quando fiz diagnostico sobre o Bairro das Saibreiras, apercebi-me que apostam pela inclusão e interação social a partir das Artes.

e – Sim.

E – Então, gostaria que me dissesse porque é que Saibreiras é Bairro de Artes, mesmo sabendo que esse projeto terminou.

e – O projeto em si, começou porque *nós Cabeças no Ar e Pés na Terra* foi mesmo para o espaço, tinham-nos cedido o espaço pela Câmara mesmo lá no bairro das Saibreiras. Era uma sala para nos termos lá os materiais para o espetáculo, basicamente, fotografias, tudo, para o nosso espetáculo *e não havia nenhuma área social não tínhamos com que fazer absolutamente nada em relação às Saibreiras mesmo*. O que aconteceu é que já tínhamos tido experiencias noutros espaços que não funcionava, termos um *espaço* numa *comunidade* quando essa comunidade nem sequer sabia quem nos eramos, então a ideia foi – tratarmos com a comunidade de forma a saberem quem nos somos, o que nos fazemos, a *arte*, para que serve a arte, porque há gente que pensa que a arte não serve para nada. E então ao chegarmos lá, comecei a tentar perceber quem eram as pessoas que viviam lá, quais eram os problemas, falei com a senhora S. B., fizemos assim uma espécie

de levantamento teórico do que seriam as necessidades daquelas pessoas, e percebi cedo, eu, também, o meu histórico, eu também nasci num bairro no Porto, também, sempre tive esta noção de que as pessoas, do bairro, é difícil mudar o próprio bairro, em que as próprias pessoas do bairro...porque existem muitos jogos de poder dentro do próprio bairro... mas sabia perfeitamente que pessoas de fora com uma certa energia podiam mudar o bairro, eu percebi que vários colegas nossos não eram talhados para esse tipo de trabalho de bairro, porque alem de ser um trabalho artístico é um trabalho pessoal e tem que haver uma ligação emocional com as pessoas que estão a participar nas atividades, crianças, jovens, seja quem for, idosos...e nem toda a gente está talhada para isso para ter essa disposição, nem *disponibilidade* para tentar saber quais são os problemas das pessoas, *tentar saber se há alguma solução para aqueles problemas e fazer o mesmo trabalho artístico em si.* Então desenhei um projeto – Saibreiras Bairro de Artes – para trabalhar sobretudo com crianças e jovens.

E – Foi o Senhor que criou esse projeto?

e – Sim, sim para começar com crianças e jovens em primeira instancia e depois percebemos que era uma falha trabalhar só com crianças e jovens sem trabalhar com os idosos, e dou um caso muito simples – uma criança estava lá a trabalhar connosco e chegou, pôs uma lata de coca-cola, e quando começou a dança, bebeu e atirou com a lata para o chão, hei! Espera lá? Então atiras a lata para o chão? Estás em minha casa! Mesmo que eu não viva aqui? Eu gosto de chegar aqui e estar tudo limpinho! E tu de certeza também gostas? Não queres chegar a um sítio e estar tudo cheio de latas? Tu não podes fazer isso? Hei, desculpa lá, e agarra e atira com a lata para o jardim ao lado porque já não era ali em frente à casa! Então também gostas de ver o jardim do teu bairro todo sujo? Hei! Desculpa lá, fogo? E agarra na lata de coca-cola e atira-a para o outro lado! Que são casas a custo moderado, *mas que já não pertencem ao bairro das Saibreiras,* são ali ao lado – então para ele já não era o bairro, já era outra coisa! E eu? Também não podes fazer isso? Tens de ir lá buscar e deitá-la ao lixo, porque ninguém gosta de ver as coisas sujas?! Mas os meus pais?! Fazem isso?! Então percebemos aí que havia duas coisas? Primeiro o nosso projeto em que a área era cada vez maior, eram eles e nos, eles começaram a crescer 'não é? Não é só à porta da nossa casa, é um bocadinho o bairro, e a certa altura foi também as zonas envolventes, e ao tirar a coca-cola de onde ela estava para um sitio um bocadinho maior, era ele e eramos nos, e atira para outro sitio que são

peessoas que não estão incluídas no bairro, e aí, ele percebe que também tem de ter em conta as pessoas que não estão incluídas no bairro e ele percebe que também tem de ter em conta essas pessoas, portanto, ele próprio foi crescendo com o projeto artístico e cada vez percebemos melhor que o mundo é um bocadinho maior do que só dentro dele! E a outra coisa foi...¹⁵

E – E o que me está a dizer aconteceu no Bairro das Saibreiras?

e – Sim, nas Saibreiras, isto é tudo nas Saibreiras, esses edifícios brancos mesmo colados ao bairro, não pertencem ao bairro das Saibreiras que faz parte da Câmara, ela é tem, digamos, o controlo do bairro das Saibreiras, obras e tudo é a Câmara que faz, pronto. E a outra coisa que nos percebemos também, foi esse trabalho que nos tivemos com os adultos, porque não adiantava nada trabalhar com as crianças e os adultos a darem exemplos que contrariavam o que nos estávamos a fazer com as crianças, a... pronto e foi o mais difícil para nos; nesse projeto foi o mais difícil porque nos tínhamos projetos de dança, de teatro, de musica, fotografia e as crianças aderiam imediatamente, os adultos tiveram mais dificuldade, sobretudo homens, homens, nos tivemos dois ou três que participavam, de resto não participavam, e as mulheres participavam... às vezes ainda iam à musica e tal... e depois deixaram de ir, participavam mais nas marchas, nas marchas de São João aderiam muito bem as mulheres. Pronto, nos começamos esse projeto, não tínhamos dinheiro nenhum, foi um trabalho de voluntariado, eu comecei por pedir, foi um apoio da EDP, foi um projeto dentro de dois anos, fizemos, pronto, aí foi um projeto apoiado pela EDP, tínhamos que fazer muitas atividades e quase diárias com os miúdos que estavam a trabalhar connosco nessas áreas do teatro, dança e musica e depois fizemos formações de costura para fazer roupas para as marchas de São João e também fizemos uma de fotografia que depois serviu também na formação de fotografia mesmo no bairro, tirar fotografia mesmo com as pessoas do bairro e sobre o bairro em si, e... prontos.

E – Obrigada! E tudo que acaba de me dizer, foi um projeto direcionado para a interação e inclusão social das Saibreiras pela via das Artes?

e – Sim, sim, exatamente, a ideia é de trabalhar a Arte, se nos somos todos pessoas, não é? E a Arte trabalha com a massa que nos é mais característica a todos, não é? Nós sabemos falar, sabemos andar, sabemos mexer, *mas às vezes temos alguma dificuldade*

¹⁵ - As reticencias correspondem sempre a pequenos instantes de segundos de silencio

em comunicar, em nos relacionar com os outros e a arte serve para isso, usamos uma linguagem que não é por vezes o discurso falado, mas é um discurso emocional.

E – A emoção por vezes expressa mais do que a palavra, não é?

e – Exato! *É inato*, as crianças nascem já a saber chorar, a saber rir e é por aí uma outra forma de comunicarmos, não é?

E – Obrigada! Esta questão penso que é importante, mas só me responde o que puder, em relação ao Bairro das Saibreiras visto do interior e visto do exterior, que tipo de preconceitos alimentam os jovens que vivem em habitação social em relação à zona envolvente porque eu já me apercebi que é um lugar onde os níveis sociais diferem um bocadinho e se existe realmente uma interação social entre todos.

e – Sim, claro, aquilo que nós sentimos, eu moro mesmo nas Saibreiras, a minha casa é nas Saibreiras, sim, o primeiro facto que tive ao comprar a casa, confronta-me com essa palavra Saibreiras, porque não sabia bem o que era, foi que a vendedora da casa, disse-me...estão aqui ao lado das Saibreiras! mas as pessoas aqui nunca tiveram problemas aqui à volta. Então implicava que havia ali um bairro, existia ali qualquer coisa problemática, mas que as pessoas à volta nunca tinham tido problemas, o que quer dizer que não tivessem de quê? É assim o primeiro preconceito – é que o bairro é um sítio problemático, e, que há ali um problema que está latente. Pronto, esse é o primeiro preconceito que encontrei quando vim par o bairro das Saibreiras quando cediam para nós esse espaço no bairro das Saibreiras, quando começamos a conhecer essas pessoas. O primeiro levantamento com as pessoas foi mesmo esse, foi tentar perceber como e quais eram os preconceitos que existiam em relação ao bairro, o que as pessoas sentiam em relação ao bairro. *Nós começamos o espetáculo do teatro mesmo sobre isso, os preconceitos que as outras pessoas tinham. Havia preconceitos que as pessoas cultivavam vegetais e tudo nas banheiras, que as pessoas tinham levado burros para dentro de casa, que tinham levado animais e que habitavam com outros animais sem ser o cão e o gato, outros animais e que levavam porcos e não sei quê... e sobre a criminalidade também extrapolavam toda a informação que havia sobre a criminalidade.* Havia realmente um período em que havia vendedores de droga lá, e houve rusgas mesmo a Policia entrar nalgumas casas a meio da noite a...mas era um problema efetivamente controlado, estava identificado, mesmo na altura em que estávamos a trabalhar lá entravam em casa das pessoas, mas elas ficavam presas mesmo, fui mesmo à prisão a ter

com uma mãe de uma das miúdas que fazia as nossas atividades, *fui mesmo falar com ela e pedi-lhe para mandar uma carta à filha, que era para criar aquela relação emocional, para perceber o que era a mãe estar presa, foi a primeira vez que fui a uma prisão!*

E – E era uma rapariga, uma jovem?

e – Sim, sim, e ela estava presa e eu fui mesmo lá à cadeia, pedi-lhe para fazer uma carta à filha e pedi à filha para escrever uma carta à mãe, depois no espetáculo, na apresentação, a filha lia a carta da mãe, e isso é importante fazer as pessoas pensar e emocionalmente as coisas passam melhor, o pensamento e a emoção ligados criam a arte, e é outra forma de as pessoas não estarem... as pessoas só a verem-se elas próprias, a pensar em ganhar dinheiro, mas não vêm o que estão a perder, estão presas há muito tempo, não ver a filha crescer, a filha só vai lá de 15 em 15 dias, não está a ver a mãe, a mãe dela é que está a sustentar a neta, e não tem mais suporte, a mãe já está um bocadinho velha, já está idosa, então é supere difícil, mas enfim, o nosso espetáculo ali, era tentar corrigir isso, mas fazê-los refletir e ter em conta o que está a perder o estar ali, não é? Foi curioso quando fui falar com ela apercebi-me que ela tem alguma veia artística! Ah, mas eu faço rap?! Aí é? Então é uma coisa muito boa?! Então não queres gravar uma coisa e mandar-nos? Sim, eu gravo um CD, e peço à minha mãe para te dar. Assim foi, ela gravou um CD e mandou-nos pela mãe, e entrou no espetáculo, e então é, essa forma dos preconceitos, nos tentamos fazer os espetáculos, eles falam dos preconceitos que as pessoas têm em relação a eles e ao mesmo tempo eles mostrarem o que de melhor sabem fazer; não mostrarem que conseguem escrever nas paredes, pegarem numa lata de tinta e escrever numa parede, mas o melhor que podem fazer, agora como é clandestino, eles fazem coisas que não interessam nada a ninguém, falar mal da polícia, falar mal deste e daquele, não interessa a ninguém, mas se quiserem mesmo fazer um workshop sobre pintura, fazem coisas bonitas, é como o rap, ela podia fazer musica com coisas muito interessantes, não é? E então tentamos explorar...então se você tem interesse em pintar paredes, então vamos arranjar isso melhor, vamos conhecer técnicas de pintura, ou se querem musica... vamos perceber como aquela pessoa pode vir a ser um artista profissional, vamos ver como é que vocês podem cantar, ou teatro, vamos arranjar forma de melhorar as aptidões que vocês já têm entre eles, não é? Desses preconceitos mais que nós sentimos, havia preconceitos das próprias pessoas do bairro, de umas em relação às outras – por exemplo havia pessoas que diziam: ai, eu moro no bairro, mas não sou do bairro, porque eu fui

desalojado de uma casa, não sei quê, não sei quê, mas não sou como as outras que estão aqui a viver à custa do Estado e então havia muito esses vários grupos do bairro, então isso para nós era diluir esses grupos e formar com todos um grupo que ficasse a trabalhar connosco, mas qualquer coisa que existia entre elas, umas sapatilhas que achavam que alguém trocava e não tinham o nome deles e achavam que tinham trocado, havia quezílias entre as pessoas que nós tínhamos que resolver e que escapa ao artístico, e tentar resolver questões, *conflitos de historial*, e nós tínhamos que encontrar ali formas que se entendessem para poder continuar o que estávamos a fazer, por exemplo, *nas marchas de São João tivemos sapatilhas a voar e berros, até estaladas, lá dentro nas marchas de São João alguém ao lado disse alguma coisa depois desistiu da marcha, já não cria fazer a marcha, mas pronto...com calma sempre se fez tudo... e às vezes as pessoas têm necessidade de serem ouvidas, isto é uma amostra...*

E – Pois, é o que o Senhor diz... pode haver pessoas com uma riqueza interior a ser explorada, mas se ninguém lhes vier dizer!! E se deixam as pessoas...

e – Claro, e a nossa sociedade está cada vez mais para isso, não é? Não temos tempo para uma pessoa idosa atravessar a rua, os carros começam logo a apitar, não temos tempo para acompanhar um deficiente em cadeira de rodas porque demora mais tempo a subir e descer, fica logo toda a gente impaciente, e estamos sempre a correr, porque temos a ideia de que temos de ser produtivos...., isso atrapalha tudo que é humano, não é? Então esta coisa de estarmos sempre a correr, temos de fazer isto, estamos atrasados, temos de cumprir horário, tudo direitinho, e fazer...

E – Voltando aos preconceitos, então tanto de um lado como do outro diminuíram?

e – O que aconteceu também quando tínhamos lá o projeto, é de que se nós temos preconceitos em relação a eles, eles podem assumir os preconceitos, as crianças assumiam mesmo os preconceitos, vamos imaginar...ah, são todos uns marginais, então, *elas próprias se juntavam de alguma maneira e começavam a insistir de uma forma mais violenta e a serem...mais agressivos para com as pessoas, porque já eram marginais, e nós tentamos trabalhar isso com eles, os miúdos!..., vou dar um exemplo muito simples – fizemos um espetáculo onde entrava muito a noção de consumismo, o que é comprar e vender, comprar coisas que não precisamos, mas sentir-nos bem a comprar coisas. Fizemos então um espetáculo sobre o consumo e era visitar e entrar em vitrinas nas lojas de Ermesinde, já era a parte como trabalhávamos no Bairro das Saibreiras e já era a parte*

de trazer os miúdos para fora do bairro e assim entrávamos nas lojas e eu falava com as pessoas – olhe vamos fazer uma peça de teatro, vamos passar por aqui dois dias e gostávamos de preparar uma cena com os miúdos do bairro das Saibreiras para trabalhar connosco e que vêm... vão pintar a cara, vão pintar o cabelo, e nós temos musica lá fora para acompanhar esta coisa, e os miúdos foram percebendo que ao tratarem bem as pessoas, as pessoas também os tratavam bem a eles! Na primeira vez iam logo para a vitrina... eu dizia-lhes – desculpem lá, mas vocês não podem fazer isso!! Não podem entrar em casa das pessoas assim! Perguntem primeiro se podem ir para a vitrina? Oh...está bem, pronto... então a pessoa começava a falar com eles, e eles perceberam que as pessoas os tratavam bem como eu?! Era uma coisa normal, boa tarde, és do bairro? Sou, então vais fazer o teatro? Aí que excelente! Não sei quê... eles começavam a ficar mais sorridentes e menos fechados ... diziam – boa tarde, tudo bem? Posso ir para a vitrina? Podes...entravam já todos contentes, e a partir de uma certa altura, estivemos numa florista que estava a trabalhar connosco, a florista até lhes oferecia flores, o grau era de eles perceberem de não estarem à espera de que a florista lhes desse flores, mas eles darem também, e se calhar se eles derem, se calhar também têm coisas em troca, porque uma das coisas é que eles estão sempre à espera que sejam os outros a darem, se não derem nada, também não recebem nada; primeiro falavam com eles, queriam saber coisas sobre eles, e em último caso, até receberam, mas não era esse o interesse, era para tratarem bem as pessoas e tratarem bem as pessoas era também eles serem tratados bem, e isso foi o desfazer essa mistificação do preconceito... ah! São pessoas do bairro!..., não vamos falar com elas, nem vamos..., não?! Foi exatamente o contrário: desconstruímos isso e inclusive as lojas de roupa que..., são caras, lojas caras que têm clientes que não são propriamente pessoas que vivem no bairro, não é? Mas desconstruímos esse preconceito em relação a essas..., crianças e jovens, porque na realidade são crianças como as outras e como os jovens, não é?

E – Posso fazer uma pergunta?

e – Claro.

E – Acha que o facto de eles assumirem os preconceitos é..., podemos ver isso por um lado positivo ou negativo?

e – Eu, penso que é negativo, os preconceitos nem sempre são negativos, por exemplo vemos uma pessoa com fato e gravata temos o pré conceito, conceito prévio, de que ela

é uma pessoa de confiança, temos o mesmo pré conceito em relação a uma pessoa que está com um capucho e que não lhe vemos a cara e está toda vestida de preto que pode vir a fazer-nos mal, em relação às pessoas do bairro o preconceito é negativo, e porque não são trabalhadores, não sei quê..., e eles próprios assumem esse preconceito, ah..., passam o dia no café..., “pois então vamos gastar dinheiro no café”, muitas vezes assumem como forma de retaliação a esses preconceitos, assumem-nos de uma forma muito mais pesada; havia muita gente que chamava..., quer dizer, havia muitas quezílias ..., chamavam-lhe o bairro das malvinas, então que é que eles fizeram? Os miúdos pegaram numa lata de spray e escreveram *Malvinas* lá numa parede, assumiram o preconceito, aí é? Então agora somos nós..., a passarem a chamar o bairro das Malvinas, e nós achamos que passar a chamar Saibreiras Bairro de Artes, foi a chamar..., que ao mudar o nome..., e a primeira marcha que nós fizemos, fizemos mesmo isso, Saibreiras Bairro de Artes, agora é mesmo bairro de artes, e as pessoas estão diferentes, e se as pessoas acharem..., nós chegamos lá e não mudou nada! Mas se nós fizermos uma marcha a dizer que mudou, as pessoas sentem isso! E sentem que querem fazer parte de uma mudança, toda a gente sente necessidade de fazer parte de uma mudança! E ninguém quer viver numa coisa que ninguém quer ir para lá morar, vai trabalhar, chega a casa, oh! Vai outra vez para casa, aqueles problemas..., e tudo..., ninguém quer, ninguém quer, nenhum deles queria, então ao fazermos música, dizíamos, sim, agora vai rodar, agora vamos trabalhar juntos, as pessoas sentem isso, querem isso e assumem essa...

E – Se calhar já me disse tudo a este respeito, mas o grupo Cabeças no Ar e Pés na Terra, tive conhecimento que trabalhou e ainda trabalha com este grupo, podia falar-me um bocadinho deste grupo.

e – Se quiser eu posso aprofundar mais essa parte, ali o que aconteceu, nós começamos a trabalhar com os jovens nas atividades de teatro, no teatro nos fazíamos atividades nas férias com eles e sobretudo no Natal, fazemos sempre uma montagem, uma peça de teatro. A primeira peça de teatro foi sobre o bairro e sobretudo eles falam dos preconceitos e falam dos sonhos deles, tentar trabalhar que sonhos eles tinham, chamávamos-lhe sonhos do bairro.

E – Tinham sonhos?

e – Tinham, tem, tem, algumas vezes limitados pela realidade que é a deles, que eles não..., é difícil pensar para eles, numa coisa que não..., ou ser futebolista, que os levava

a sair do bairro, *que era um jogador do Porto que tinha nascido lá, que tinha vivido lá, que tinha ido trabalhar para o Porto, então era um dos titulares que eles viram sair do bairro rapidamente e ter sucesso, mas as miúdas era muito cabeleireiras, porque a tia também era cabeleireira*, e depois fizemos coisas de Natal, que não tinha nada a ver, estar a trabalhar a magia de Natal, tentar perceber – mas a questão de Natal entre os jovens, é *acreditar numa certa magia que muitas vezes eles não acreditavam infelizmente*, sempre se deu a hipótese de que os mais velhos destruíam a magia dos mais novos – *é mais fácil destruir do que construir*. Ah! ..., e depois tivemos música...

E – Mas quem é que destruíam?

e – *Os miúdos mais grandinhos destruíam os mais novos* – os mais novos ainda tinham alguma inocência e os outros destruíam sim, porque alguém também tinha destruído a deles *de uma certa forma era geracional sim*; fizemos clubes de musica de forma a que eles trabalhassem musicas já conhecidas, trabalhamos musicas feitas por eles e eles próprios faziam letras e..., musicas para aquilo, e fotografia..., também fizeram um discurso no café ligado à fotografia, e então as pessoas estavam no café e a certa altura..., sentiam-se orgulhosos de aparecer na fotografia e na exposição, e nós como fizemos uma exposição de fotografia do bairro, numa galeria de arte, tínhamos a nossa coleção de fotografia nas portas dos cafés circundantes, fazíamos um papelinho para as pessoas compreenderem..., viam a fotografia delas e ficavam todos contentes.

E – O facto de fazerem parte da exposição da fotografia motivava-as.

e – Exatamente, uma das coisas que foi importante para nós, *foi fazer parte de um Teatro Internacional tínhamos um grupo americano e um grupo espanhol cá...*, e foi nesse festival que eles tiveram aquela atividade nas vitrinas, e eles estiveram em contato com esses grupos e tornou-se muito engraçado porque eles diziam – oh! Sei lá eu falar inglês..., depois alguns deles tinham nascido em Cuba e estavam nos Estados Unidos da América e falavam um bocadinho espanhol e tal..., arrastavam um bocadinho de inglês *e começaram a perceber que são pessoas como as outras*, exatamente como eles e que falavam direitinho como eles e eles também comunicam com eles e o contrario, era reciproco e ficaram todos contentes que havia americanos que falaram com eles e tudo!..., quando é uma coisa naturalíssima, não é?

E – Acabaram-se os preconceitos?

e – De maneira que a dimensão deles, não tem de ser pessoal, nem familiar, nem do bairro, nem da cidade, mas pode ser de outro país, a dimensão deles não acaba ali!!!, porque eles nasceram no bairro não têm de morrer no bairro, é mentira, é mentira isso.

E – Claro, mas tem de ser se assim posso dizer – uma luta constante... acha que o facto de terem saído do bairro das Saibreiras ajudou a criar uma maior interação social com a cidade, ou seja no próprio Conselho de Valongo e com o mundo?

e – Sim, sim, eu acho que sim, saídos do projeto que tínhamos com a EDP, acabou depois este nosso projeto, por falta de financiamento, mas ainda aguentamos mais algum tempo, mais dois anos como voluntariado, havia só uma atividade que trazia dinheiro para a associação, mas essa atividade dava prejuízo, não conseguimos pagar a todos!! *E fomos fazendo um bocadinho por carolice minha e de outras pessoas que estavam ligadas, envolvidas, quando havia contrato nos criamos levar essa pessoa a trabalhar para lá, mas nem todas as pessoas que tinham contrato tinham essa capacidade para trabalhar com as crianças como devia ser, de uma forma mais humana...* e é normal, nem todos temos a capacidade de ser..., pronto, do lado de lá..., e nós como terminamos o projeto não conseguimos continuar mais, pronto..., nós ainda temos lá coisas guardadas, ainda falo com as pessoas, estou lá às vezes vamos lá fazer cenários, até nos ajudam a construir coisas e tudo..., mas não continuamos, e de um certo modo isso foi bom.

E – Não continuaram por falta de verbas, foi isso?

e – Por falta de verbas, sim, sim, porque não conseguimos ter uma coerência com o voluntariado, nunca conseguimos ter uma coerência nessas atividades, às vezes aparecem, outras vezes não aparecem.

E – É aleatório.

e – Sim, sim, e é normal, as pessoas precisam de ganhar dinheiro, e se o voluntário faz um trabalho..., não vai oferecer o seu tempo quando tem outro trabalho.

E – Claro, não são pagos, não pode haver aquela continuidade, e a partir do momento em que houve o problema de falta de verbas para poderem continuar e que levou a que saíssem das Saibreiras, criaram outra dinâmica, quer dizer, onde estão agora que é uma Associação cultural, designada por Cabeças no Ar e Pés na Terra, é isso?

e – A Cabeças no Ar e Pés na Terra, já existia, é um grupo profissional que já tem 10 anos agora, já tem 10 anos e nos já existíamos, já estivemos em Alfena, não tínhamos espaço, guardávamos os materiais na minha garagem até... depois fomos para Alfena

trabalhar lá, quando nós fomos para as Saibreiras, quando nos ofereceram esse espaço em troca dos espetáculos, não é? Porque nunca é gratuito como todos os lugares públicos decidimos de fazer atividades gratuitas para as pessoas, para termos esse espaço, era uma espécie de aluguer, mas em género, era uma forma de pagamento de renda *é que decidi criar lá – Saibreiras Bairro de Artes, mas bairro de artes era um projeto dentro de uma Associação cultural Cabeças no Ar e Pés na Terra.*

E – E agora têm mais quem os ajude a continuar em frente, financeiramente agora tem um bocadinho mais de apoio que não tinham nas Saibreiras? Quero dizer, estão melhor que antes?

e – Quer dizer, são coisas diferentes, nós na altura tínhamos o grupo de atores profissionais, fazíamos teatro profissional, fazíamos teatro amador, e fazíamos formações com crianças fora do Bairro das Saibreiras, e tínhamos atividades ligadas à ação social que era o bairro das Saibreiras, esse projeto caiu porque não tínhamos financiamento para continuar, todos os outros projetos continuaram e começamos a evoluir mais e com mais apoios, e mais vendas sobretudo, mais vendas de espetáculos profissional, amador e das formações de crianças, fomos continuando a fazer, aquele infelizmente não subsistiu, o que fizemos também, ligamo-nos ao Centro Social de Ermesinde, e temos outros projetos também ligados à Câmara noutros bairros que é O meu bairro não tem paredes.

E – Não percebi bem, mas gostaria de saber se a Câmara os ajuda agora nos vossos projetos.

e – Sim, são apoios diferentes... claro, claro... nós nem vemos como uma questão de apoio, foi ao grupo em si, apoio aos projetos, é dinheiro que entra para nós, mas nós estamos a trabalhar para aquela comunidade, não é?

E – O projeto é feito por e para a vossa área?

e – Exatamente, o projeto é... Saibreiras Bairro de Artes, nasceu de nos, houve uma certa dificuldade para os amigos nos apoiarem, porque depois há aquela coisa das associações então estão a apoiar aquelas e não nos apoiam a nós; então aquela coisa das associações...apoiam aquelas e não nos apoiam a nós... mas pronto o que havemos de fazer, mas nunca tinham pensado num projeto deste género, nos chegamos e fizemos!!! O dinheiro que entrava era mesmo de apoio, da Câmara entrava zero; nunca tivemos dinheiro nenhum da Câmara, o que é que acontecia – nós concoríamos por exemplo às

marchas e qualquer associação que concorresse às marchas tinha 1500E para fazer as marchas, para vestir 80 pessoas, e isso nunca chegava!! e até cheguei a falar com outras associações, e perguntei-lhe como é que faziam com 1500E? umas alugavam as roupas, nós mandávamos construir as roupas tudo direitinho à medida das pessoas, e outras eram as pessoas que pagavam as roupas, as próprias pessoas pagavam as roupas, eh pá!!! Eu não posso fazer isso!!! Não poço fazer isso! mesmo porque não era o princípio as pessoas participarem assim!!! Só no último ano é que as pessoas compraram as sapatilhas que depois ficaram para eles, ficava para eles... eram sapatilhas que eles queriam comprar... de resto, nunca..., tivemos prejuízos por causa disso, nunca chegava!! Nós criamos fazer qualquer coisa em condições – alto! Tirar-me as medidas!... chegava a uma loja compram uma roupa, e serve ou não serve, mesmo que seja um bocadinho mais larga, mas alguém que tire as medidas e ficar direitinho, vai ficar!!! E para eles era!..., quem é que nos tirava a medida para fazer uma roupa para nós!!!

E – Só a burguesia é que mandam fazer roupa por medida, não é?

e – Exatamente, o facto de ter corrido bem, é que nos convidaram para os outros bairros, embora convidassem outras associações, mas para entrarem..., entrarem nessa política... tentar dividir entrarem todos nesse trabalho... interagir.

E – Apercebi-me que interagem nas diversas praticas culturais, gostaria que me dissesse se nessa interação intergeracional, tanto da parte do publico espetador como da parte dos atores que protagonizam o espetáculo há uma apreciação positiva, mútua, e convivial em geral.

e – Sim, sim, de uma certa forma quebramos alguns preconceitos, não diria, mas modos de operação, vamos operando, por exemplo o que eles sentiam em relação aos jovens, sentimos muito que quando estávamos a trabalhar com as gerações todas juntos nos espetáculos do teatro, os adultos sentiam que tinham poder sobre as crianças, então as crianças não podiam fazer isto, não podiam fazer aquilo, que eles chamavam logo atenção, e ali o que trabalhamos muito com os adultos, foi... olhe... vocês não podem, não podem chamar atenção! Temos de ser nós! Vocês não são tios, não são família, *vocês são atores está a fazer um espetáculo, ele é um ator, também está a fazer um espetáculo, o que para vocês pode parecer erro, para nos é uma maneira de construirmos um espetáculo, portanto tem de ser nós aqui, a saber se tem de se chamar atenção ou não,* ok?! E temos que acabar essa coisa, porque assim perdem a personagem e eles o papel

deles e construírem a sua personagem, parem com isso – porque acontece esse nível de poder é que estraga as relações humanas eu sou trabalhador, eu ganho mais do que tu, eu sou mais do que tu, portanto eu vivo no 2º andar, eu tenho um jardim, fecho o jardim e vou fazer qualquer coisa, eu é que...

E – E principalmente os jovens apostam na mudança que os encaminhe para um futuro melhor pela via de uma atividade profissional?

e – A mudança... um dos miúdos que começou a trabalhar connosco em cenários, entretanto ele já saiu, encontrou outra coisa a... vimos que ele arranjou emprego numa fabrica a cortar madeira para fazer mobília – então quando estavas connosco a trabalhar dizia – não tenho jeito e agora... ah, fugiu e foi trabalhar para a tal fabrica – mas aquilo é um trabalho duro....dizia ele! Mas qual trabalho é que não é duro? todos os trabalhos são duros o que interessava era fazer um trabalho que gostes... e gosta de fazer aquilo!! Gosta, aquilo está sempre bem... e tal... e foi uma das coisas que nos sentimos...agora já saiu de lá, ia para Sobrado, pois os transportes... não sei quê... saiu de lá, mas foi uma das coisas que eu senti, que a trabalhar connosco a fazer coisas, a parafusar e tudo...senão nunca tinha ido para esse trabalho, nunca pensava nessa perspetiva...

E – Apostou na mudança.

e – Claro, uma das coisas que mexeu muito comigo, foi, fizemos dois espetáculos do grupo profissional com as pessoas do bairro, um foi bullying, e o outro violência domestica – o do bullying houve um caso que...conseguiu identificar, não percebeu o que era chamar nomes a outra pessoa de forma continuada, não é? não percebia que era bullying, e depois colocar nas redes sociais aquela pessoa, e estar sempre a bater...era esse tipo de violência, e eles conseguiram depois do espetáculo, falar com eles e uma psicóloga pôs-se mesmo a falar com os jovens, e eles perceberam que uma das crianças que estava lá presente tinha feito esse tipo de violência, e ainda estava um vídeo dela, na altura de um miúdo fazer isso a uma miúda da escola, e conseguiram resolver isso entre eles, ele tirou o vídeo e pediu desculpa à outra miúda, e conseguiram resolver isso, e para nos foi uma das coisas que mexeu muito comigo. A outra, foi a violência domestica com um casal que vivia próximo de onde nos estávamos a trabalhar, eu conheço as duas pessoas, só as via nas atividades...a ela...o outro senhor aparecia lá de vez em quando, nunca quis participar, mas passado dois dias de nos fazermos o espetáculo sobre a violência domestica também perceberam e separaram-se, o homem saiu de casa, e foi fruto daquela

sessão sobre a violência domestica, existe uma violência domestica quando uma pessoa está sempre a denegrir o outro, e a outra, tens que fazer isto e aquilo, não é bater, isso já é o ultimo grau de violência domestica, mas há aqui uma dependência de dinheiro depois a outra pessoa sente-se com razão porque é ela que traz o dinheiro para casa, e essa violência é ...

E – Psicológica...

e – Psicológica, exatamente...e foi duas coisas que...não foi um trabalho direto com as pessoas a fazerem arte, mas assistirem à arte com objetivos muito específicos, não é?...no contexto social que houve ali uma transformação também.

E – Antes se calhar nem tinha consciência da violência que infligiam.

e – Sim, sim, a questão é que há sempre uma desculpa, não é? pois que...há sempre uma desculpa, por isto, por aquilo, e as vítimas de violência doméstica têm de alguma forma, tanto de resistência no tempo...da mudança porque acham...como arranjam desculpas...foi só agora, mas amanhã...isto não volta a acontecer...

E – Sem ofensa para ninguém, mas não acha que em Portugal, este tipo de violência parece que faz parte da nossa cultura, mas quando chega ao limite, não se devia ocultar?

e – Exatamente! Mas isso é o historial Salazarista, não é? a família...

E – Por último, como é que vê estes jovens, daqui por 15, 20 anos, qual será a sua história de vida?

e – Olhe, a...eu posso me incluir um bocadinho na historia...nasci num bairro, eu nasci num bairro, não é? eu acho que depende... a sociedade deve trabalhar toda para integrar em si, e muitas vezes falha essa integração, na escola os professores estão cheios de matéria e não conseguem incluir...têm que andar, têm que dar muita matéria, as outras pessoas que estão no comercio local, nos transportes muitas vezes... as pessoas, não têm tempo para darem a certas pessoas uma atenção extra a...isso provoca que se vão criando algumas inimizades entre nos e que...é assim, se nos temos um preconceito de uma pessoa numa determinada coisa...essa pessoa ainda pode aprofundar cada vez mais esse preconceito e devolver-me uma coisa pior do que nos até demos...a...temos que parar um bocadinho no tempo e termos mais tempo para as pessoas que estão à nossa volta...e isso vai fazer a diferença, porque... se eu sou do bairro...os meus pais não tinham capacidade financeira, não tinham, não tinham capacidade financeira para sair do

bairro...mas eu consegui sair do bairro antes de meus pais saírem do bairro, andei a estudar porque fui influenciado pelos meus pais...

E – Tive conhecimento de que fez a Escola de Artes Soares dos Reis no Porto.

e – Exatamente, e que é uma coisa que foge um bocado ao preconceito de que uma pessoa que saia do bairro não pode ir para a Universidade para as Belas Artes...não ganhar dinheiro vais continuar no bairro...o que aconteceu, foi que eu consegui porque os meus pais acreditaram em mim. Eles só diziam...olha nos vamos deixar-te fazer o que tu queres, mas tens que pensar numa coisa...nos não vamos estar aqui sempre para te apoiar e para te dar dinheiro, tu tens que arranjar o teu dinheiro a partir de uma certa altura, nunca disseram sai de casa, nunca disseram nada disso, nos estamos aqui para te apoiar nas tuas decisões, mas tens responsabilidades das tuas decisões, decidiste ir para a Arte tens que saber que precisas ganhar dinheiro com a Arte, isso cria um nó na garganta, é claro!.. eu tenho que conseguir , eu tenho que conseguir – e comecei a trabalhar em teatro, comecei a trabalhar e comecei a ganhar dinheiro – trabalhar em teatro normalmente era flutuante...uns meses ganhava, outros meses não ganhava, tinha meses que não ganhava nada mas consegui sair de casa com 19 anos, fui viver com outros colegas da Universidade e trabalhava ao mesmo tempo à noite para pagar as propinas e ter a casa, mas que foi uma coisa minha e fui muito apoiado por pessoas que estavam na Universidade comigo, portanto esse apoio porque gostava muito...mas porque fui apoiado pelos meus pais e é fundamental termos pessoas à nossa volta que acreditem que nos conseguimos fazer porque se eles acreditam em nos, nos conseguimos fazer porque nos muitas vezes temos duvidas em relação ao nosso percurso, não é? e as pessoas que estão à nossa volta nos disserem, não, se calhar não deves fazer isso, e nos não podemos ir abaixo porque esse apoio em relação a sociedade e alguém é fundamental...

E – Claro.

e – E estarem atentos e estarem a ouvir e a perceberem que...mas isto não funcionava com toda a gente, e o meu caso pessoal, se calhar há pessoas que precisam de ser mais espicaçadas para acreditarem nelas ...nos no Teatro aprendemos muito como atores...nos precisamos de dar mais miminho a uns e ser mais brutos com outros, porque tem a ver com a nossa matéria humana, não é? com a nossa historia...nos tentamos a nível de governos de um país a...faz-se isto porque fazem com que haja mais produção, porque as pessoas estão ali...algumas acreditam naquelas coisas...e tudo...não dá pra toda a gente,

não é? não dá para toda a gente ter sucesso... mesmo em teatro; nós temos essa... ao trabalharmos com as pessoas percebemos que o que se faz ou trabalha com uma pessoa e o que se faz e trabalha com outra pessoa ...

E – Obrigadíssima!

e – Obrigado eu também.
